



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo



MARIANA KULISCH

DIRETRIZES PARA ELABORAÇÃO DE UMA **SINAGOGA**

CURITIBA

2009

MARIANA KULISCH

DIRETRIZES PARA ELABORAÇÃO DE UMA **SINAGOGA**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR:

Prof. Ms Emerson José Vidigal

CURITIBA

2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2009.

Dedico este trabalho

*Aos meus pais, pela educação disposta todos esses anos,
pela paciência, participação e estímulo.*

À minha irmã, por seu companheirismo.

Aos meus tios, pelas diversas formas de contribuição.

Às minhas avós pelo carinho.

Aos meus primos pela colaboração.

Aos meus amigos pela cumplicidade e apoio.

Ao Rodrigo, pelo constante interesse e incentivo.

Agradeço este trabalho

*Ao meu orientador Prof. Ms Emerson José Vidigal, pela paciência,
disposição e apoio ao longo das orientações.*

*A todos os meus professores durante a faculdade, por fomentarem minhas
buscas pelo conhecimento, em especial à Prof^a Madianita Nunes da Silva.*

*A todos os funcionários do IPPUC que compartilharam comigo sua
sabedoria, em especial aos arquitetos Antonio Taboada e Mauro
Magnabosco pelo ensino e incentivo e à Olga Ronconi pelo interesse e
dedicação.*

*Ao arquiteto Michel Gorski pela disponibilidade em compartilhar comigo
suas experiências.*

*À arquiteta Zélia Magalhães por seus ensinamentos e sua assistência
no início de minha jornada.*

*A arquitetura do futuro será, pela primeira vez na história, inteiramente
arquitetura, espaço em si próprio, sem prescrições.
Frank Lloyd Wright*

RESUMO

Este trabalho define diretrizes para o desenvolvimento do projeto arquitetônico de uma Sinagoga em Curitiba. Para isso, estuda o surgimento e evolução da tipologia arquitetônica ao longo do tempo, bem como o histórico da comunidade judaica em Curitiba. Com a análise de obras arquitetônicas correlatas e da realidade em que será inserida a sinagoga, em especial seu sítio de implantação, o bairro Centro, completa-se o corpo de embasamento teórico para a delimitação das linhas básicas de projeto.

ABSTRACT

This paper sets guidelines for the development of the architectural design of a synagogue in Curitiba. In order to fulfill this objective, it studies the emergence and evolution of architectural typology over time, as well as the history of the Jewish community in Curitiba. The analysis of correlated architectural works and the context where the synagogue will be inserted, in particular its implantation, the Central district, will complete the structure of theoretical basis for the delimitation of the basic lines of the project.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁG.
1	Esquema metodológico	2
2	Estrutura do trabalho	3
3	Judaísmo	5
4	Interior da sinagoga Francisco Frischmann com seus elementos demarcados	9
5	Reconstrução do Tabernáculo, século XIX	11
6	Maquete do Tabernáculo	11
7	Maquete do Tabernáculo	12
8	Mapa das Doze Tribos	13
9	Templo de Salomão, planta esquemática	15
10	Planta esquemática, Templo de Herodes	16
11	Templo de Herodes	17
12	Detalhe do arco de Tito, em Roma	18
13	A Cúpula do Rochedo, Jerusalém	19
14	Muro das Lamentações, Jerusalém	20
15	Reminiscências da sinagoga de Chorazin	22
16	Fachada da sinagoga Kefar Birim	24
17	Maquete da sinagoga de Dura-Auropos, Síria	24
18	Sinagoga Capernaum construída no século I d.C.	25
19	Mosaico da sinagoga de Maon, século VI d.C.	26
20	Mapa da Europa com as regiões de Ashkenaz e Sefarad delimitadas	28
21	Mapa da Alemanha e regiões vizinhas	29
22	Região da Renânia e suas cidades com maior concentração de judeus	29
23	Fachada da sinagoga de Worms	31
24	Salão de rezas da sinagoga de Worms	31
25	Arca da sinagoga Altneuschul	31
26	Fachada da Sinagoga Altneuschul	32
27	Interior da Sinagoga Altneuschul	32
28	Antiga sinagoga de Kazimierz	32
29	Mapa da Europa com a Península Ibérica destacada	34
30	Sinagoga Santa Maria La Blanca	35
31	Planta e corte da sinagoga Santa Maria La Blanca	35
32	Sinagoga El Tránsito	36
33	Sinagoga de Córdoba	37
34	Sinagoga de Córdoba	37
35	Scuola Tedesca	39

36	Planta Scuola Tedesca	39
37	Scuola Spagnola	40
38	Planta Sinagoga Spagnola	41
39	Maquete da Grande Sinagoga Portuguesa	42
40	Interior da Grande Sinagoga Portuguesa	43
41	Interior da Grande Sinagoga Portuguesa	43
42	Sinagoga Bevis Marks	44
43	Sinagoga Bevis Marks, Londres	44
44	Fachada da sinagoga Kahal Zur Israel, Recife	44
45	Interior da sinagoga Kahal Zur Israel, Recife	44
46	Fachada da Sinagoga Mikve Israel, Curaçao	45
47	Interior da Sinagoga Mikve Israel, Curaçao	45
48	Esquema da bima entre as colunas	47
49	A grande sinagoga de Vilna. Aquarela J. Kamarauskas, 1899	47
50	Reprodução da pintura do teto da sinagoga de Chodorow, Polônia	48
51	Sinagoga em Wolpa	49
52	Maquete da Sinagoga de Wolpa	50
53	Corte da estrutura de madeira	51
54	Sinagoga Seitentettengasse, Viena	52
55	Sinagoga Seitentettengasse	52
56	Ilustração da sinagoga de Kassel, Alemanha	53
57	Sinagoga Central de Nova Iorque	54
58	Sinagoga Mourisca em Leipzig, 1855	54
59	Antiga Sinagoga em Dresden	55
60	Nova sinagoga em Dresden	55
61	Sinagoga em Dohany	56
62	Interior da sinagoga em Dohany	56
63	Sinagoga na Oranienburgerstrasse	56
64	Tempio Maggiore	57
65	Sinagoga em Cheetham	58
66	Sinagoga de Turin	58
67	Sinagoga de Princes Road	59
68	Detalhe da cúpula da sinagoga Princes Road	59
69	Interior da sinagoga Princes Road	60
70	Sinagoga Art Nouveau, Paris	61
71	Interior da Sinagoga de Hector Guimard	61
72	Sinagoga de Zilina, Eslováquia	62
73	Sinagoga modernista em Hamburgo, 1930	62
74	Sinagoga Dollis Hill, Londres	63
75	Sinagoga B'nai Amoona, de Erich Mendelsohn	64

76	Sinagoga B'nai Amoona, de Erich Mendelsohn	65
77	Vitrais de Marc Chagall na sinagoga do Hospital Hadassa, Jerusalém	65
78	Sinagoga Mikve Israel, 1962	66
79	Sinagoga Mikve Israel, 1962	66
80	Sinagoga de Walter Gropius, Baltimore, 1960	66
81	Sinagoga de Philip Johnon, Nova Iorque	67
82	Interior da sinagoga de Port Chester, 1954	67
83	Interior da sinagoga de Port Chester	67
84	Sinagoga Beth Sholom de Frank Lloyd Wright	68
85	Interior da sinagoga Beth Sholom	68
86	Interior da Sinagoga Belfast, 1964	68
87	Sinagoga em El Paso, Texas	69
88	Interior da Sinagoga Monte Sinai	69
89	Sinagoga Bat Yam, Califórnia	70
90	Sinagoga em Tel Aviv de Mario Botta	70
91	Croqui da Sinagoga Beth Sholom	73
92	Vista frontal e dos fundos da sinagoga Beth Sholom	73
93	Aresta decorada com menorah	74
94	Interior da sinagoga Beth Sholom	74
95	Vista Noturna da fachada	75
96	Esboço de Frank Lloyd Wright para a sinagoga	75
97	Fonte e entrada principal da sinagoga Beth Sholom	76
98	Planta Pavimento Térreo	76
99	Planta Primeiro Pavimento	76
100	Escada e pequena sinagoga	77
101	Corte Esquemático	77
102	Interior da sinagoga Beth Sholom	78
103	Arca e bima da sinagoga principal	78
104	Ornamento sobre a arca	79
105	Candelabro	79
106	Vista aérea da sinagoga Bait	80
107	Implantação da sinagoga Bait	81
108	Setorização	81
109	Pequena Sinagoga	82
110	Mikve feminina	83
111	Detalhe dos Vitrais de Sérgio Figermann	84
112	Vitrais de Sérgio Figermann	84
113	Hall de entrada do pavimento Térreo	85

114	Vitral de Renina Katz	85
115	“montanhas” de Lasar Segall	85
116	Interior da Sinagoga Bait	85
117	Fachada da sinagoga	86
118	Detalhe da cúpula dourada invertida	86
119	Interior da sinagoga Bait	87
120	Croqui inicial	88
121	Perspectiva do arquiteto Michel Gorski	88
122	Corte inicial	88
123	Fonte na entrada	89
124	Espécies Vegetais	89
125	Colocação de pedras pela comunidade no fundo da arca sagrada	89
126	Fachada da sinagoga Beth Sholom, em São Francisco	90
127	Foto aérea da sinagoga Beth Sholom	90
128	Implantação	91
129	Perspectiva da sinagoga	91
130	Setorização	91
131	Planta do nível da rua	91
132	Planta do nível do pátio	92
133	Planta do nível do balcão	92
134	Corte A	92
135	Corte B	92
136	Pátio da sinagoga Beth Sholom	93
137	Entrada Sinagoga Beth Sholom	93
138	Pátio da sinagoga	93
139	Interior da Sinagoga Beth Sholom	94
140	Fachada da sinagoga	94
141	Pequena sinagoga, no embasamento	94
142	Fachada da Sinagoga Amijai	95
143	Implantação da sinagoga Amijai	95
144	Cortes da sinagoga Amijai	96
145	Croquis da sinagoga Amijai	96
146	Construção da sinagoga Amijai	97
147	Interior da sinagoga Amijai	97
148	Foto aérea do centro de Curitiba de 1928	102
149	Retrato de 1945 da antiga sinagoga	103
150	Implantação da sinagoga Francisco Frischmann	105
151	Croqui indicando a monumentalidade da igreja, ao fundo	106
152	Mapa com equipamentos religiosos diversos, Curitiba	107

153	Mapa de equipamentos religiosos diversos	108
154	Equipamentos religiosos diversos	109
155	Fachada da Sinagoga Francisco Frischmann da Rua Cruz Machado	110
156	Fachada da Sinagoga Francisco Frischmann da Rua Saldanha Marinho	110
157	Nove regionais de Curitiba	113
158	Rua Saldanha Marinho na área central	114
159	Vias que tangenciam o centro	115
160	Vias que cruzam o centro	115
161	Vias que chegam e saem do centro	115
162	Vista da Rua Saldanha Marinho	116
163	Vista da Rua Cruz Machado	116
164	Planta da quadra da sinagoga com cotas e curvas de nível	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	01
2	CONSIDERAÇÕES GERAIS	04
2.1	Sobre Locais de Culto	04
2.1	Sobre o Judaísmo	05
3	CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA	08
3.1	Surgimento das Sinagogas	10
3.2	As Primeiras Sinagogas	22
3.3	As Sinagogas no Período Medieval	28
3.3.1	Ashkenaz	29
3.3.2	Sefarad	34
3.3.3	Itália	38
3.4	As Sinagogas nos séculos XVI, XVII e XVIII	42
3.4.1	Holanda e Portugal	42
3.4.2	Polônia	46
3.5	As Sinagogas no século XIX	51
3.5.1	Sinagogas Clássicas e Pós-Classicistas	51
3.5.2	Sinagogas Reformistas	53
3.5.3	Sinagogas em estilo Mourisco	54
3.5.4	Sinagogas no estilo Eclético	58
3.6	Sinagogas no século XX	60
3.7	As Sinagogas Brasileiras	71
3	ESTUDOS DE CASO	72
4.1	Sinagoga Beth Sholom, Pensilvânia, 1956	73
4.2	Sinagoga do Centro Bait	80
4.3	Sinagoga Beth Sholom, Califórnia, 2008	90
4.4	Sede Social para a Comunidade Amijai	95
4.5	Quadro Comparativo das Obras Correlatas	98
5	INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	99
5.1	A Comunidade Judaica de Curitiba	99
5.2	Locais de Culto no Centro de Curitiba	106

6	DIRETRIZES DE PROJETO PARA A SINAGOGA	111
6.1	Caracterização Locacional	112
6.2	Programa Básico de necessidade e pré-dimensionamento	118
6.3	Partido arquitetônico	120
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
8	REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	125
9	FONTES DE ILUSTRAÇÕES	128

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da conceituação da sinagoga enquanto espaço arquitetônico e religioso enfatizando seus aspectos históricos. Porém, mais do que uma pesquisa de conceituação teórica, busca-se aqui traçar diretrizes para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico ligado a essa questão: uma sinagoga em Curitiba localizada em um terreno já simbólico para a cidade, que seja capaz de promover o diálogo, a inclusão e a paz na medida em que consiga ser aberta a todos, dando exemplo no esforço pela manutenção do respeito mútuo entre as religiões.

Para estudar a sinagoga como elemento arquitetônico, foram utilizados dois critérios que se complementam:

O primeiro, de caráter mais amplo, busca elaborar um levantamento teórico sobre o surgimento das sinagogas no tempo e sua conformação no espaço. Quatro sinagogas foram escolhidas para serem estudadas com profundidade, a fim de se deter a compreensão global de seus contextos. Para tanto, foram consultadas fontes bibliográficas, entrevista com o rabino de Curitiba, Pablo Berman, entrevista com o arquiteto responsável pelo estudo de caso nacional, Michel Gorski, e análise de obras correlatas ao tema de sinagoga.

O segundo, mais específico, procura vincular o conhecimento adquirido à área específica de interesse do projeto. Faz-se a interpretação da realidade sintetizando as reflexões apontadas na revisão bibliográfica, e onde se indicam, também, as proposições construídas no decorrer da pesquisa. Contou-se com estudos produzidos pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), entrevistas realizadas com seus arquitetos e com sua assistente social Olga Ronconi. Fez-se também um levantamento fotográfico da área a ser implantado o projeto e uma entrevista com o gerente de segurança da comunidade judaica, Átila Córdova.

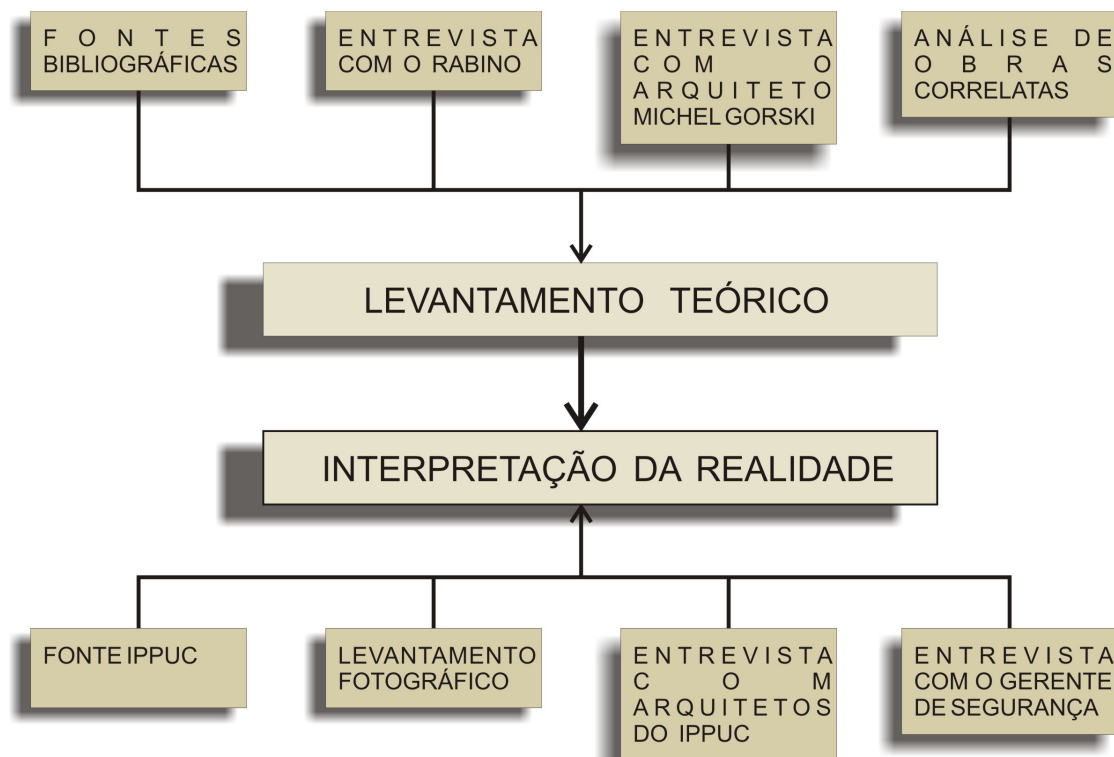


FIGURA 1 – Esquema metodológico
(FONTE: a autora, 2009)

A fim de que se construa um pensamento ordenado em relação ao tema, este trabalho é dividido em cinco capítulos, partindo de uma visão geral para específica.

Os capítulos dois e três tratam da parte histórica do trabalho. Enquanto no segundo são abordados preceitos gerais do judaísmo e de espaços de culto, o terceiro encarrega-se de falar sobre a história judaica e sua relação no surgimento e evolução das sinagogas, sempre influenciadas pelo contexto político de suas épocas.

Com esses conhecimentos de conceituação temática, torna-se possível analisar os casos correlatos selecionados, internacionais e nacionais num total de quatro. O primeiro escolhido foi a sinagoga Beth Sholom de Frank Lloyd Wright como uma das sinagogas mais simbólicas já construídas. Em seguida o exemplo nacional da sinagoga BAIT, em São Paulo, com sua poética espacial em ambiente urbano. O terceiro estudo de caso analisa a sinagoga Beth Sholom na Califórnia como um exemplo contemporâneo da inserção em um contexto urbano consolidado. Por

último, a sinagoga Amijai em Buenos Aires com sua intrigante implantação em miolo de quadra.

Da mesma maneira que cada um dos casos estudados é marcado por um contexto, antes de iniciar o projeto é necessário explicitar onde a obra se insere, as razões e as suas condicionantes. O quinto capítulo traz o histórico da comunidade judaica em Curitiba, sua formação e seu desenvolvimento, bem como suas questões atuais. Analisa também a questão simbólica do bairro Centro, com a inserção de equipamentos religiosos diversos que promovem a convivência e a paz.

Concluindo este trabalho, o último capítulo relaciona as diretrizes gerais para o projeto da sinagoga, levando em consideração a caracterização do local em todos os seus aspectos, o público que a utilizará e o programa de necessidades com seu pré-dimensionamento.

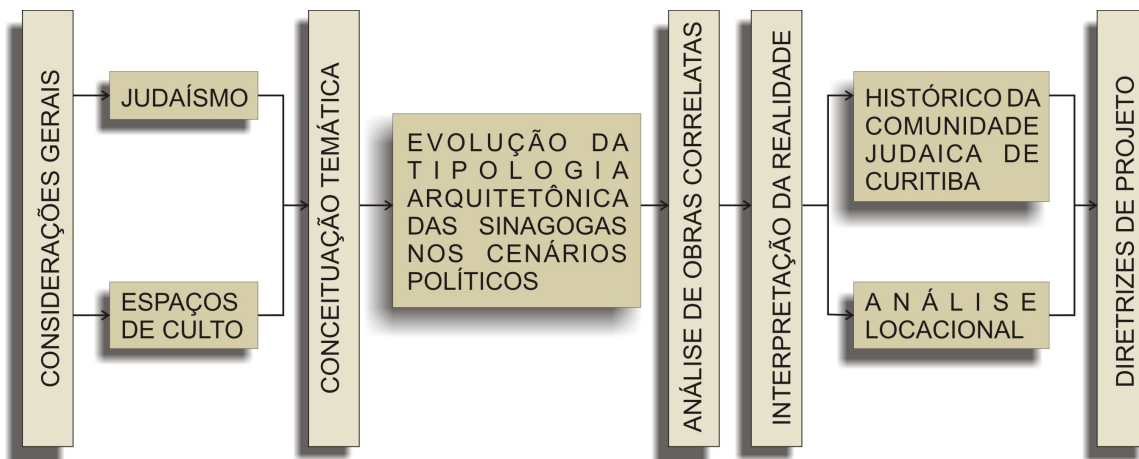


FIGURA 2 – Estrutura do trabalho
(FONTE: a autora, 2009)

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1 Sobre locais de culto

Os locais de culto tendem a incorporar o lado espiritual da arquitetura.

Para PERMAN (2006), alguns dos edifícios mais extraordinários já construídos são casas de culto. Concebidos como a encarnação física de um sistema de crenças, estes exemplos de arquitetura religiosa erguem-se impressionantes e imponentes às vezes por séculos após suas construções. Os templos do antigo Egito, pensado para ser a morada dos deuses, ainda refletem o poder dos faraós.

No agitado cenário urbano de Atenas encontra-se o Parthenon. Construído na Acrópole no século V a.C., serviu como um tesouro de construção e um local para venerar deuses. Hoje, é considerado o ponto alto da arquitetura grega, bem como um símbolo da Grécia Antiga.

Ainda de acordo com PERMAN (2006), os locais de culto são um lugar onde os seres humanos podem comunicar-se com outros mundos. Eles podem ser pequenos e austeros, ou grandes como as catedrais góticas da Europa.

A geografia e o tempo naturalmente influenciaram a arquitetura religiosa. Os arcos, as abóbadas e as cúpulas das mesquitas foram influenciados principalmente por construtores Bizantinos. Por outro lado, sinagogas ortodoxas incluem uma versão do Tabernáculo, o local de culto portátil utilizado pelos hebreus durante seu êxodo do Egito, e sua maioria adotou os elementos arquitetônicos dos países e culturas em que estão.

Do mesmo modo, as casas de culto construídas mais recentemente refletem suas tecnologias e materiais modernos de construção. Muitas ainda integram símbolos tradicionais e elementos como bancos, minaretes, campanários, torres sineiras, divindades, frisos esculturais, santuários, e arcos, ainda assim, podem desviar das convencionais noções religiosas na arquitetura.

Conforme OBA (1998, p.96.) a construção de um santuário tem o sentido de ação fundamental da existência religiosa. “Eis o porquê da importância destas construções como concretização de marcos referenciais primordiais de qualquer assentamento humano. O limiar de um templo marca a passagem do profano ao sagrado. O interior da igreja é o espaço da transcendência (...) através do qual se faz a comunicação com a divindade.” Todos os locais de culto representam uma ponte entre o físico e o espiritual.

2.2 Sobre o Judaísmo

A religião judaica foi a primeira religião monoteísta da história do mundo civilizado. Baseia-se no culto a Deus onipresente, onipotente e onisciente, criador de todos os seres. Essa conceituação abomina a idolatria a uma imagem ou escultura e qualifica o homem como um ser superior a todos os outros seres vivos, pois foi criado à imagem divina. Antes da bíblia escrita, os valores judaicos eram passados de geração em geração de forma oral, constituindo um conjunto de conhecimentos chamado *halachá* (lei oral), fonte de rituais e costumes na obediência aos mandamentos judaicos. Estes mandamentos foram estabelecidos após a saída do povo de Israel do Egito, onde, pela primeira vez, a ideia de nação judaica ficou conhecida. No monte Sinai, a entrega dos dez mandamentos estabeleceu um código de conduta e ética que caracteriza e simboliza todo o mundo judaico.



FIGURA 3 – Judaísmo
(FONTE: a autora, 2009)

A bíblia judaica (*Torá*) como é conhecida nos dias de hoje, foi escrita na época de Ezra e Neemias no primeiro grande exílio na Babilônia após a destruição do Primeiro Templo de Jerusalém. A observância desses preceitos e costumes forma a linha mestra do comportamento judaico ao longo de todos os milênios. Por isso, o povo judeu também é conhecido como o povo do livro, que contem exatamente a sua história em todas as suas nuances.

Além da Bíblia, a grande obra desta época foi o *Talmud*, conhecido como *Talmud* da Babilônia, onde, pela primeira vez, foi feita uma interpretação e análise da Bíblia, traduzindo um código de conduta de comportamento como as leis alimentares judaicas e o realce da responsabilidade social segundo o direito hebraico.

“A Bíblia judaica é usualmente chamada *Tanakh*, acrônimo formado das iniciais hebraicas das três divisões das Escrituras judaicas: *Torá* (Pentateuco), *Nevi'im* (Profetas) e *Ketuvim* (Escritos).”
SELTZER (1990. p.3.)

A *Torá* é o Pentateuco ou Cinco Livros de Moisés. É constituída da Gênese (criação do universo e a origem da humanidade); Êxodo (nascimento e juventude de Moisés, partida dos israelitas do Egito e permanência no Monte Sinai); Levítico (no Monte Sinai); Números (israelitas deixam o monte Sinai e vagueiam pelo deserto ao sul de Canaã) e Deuteronômio (ao fim de 40 anos de peregrinação pelo deserto, Moisés reitera aos israelitas as instruções divinas). A *Torá* termina com a morte de Moisés. A segunda parte chama-se *Nevi'im* ou profetas, que se dividem em livros dos profetas anteriores e profetas posteriores. A terceira parte é formada pelos Ketuvim ou escritos, que são obras de várias espécies que contêm material das primeiras às últimas fases da história bíblica, como os Salmos, os Provérbios e as cinco *megilot* (rolos)

O judaísmo traz uma idéia libertadora de valores rígidos instituídos pelas sociedades vigentes, através da interpretação do livre arbítrio, conceito que aparece na Bíblia. A *Torá* faz referência à satisfação de Deus pela sua obra em cada dia da criação. Porém, quando Ele criou o homem, não houve essa manifestação. Isto é, cabe ao homem completar, através de suas atitudes livres, a obra divina.

Após a destruição do Primeiro Templo, em 587 a.C as rezas passaram a substituir os sacrifícios de animais realizados no antigo altar. As rezas são ditas diariamente três vezes ao dia: manhã, tarde e noite. O número mínimo de pessoas para o serviço religioso público é de dez homens acima de treze anos. Este número constitui o *minian*, ou quórum. Não é necessário haver um rabino para conduzir o serviço. As rezas podem ser realizadas em qualquer lugar. Não se necessita de uma sinagoga, porém se for ocasião de leitura da *Torá*, causaria estranheza não haver uma arca para abrigá-la. A arca contém o maior tesouro da sinagoga: rolos de pergaminho que contêm o texto do Pentateuco, escritos a mão no hebraico original. Cada rolo é revestido em um manto de veludo, e coberto por uma coroa de prata ou por ornamentos de prata pendurados com pequenos sinos.

O Pentateuco é dividido em cinqüenta e quatro partes, a serem lidas ao longo do ano judaico. O serviço matinal de sábado é a grande ocasião de leitura da porção semanal da *Torá*. O calendário judaico é lunar e não solar, e ocasionalmente possui cinqüenta e quatro semanas, quando um mês extra é acrescentado nos anos bissextos, para manter a sincronia com as estações do ano. Portanto, em anos comuns, as porções são dobradas algumas vezes para permitir que as cinqüenta e quatro partes sejam concluídas no tempo previsto.

3. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

A palavra sinagoga é originária da expressão grega *synagein*, que significa “reunir-se”. Em hebraico, sinagoga recebe o nome de *Beit Knesset*, בית כנסת, que quer dizer Casa da Assembléia ou Casa de Reunião.

Segundo EKERMAN (2007), o edifício da sinagoga possui três propósitos distintos: servir como casa de orações, casa de estudos e ponto de encontro da comunidade.

O primeiro, *Beit Hatfilah*, é o local onde as preces direcionadas a D’us são realizadas. O segundo, *Beit Hamidrash*, é o local onde se estuda a lei judaica, suas interpretações e comentários a fim de se construir as bases éticas e morais da religião judaica. O terceiro, *Beit Haknesset*, é o local de debates, reuniões e tomadas de decisões.

A sinagoga, como local de orações, representou um conceito revolucionário para sua época, tendo surgido após a destruição do primeiro Templo, no qual apenas os sacerdotes tinham acesso à morada de D’us.

Com a destruição do Templo e a expulsão de Canaã, os judeus foram obrigados a cultivar seus preceitos de maneira alternativa, utilizando um novo edifício para os atos de devoção. Em substituição aos sacrifícios foram introduzidas as preces, para manter a memória dos rituais do antigo Templo.

“A sinagoga é sagrada somente em virtude do uso que se faz dela, como estudo religioso e orações. Porém, embora relevante em seu papel, não constitui a parte central do judaísmo, que está baseado na *Torá*, escrita e oral.”

(CHABAD, 2009)

Conforme CHABAD (2009), toda a sinagoga contém os seguintes elementos:

- Arca Sagrada (*Aron HaKodesh*): um armário, ou um recesso na parede, coberto por uma cortina, no qual são guardados os Rolos de

Torá . O *Aron HaKodesh* é colocado em uma parede de forma que a congregação ao se voltar para ele, esteja em direção à Jerusalém.

- Luz Eterna (*Ner Tamid*): uma lâmpada colocada acima e em frente da Arca Sagrada. É deixada sempre acesa.
- *Bima*: plataforma sobre a qual há uma mesa onde a *Torá* é lida para a congregação.
- Candelabro (*Menorá*): Embora não seja essencial, geralmente há uma *menorá* remanescente da *menorá* de sete braços do Templo, colocada em local proeminente perto do *Aron HaKodesh* ou da *bimá*. (Para não replicar aquela usada no Templo, é usada uma *menorá* de seis ou oito braços).
- Seção para mulheres (*ezrat nashim*): aspecto antigo e representativo na sinagoga ortodoxa e tradicional. Segue o padrão estabelecido no Templo Sagrado de Jerusalém, que possuía um *ezrat nashim*.

No interior das sinagogas os homens cobrem a cabeça numa atitude de humildade, de que perante Deus não há diferenças, todos são iguais.

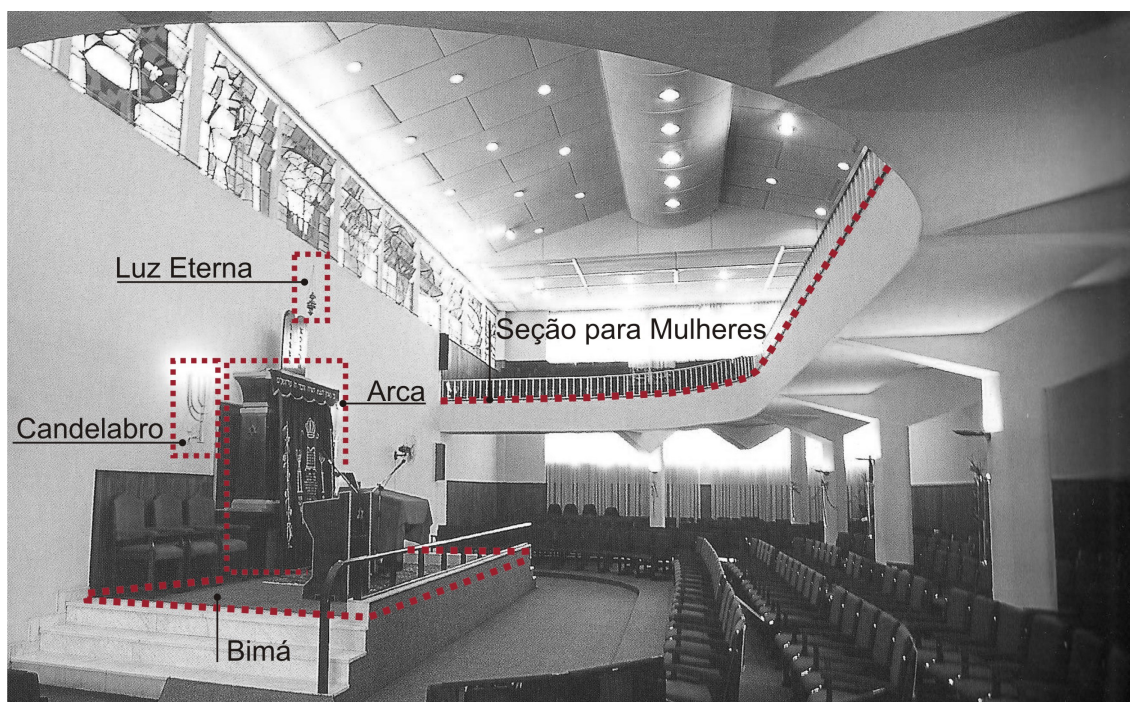


FIGURA 4 – Interior da sinagoga Francisco Frischmann, em Curitiba, com seus elementos demarcados
(FONTE: a autora, 2009)

3.1 Surgimentos das sinagogas

A história judaica inicia-se com a criação do mundo por D'us, vista como um processo que levou sete dias. A narrativa avança com episódios como o dilúvio, a Torre de Babel e concentra-se nos patriarcas do povo judeu: Abraão, Isaac e Jacó. A transição da história universal para a história judaica inicia-se com um chamado divino recebido por Abraão. D'us o instrui a abandonar sua terra natal de Ur e direcionar-se à terra que ele e seus descendentes receberiam como herança divina. As rezas feitas hoje em dia nas sinagogas remetem-se diretamente ao D'us de Abraão, Isaac e Jacó. O modo de vida patriarcal era muito simples e não era ligado a nenhuma forma de construção. Eram nômades e possuíam apenas um altar, normalmente de pedra, levantado num local alto para serem oferecidos sacrifícios e feitas as rezas.

Durante a época de fome que atingiu a Palestina, Jacob e seus filhos foram ao Egito procurar comida e foram bem recebidos por José, filho de Jacob, conselheiro do faraó. Com a queda da atual dinastia no Egito, os bons anos dos hebreus chegaram ao fim. Os judeus foram escravizados por séculos, até serem libertados sob a liderança de Moises. No Monte Sinai, receberam as tábuas da lei contendo os 10 mandamentos, quadro básico de comportamento ético, ponto importante na criação de uma nação judaica e na história da humanidade.

Os judeus permaneceram no deserto por 40 anos, olhando todos os dias para a montanha onde D'us havia entregado sua lei. Porém, quando eles chegassem ao local prometido, precisariam ter um símbolo da presença divina para manter a identificação e os laços. Essa função foi cumprida pelo Tabernáculo.

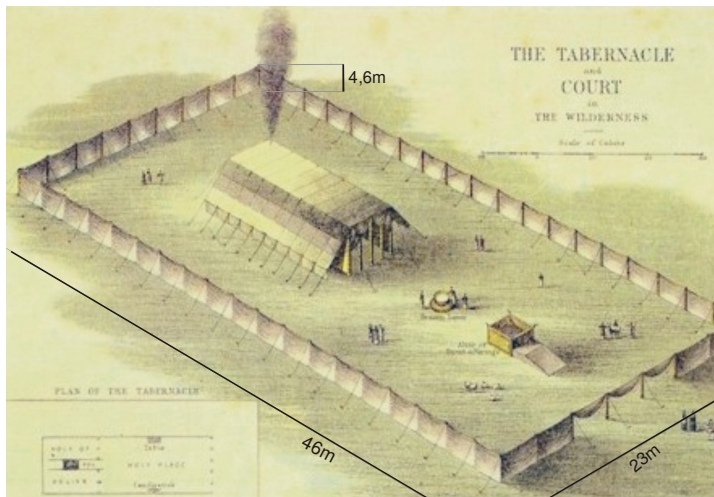


FIGURA 5 – Reconstrução do Tabernáculo, século XIX
(FONTE: MEEK, 2003, p.27)

De acordo com MEEK (2003), o Tabernáculo era uma tenda, um santuário portátil, desenhado para os nômades. Ele podia ser desmontado quando necessário e transportado para outras localidades. Foi o primeiro santuário que os hebreus construíram, sendo o antecedente do Templo de Jerusalém e de todas as sinagogas.

O sistema construtivo encontra-se inteiramente detalhado no livro Êxodos, que descreve um local cercado e descoberto. Relata-se um perímetro de 46m X 23m murado com 4,6m de altura e descoberto. As cercas eram de tecido com colunas de madeira em bases de bronze e com cordas presas na extremidade superior. A entrada deste recinto localizava-se no menor lado, ao leste, com paredes atarracadas levando a uma ampla abertura central de 9,2m de largura. Essa entrada era marcada por uma tela suspensa de tecido fino bordada em azul, roxo e vermelho.

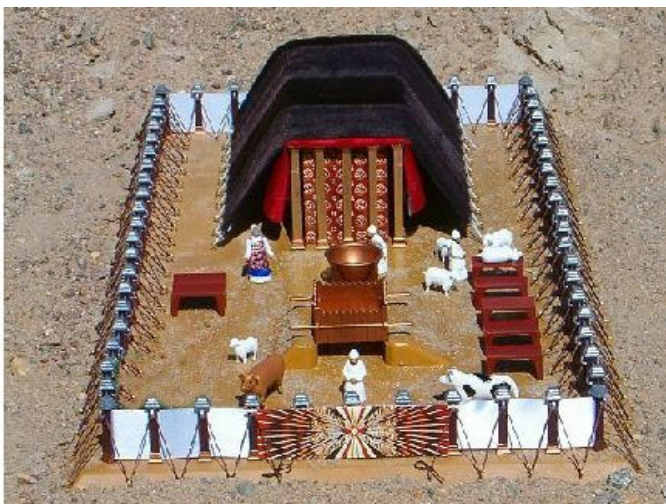


FIGURA 6 – Maquete do Tabernáculo
(FONTE: SARAPANPAGI, 2009)

Ao entrar na área cercada, a porção leste constituía um pátio em frente ao santuário. Neste pátio, alinhado ao vão de entrada, havia um altar de bronze para sacrifícios, e atrás dele, um lavatório de bronze para os *cohanim* (sacerdotes) lavarem seus pés e mãos antes de realizarem um sacrifício.

Atravessada esta primeira metade do terreno é que se chegava ao santuário propriamente dito, localizado na parte oeste do recinto: uma estrutura de 13,8m de largura, 4,6m de profundidade e 4,6m de altura, feita de ouro, madeira e prata. A estrutura era composta de ouro niquelado, barras de madeira montadas em fundações de prata. A rigidez lateral era garantida pelo uso de barras de madeira encaixadas em anéis de ouro. Esse sistema modular possuía vinte unidades nas paredes longas e oito nas estreitas. A frente do santuário não possuía estrutura aparente, e era fechada por uma tela. A cobertura era feita com diversas camadas de cortinas coloridas envolvendo figuras de anjos, recobertas por onze cortinas de pele de cabra, seguidas por uma camada de lã vermelha e finalmente pela camada mais externa que era impermeável.



FIGURA 7 – Maquete do Tabernáculo
(FONTE: SARAPANPAGI, 2009)

Internamente um véu dividia o santuário em duas partes de tal maneira que a parte íntima formava um cubo perfeito, conhecido como “santo dos santos”. Nele, localizava-se a arca sagrada contendo as tábuas da lei. A arca era uma caixa retangular de madeira de acácia revestida interna e externamente por uma camada de ouro puro. A utilização deste metal na construção do Tabernáculo é explicada pelo *midrash* (forma narrativa desenvolvida através da tradição oral, posteriormente compilada) na seguinte comparação: “Assim como se refina o ouro bruto de suas impurezas, de modo semelhante deveria o judeu tentar apurar-se cada vez mais, espiritual e moralmente”. Assim como o Tabernáculo, a arca era portátil, e equipada com quatro anéis de ouro maciço, dois de cada lado, pelos quais varas de madeira eram transpassadas para permitir seu deslocamento. A outra parte do santuário possuía um altar e um candelabro dourado.

O tabernáculo localizava-se no centro dos acampamentos das doze tribos, era o ponto de convergência de toda a Nação, e servia como centro espiritual, de culto e como a própria residência de D’us. Era um local onde todo o judeu poderia purificar-se, elevar seu espírito e conseguir o perdão divino.

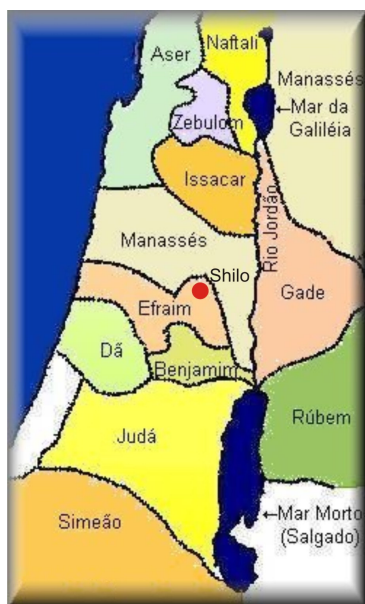


FIGURA 8 – Mapa das Doze Tribos
(FONTE: TEOLOGIA, 2009)

Segundo HERANÇA JUDAICA (2009), o *Midrash* alerta que tanto o Santuário do Deserto como o Templo, mais tarde, eram apenas representações materiais do “verdadeiro Santuário”, o lugar que D’us escolhera para habitar, que é o coração de todo judeu.

Sempre que o povo hebreu se mudava, o tabernáculo era desmanchado e embalado para ser transportado.

Os duzentos anos entre a entrada dos judeus em Canaã e a ascensão do reino hebreu foram marcados por épocas turbulentas sem haver um estado unificado. Passado esse período, o tabernáculo foi trazido para Shilo, uma localidade central dentro do território de

Efraim, da tribo de Josué.

Durante a era dos juízes que durou por volta de duzentos anos, os filisteus capturaram a arca e destruíram o santuário de Shilo. Foi formado o reino de Israel que, com David e Salomão, foi transformado de uma sociedade tribal para um dos mais poderosos estados do leste do Mediterrâneo com capital em Jerusalém. No reinado de Salomão foi construído o Templo de D'us.

Conforme MEEK (2003), o Templo de Salomão demorou sete anos para ser construído, e foi instalado no mesmo local onde Abraão oferecera Isaac e onde estava o Tabernáculo.

Em vários aspectos a construção do primeiro Templo era uma versão em pedra do santuário do tabernáculo.

Era uma estrutura retangular que media 41,4m X 13,8m e envolvida em três lados, totalizando as mesmas dimensões do tabernáculo, de 46m X 23m.

A medida interna do bloco principal de 9,2m era o vão máximo conseguido sem suportes intermediários.

A entrada estava a leste, no lado menor, entre duas colunas de 8,3m de altura. Internamente, o primeiro recinto, medindo 9,2m X 4,6m, separava o sagrado do profano através de uma parede de 3m de espessura. No meio desta parede havia uma abertura de 9,2m de largura, que podia ser fechada por duas portas de madeira. A sala seguinte era o maior recinto, medindo 18,4m X 9,2m e com 13,8m de altura, e nela eram feitas as rezas. A iluminação se dava através de clerestórios, janelas altas. O último cômodo era um cubo perfeito de 9,2m de lado, o “santo dos santos”. Lá se encontrava a arca sagrada, coberta por duas asas de querubins esculpidas na madeira.

O Templo possuía dois altares. Um pequeno, antes do “santo dos santos”, feito de madeira e revestido de ouro, e um altar de bronze para as oferendas e sacrifícios.

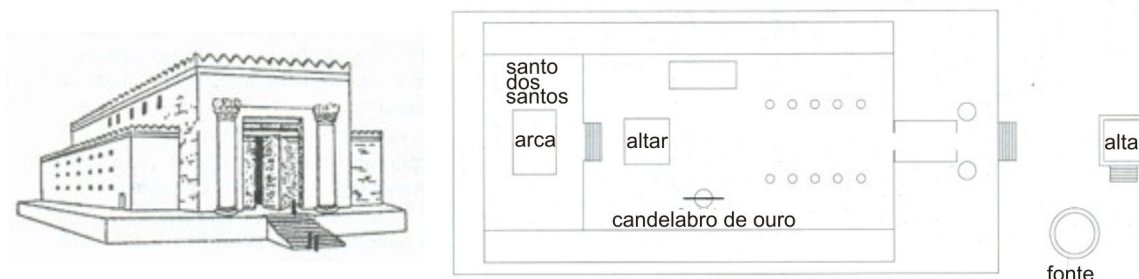


FIGURA 9 – Templo de Salomão, planta esquemática
(FONTE: a autora, 2009)

Após a morte de Salomão em 922 a.C, seu reino foi dividido em dois: Judá ao sul com capital em Jerusalém, e Israel ao norte com capital em Shchem. Em 722 a.C o reino do norte foi devastado pelos Assírios, e em 586 a.C o reino do sul foi invadido por Nabucodonossor. Toda a cidade de Jerusalém foi destruída, inclusive o Templo de Salomão, e o povo levado para o exílio da Babilônia, que durou cinquenta anos.

Para MEEK (2003) foi neste período sem Templo que provavelmente surgiram as primeiras sinagogas, para focar a religião, e funcionar como ponto de encontro dos judeus para a realização dos serviços religiosos.

Nas palavras de SELTZER (1990), o único lugar para as oferendas de sacrifícios era o Templo de Jerusalém, o culto dos exilados consistia aparentemente de prece, confissão, jejum, honra ao *shabat* (dia do descanso), e recitação dos textos sagrados.

Em 538 a.C. Ciro da Pérsia invadiu a Babilônia e autorizou os povos ali exilados a retornarem às suas terras de origem. Quarenta mil judeus voltaram, e levaram consigo navios que Nabucodonossor havia saqueado e a promessa de Ciro de um subsídio para a reconstrução do Templo.

Carpinteiros e marceneiros foram contratados e no segundo ano do retorno à Canaã, começaram a reconstrução do templo. Novamente foi feito um muro retangular, e o Templo ocupando outra porção retangular do terreno, e sendo dividido novamente em dois cômodos. Porém, este não poderia ser comparado ao Templo de Salomão pelos acabamentos, pelo uso do ouro e etc. Entretanto, à medida que o país se recuperava da devastação babilônica, muito foi feito para embelezar o segundo Templo.

Em 175 a.C. Antiochus IV assume o reinado dos gregos, e emite um decreto proibindo a religião de outros povos. Baniu o ensinamento e a prática do Judaísmo e ordenou a profanação do Templo de Jerusalém. Este fato desencadeou a revolta dos Macabeus que derrotaram o exército grego. Após três anos de lutas, Jerusalém foi libertada. O Templo, que tinha sido profanado, foi purificado e rededicado a D'us. Foi durante este período que ocorreu o milagre de *Chanuká*, uma pequena ânfora de azeite usada pelo Sumo Sacerdote para acender a *Menorá* no Templo, que teria sido suficiente para apenas um dia, ardeu milagrosamente por oito dias.

No ano 20 a.C., sob o domínio de Herodes, foi feita uma suntuosa reforma no Templo, delimitado por quatro enormes muralhas (uma das quais é o muro das lamentações, único vestígio do Templo que existe até os dias de hoje). Esse espaço passou a ser aberto a todos, inclusive a não-judeus, com apenas uma área restrita. Esta reforma fez com que a cidade atraísse centenas de milhares de peregrinos. Em festas religiosas como o *Pessach*, que comemora a saída dos judeus do Egito, a população saltava de 120 mil para 600 mil pessoas. Herodes usou sua influencia como rei e amigo do imperador Augusto para proteger os judeus na diáspora.

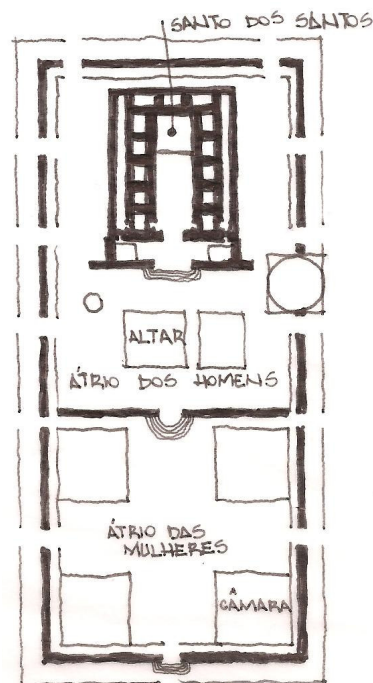


FIGURA 10 – Planta esquemática, Templo de Herodes (FONTE: a autora, 2009)



FIGURA 11 – Templo de Herodes
(FONTE: ESPAÇO DE VIDA, 2009)

Como descreve MEEK (2003), o templo fora construído com pedra branca, e incluía uma ampla entrada de 46m de largura sucedida por uma mais estreita de 32m. A fachada era articulada por uma gigante ordem de colunas coríntias. Internamente, o hall de entrada, que embora muito largo tivesse apenas 5m de profundidade, era adornado

por coroas de ouro suspensas. Os grandes portões do santuário estavam atrás do hall de entrada. A câmara do santuário possuía paredes revestidas de ouro e era dividida entre a primeira porção, que continha o candelabro dourado e o altar de incenso, e o santo dos santos na extremidade final, delimitado por uma cortina, e que estava vazio. Uma equipe de mil sacerdotes foi treinada para construir a parte sagrada, e eles ainda estavam finalizando sua obra na época em que o segundo Templo foi destruído.

Com a morte de Herodes, o reino judaico foi novamente submetido ao status de província da Síria, comandado pelos romanos. Os judeus se revoltaram e, após quatro anos, foram vencidos por Tito. Tiveram seu templo destruído, bem como a cidade de Jerusalém, e mais de 110.000 pessoas mortas e 97.000 escravizadas em 70 d.C. No arco de Tito, em Roma, há a imagem de soldados romanos levando vários utensílios do Templo, inclusive o candelabro da entrada.



FIGURA 12 – Detalhe do arco de Tito, em Roma
(FONTE: BACHILLER, 2009)

“Sem Templo, já não é possível realizar sacrifícios nem armazenar riquezas, organizar permutas ou sacralizar contratos. Por isso, os rabinos transferem às sinagogas uma parte das competências do Templo. Eles explicam que a *tsedaká*, a solidariedade, mais necessária do que nunca, substitui os sacrifícios e, por si só, garantirá a expiação dos pecados. Contudo, em nenhum momento se pensa em reproduzir nas sinagogas o ideal de esplendor do Templo: elas devem manter-se simples e as rendas dos rabinos, limitar-se a um montante dez vezes inferior, em média, ao que outrora cabia aos levitas. Começa o judaísmo sem Templo, no qual, a prece substitui o sacrifício.” (ATTALI, 2003, p.99)

Sessenta anos após a destruição do segundo templo suas ruínas foram visitadas pelo imperador Adriano, que decidiu reconstruir a cidade. Porém esse esquema foi anulado por *Bar Kochvá* e seus adeptos, que pretendiam reconstruir o Templo. Após suas construções terem sido derrubadas, uma nova cidade pagã foi construída no local do antigo templo: Aelia Captolina. Sob o domínio de Constantino,

no século IV d.C. o cristianismo substituiu a antiga religião pagã como oficial do império romano, e Jerusalém recuperou o seu antigo nome.

Conforme MEEK (2003), em 638 d.C. deu-se a conquista de Jerusalém, então dominada pelos bizantinos, pelos árabes comandados pelo califa Omar. Após cinquenta anos, o califa Abd-al-Malik viu-se confrontado com um concorrente para o seu gabinete, que trabalhava em Meca. Para preservar seu povo de possíveis influências de revoltas enquanto faziam a peregrinação à Meca, ele determinou a criação de uma alternativa que superasse a Caaba (lugar mais sagrado do Islã, um grande edifício no interior do cubo al-Masjid Al-Haram em Meca), como uma meta de peregrinação e direção para a oração. Para este propósito, escolheu o afloramento rochoso em Jerusalém que serviu de fundação para o altar das oferendas dos sacerdotes judeus, além de ser onde os judeus acreditavam estar o túmulo de Adão e relacionavam ao local do sacrifício de Isaac, e, segundo os muçulmanos, foi o ponto de onde o profeta Maomé ascendeu aos céus. Em 691 d.C. fora erigida a Cúpula do Rochedo pelo califa, que posteriormente deu o nome à mesquita. Foi construída como seu santuário, de planta octogonal, constituído a partir de dois deambulatórios concêntricos com uma cobertura feita por uma cúpula. A decoração é ornada por jogos de mármore coloridos e mosaicos de motivos florais. O Domo da Rocha da Mesquita de Jerusalém assume-se como o maior monumento do Islã. Durante as Cruzadas, sua arquitetura serviu de exemplo para a construção de diversas igrejas pela Europa como sendo a imagem do templo de Salomão. Porém, os judeus não se deixaram enganar, e sabiam que a única parte que restou do Templo fora o Muro das Lamentações.



FIGURA 13 – A Cúpula do Rochedo, Jerusalém
(FONTE: RELIGIOES, 2009)

Como define MEEK (2003), o surgimento do movimento sionista foi impulsionado pela mistura de um sentimento nacionalista e religioso com a miséria econômica e social. Quando a Palestina foi conquistada dos turcos pelos britânicos em 1917, sua população judaica era de 80.000 judeus. Quando os britânicos partiram em 1948, havia mais de meio milhão de judeus na Palestina.

Quando houve guerra pelas terras da Palestina, a cidade velha de Jerusalém ficou sob domínio da Jordânia até 1967. Durante esses dezenove anos, eles privaram as partes judaicas da cidade e impediram os judeus de entrar, inclusive no muro das Lamentações. Esse período terminou com a guerra dos seis dias. Desde que a cidade de Jerusalém foi reunificada, houve a preocupação em expor todo o muro das lamentações, criando uma vasta praça em frente, que recebe visitantes e turistas, com seus bilhetes de pedidos e desejos colocados nas frestas das pedras.



FIGURA 14 – Muro das Lamentações, Jerusalém
(FONTE: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2009)

De acordo com MEEK (2003), com a diáspora dos judeus, seja ela voluntária ou forçada, a tendência seria o desaparecimento da religião ao longo dos anos. Para evitar a assimilação, era necessário um foco local para a expressão da religiosidade; afinal ficava inviável para esses judeus que moravam fora de Israel participar de rituais e sacrifícios em Jerusalém. Porém, a construção de mini-Templos, exceto o santuário central, era proibida pela *Torá*. Algo mais modesto era preciso, onde rezas

diárias pudessem ocorrer em um local fixo. Essa nova necessidade levou ao desenvolvimento de uma tipologia arquitetônica que abrigasse o conjunto de pessoas destinado a rezar, e serviu de base para as futuras casas de oração do Cristianismo e Islamismo.

Enquanto existiu, o Templo de D'us servia como centro do culto judaico, e a sinagoga, que já existia, como local de encontro, estudo e oração. Quando o Templo foi destruído em 70 d.C., ela ocupou o seu lugar. A restauração ficou como objetivo da vinda do messias.

Grande parte da liturgia rabínica, como a quantidade de serviços celebrados no *shabat* e em outras festividades judaicas e as horas de oração, se encaixam nos rituais do extinto Templo de Jerusalém.

Os requerimentos desta nova tipologia eram simples: um espaço cercado e coberto, onde a congregação pudesse ouvir a leitura da *Torá* e rezar as preces diárias. Às vezes havia longos bancos de pedra escalonados, e às vezes a congregação sentava-se no chão ou ficava de pé.

“o modo de vida dos judeus segue o ritmo do tempo. Suas solenidades festivas são marcadas, em grande parte, pelas estações e pelas próprias memórias. Os religiosos identificam no sábado a santificação do tempo, de Deus, da própria existência... o ritual judaico pode ser qualificado como a arte das formas significativas no tempo, como ‘arquitetura do tempo’... A essência do sábado é absolutamente desvinculada do espaço. Durante os seis dias da semana vivemos sob a tirania das coisas do espaço, o sábado nos coloca em sintonia com a santidade do tempo.” (ZEVl, 2002, p.9.)

3.2 As primeiras sinagogas

O modelo das primeiras sinagogas Greco-romanas possuía a mesma estrutura do *buleterion* (assembléia municipal e conselho da Grécia antiga) com sala para reunir a coletividade e local para discursos. Sinagogas com essa tipologia podem ser encontradas hoje em dia em Israel, como é o caso da sinagoga de Chorazin, com suas ruínas confirmando o teor religioso da construção.



FIGURA 15 – Reminiscências da sinagoga Chorazin (FONTE: MEEK, 2003, P.64)

Segundo MEEK (2003), o conhecimento das primeiras sinagogas se dá baseado em duas fontes: na arqueologia, e na literatura de trechos do *Talmud*, do Novo Testamento e de escritos de historiadores. Essas duas fontes, porém, não coincidem. As sinagogas referidas na literatura antiga como construídas no Egito, Síria, Chipre e Grécia todas desapareceram sem deixar rastros, enquanto as sinagogas descobertas por escavações não são mencionadas na literatura.

O *Talmud* possui o relato de uma antiga sinagoga em Alexandria, onde havia setenta e uma cadeiras de ouro correspondendo aos setenta e um membros do *sanedrim* e uma plataforma de madeira no meio, onde o bedel ficava. Os acentos não eram ocupados aleatoriamente. Todos os ourives sentavam-se juntos, assim como os tecelões ou metalúrgicos.

O termo nos textos talmúdicos que geralmente é traduzido como “plataforma” aparece como “*bima*” no original. Porém não se sabe se essa *bima* é igual a dos dias atuais, ou se era simplesmente um tablado onde o bedel comandava a hora de dizer “amém”. Muitas das sinagogas antigas reveladas pela arqueologia não

possuem evidência da *bimá*, porém se esta era feita de madeira, pode ter sido decomposta sem deixar vestígios.

A sinagoga de Alexandria era tão grande que comportava diversas classes de ofícios. Numa escala reduzida, ainda existem sinagogas hoje em dia que são freqüentadas somente por participantes de um ofício apenas. Também existem sinagogas fundadas por pessoas vindas da mesma região. Roma possuía sua sinagoga de tripolitanos; Jerusalém, sua sinagoga de alexandrinos, Babilônia sua sinagoga de romanos e Tibérias sua sinagoga de babilônios.

“Rabbi Yehuda escreve `Quem não viu a sinagoga de Alexandria nunca viu a glória de Israel. Os fiéis não ocupavam seus lugares ao acaso: os ourives sentavam-se à parte, os que trabalhavam a prata sentavam-se à parte, os ferreiros sentavam-se à parte... Tanto que um homem pobre, quando entrava na sinagoga, reconhecia imediatamente os membros de sua profissão, estes lhe conseguiam trabalho, assim como para os outros membros de sua família.’” (ATTALI, 2003. p.100)

A sinagoga de Alexandria era referida como uma basílica, um termo utilizado na arquitetura romana que significa um grande hall de encontro. Basílicas eram retangulares com corredores e galerias e com uma abside em frente à entrada. Esta tipologia construtiva serviu de modelo para algumas antigas sinagogas, especialmente as da Galiléia e do Golan. As duas fileiras de colunas paralelas às longas paredes, e a terceira fileira transversal, normalmente encontrada nestas antigas sinagogas, implicam na existência de galerias. Por sua vez, isto trás a questão da separação das mulheres, que hoje em dia são colocadas em galerias nas sinagogas ortodoxas. Escritores rabínicos tendem a insistir que as mulheres eram separadas dos homens já nas antigas sinagogas como eram no Templo, porém a existência das galerias não prova seu uso para a segregação da ala feminina.

Como conta MEEK (2003), a maioria das antigas sinagogas é encontrada nas adjacências de Israel. Mais de cem locais de antigas sinagogas foram descobertos até os dias de hoje em Israel. As mais antigas foram fundadas por Herodes, em Massada e perto de Jerusalém, mas a maioria data a partir do século III d.C. Este

período de inatividade é explicado pelas condições repressivas existentes na província depois da derrubada do estado judeu em 70 d.C.

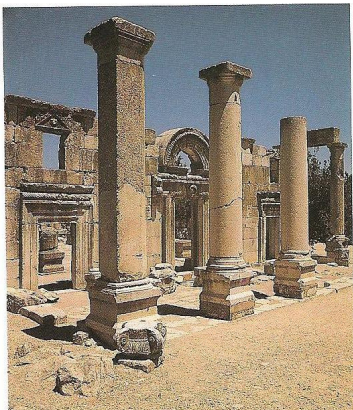


FIGURA 16 – Fachada da sinagoga Kefar Birim
(FONTE: MEEK, 2003, p.70)

Quando as construções começaram, algumas estruturas razoavelmente sólidas foram erigidas. Elas eram caracterizadas por fachadas monumentais num estilo colonial romano, normalmente possuindo uma porta central e duas pequenas laterais.

Conforme BETH HATEFUTSOTH (2009), a sinagoga de Dura-Auropos, no rio Eufrates na Síria, foi construída em 245 d.C., porém só foi descoberta em 1932. Seu teto e as quatro paredes eram inteiramente cobertos por afrescos coloridos. O estilo da pintura revelava influências da arte helênica e persa. Os murais possuíam cenas do Pentateuco, dos profetas e da *Meguilat Ester*.



FIGURA 17 – Maquete da sinagoga de Dura-Auropos, Síria
(FONTE: BETH HATEFUTZOTH, 2009)

De acordo com MEEK (2003), textos clássicos dão dicas sobre o que é ou não requerido. Estudiosos citam os comentários das interpretações da lei judaica onde as sinagogas devem ser construídas em terrenos altos, que a arca deve ter suas costas para o santuário de Jerusalém e que os portões da sinagoga devem ser abertos para o leste.

“Em 165 d.E.C., rabbi Yehuda Há Nassi decide mandar assentar por escrito os comentários da Bíblia que os sábios transmitiam oralmente entre si, havia séculos, e cujo registro era até formalmente proibido, talvez para evitar trazer à luz as contradições entre eles. “Pelo menos 148 autores participarão da redação desse conjunto que se tornará a Mixná (ou repetição). O livro substitui o templo como ‘lugar’ de ajuntamento do povo.” (ATTALI, 2003. p.107)

O protótipo das antigas sinagogas seguia o modelo das basílicas. A planta clássica da basílica consistia num hall retangular com três portas de entrada em um dos lados menores, e uma ampla nave central dividida por duas fileiras de colunas que formam dois corredores laterais. As colunas internas sustentavam uma galeria, mas não se pode afirmar que esta era destinada às mulheres.



FIGURA 18 – Sinagoga Capernaum construída no século I d.C.
(FONTE: BIBLE, 2009)

A fachada das primeiras sinagogas era orientada para Jerusalém, embora algumas na Galiléia tenham sua fachada orientada para o sul. Porém o sul também era direção de reza já que rezar voltado ao Templo e a Jerusalém está na Bíblia.

As sinagogas com planta retangular não pareciam possuir um local fixo para a arca, que deveria ser uma caixa móvel. O nicho na longa parede era usado para acomodar os rolos da *Torá*, embora seja incerto onde eles eram mantidos.

Para MEEK (2003), com a chegada das absides semicirculares, os rolos encontraram um local permanente, atrás de uma cortina ou num armário embutido.

Os pagãos romanos não se importavam com a religião exercida pelos povos por eles conquistados. Porém, com a imposição do cristianismo como religião oficial do império, os judeus passaram a ser discriminados. Passou a ser proibido erguer novas sinagogas e consertar as antigas ficou mais difícil.

Sob o domínio Bizantino, consertos podiam ser feitos, mas discretamente. Embora sinagogas continuassem a ser erguidas, passaram a ser muito modestas. Os ornamentos foram transferidos para o interior, deixando a aparência externa austera.



FIGURA 19 – Mosaico da sinagoga de Maon, século VI d.C.
(FONTE: ARTHISTORY, 2009)

Os afrescos eram raros nas sinagogas. A expressão artística mais comum eram os mosaicos, que passaram a substituir o piso de pedra lisa das sinagogas da Palestina. Inicialmente, esse pavimento possuía design abstrato, porém a partir do século IV, pessoas e animais foram introduzidos.

Com a expansão do cristianismo a partir do século IV d.C., cresceu a intolerância e o preconceito aos judeus, não sendo mais seguro para eles viverem isolados no espaço rural, sendo dirigidos para fora da terra. Saindo da Terra Prometida, os hebreus espalharam-se principalmente pela Europa, Ásia e África. Esta nova expatriação consolidou o uso da sinagoga como casa de orações e núcleos das comunidades.

“Do ponto de vista da linguagem arquitetônica e estética, este contexto resultou numa adaptação das sinagogas às condições e regulamentos existentes em cada tempo e lugar, além do desenvolvimento de edifícios mais reclusos e menos destacados, até por questões de segurança.” EKERMAN (2007)

Havia muitas comunidades pequenas que não podiam pagar pela construção de uma sinagoga, ou que não eram aconselhadas a construí-las. Para estas comunidades, uma sala em uma casa com um armário para guardar a *Torá* já bastava.

De acordo com MEEK (2003), porém, mesmo a sinagoga sendo uma casa particular ou um edifício público, nenhuma sobreviveu. Os registros constam apenas a partir de sinagogas da Idade Média em diante.

3.3 As sinagogas no período Medieval

Durante o período medieval, as sinagogas localizaram-se em duas regiões: *Sefarad* e *Ashkenaz*. Estas são palavras hebraicas. A primeira refere-se a região de Portugal e Espanha, e a segunda, estende-se da Inglaterra ao norte da França e do oeste da Alemanha à Boêmia. Assim, os judeus que habitavam a península ibérica eram chamados de *sefaradim*, e os que habitavam a Alemanha e suas redondezas, *ashkenazim*.

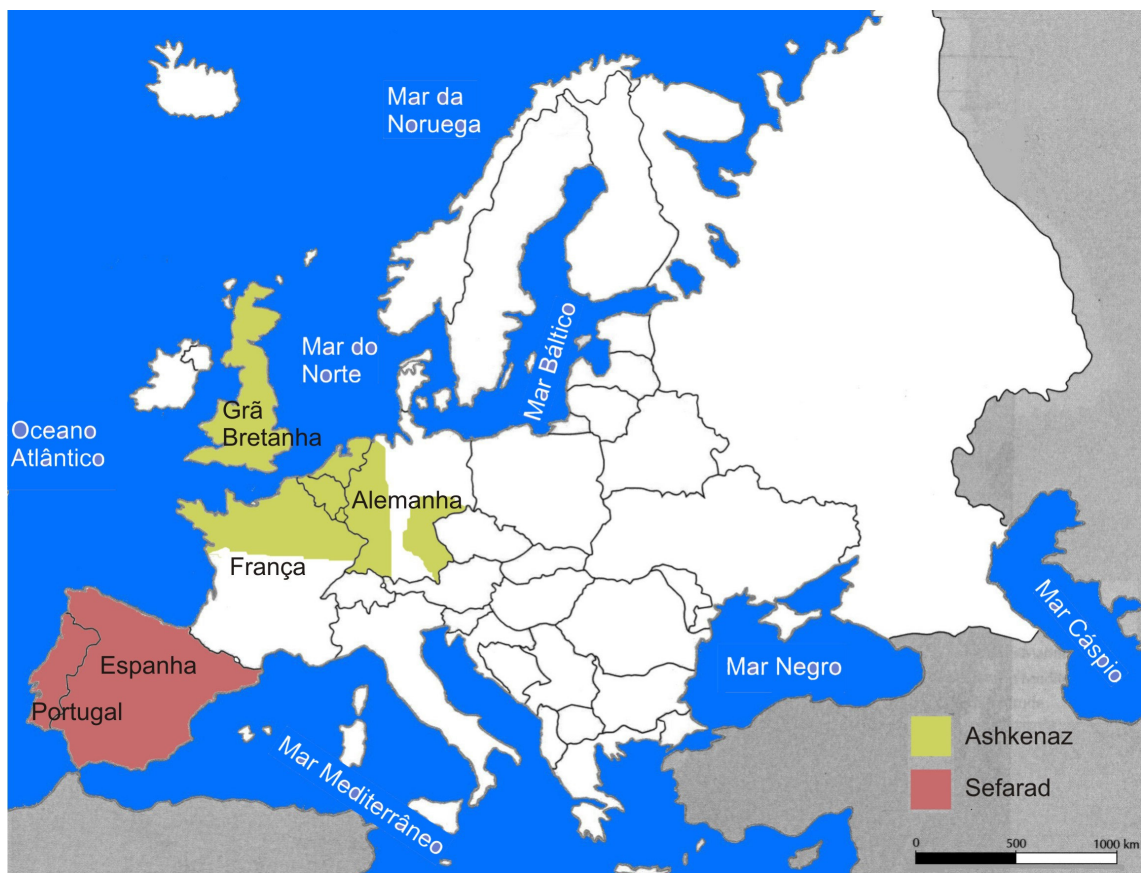


FIGURA 20 – Mapa da Europa com as regiões de Ashkenaz e Sefarad delimitadas (FONTE: a autora, 2009)

3.3.1 Ashkenaz

A maior concentração dos judeus *ashkenazim* estava na porção ocidental da Alemanha, na região chamada Renânia, nas cidades de Speyer, Worms e sua capital Mainz.



FIGURA 21 - Mapa da Alemanha e regiões vizinhas (FONTE: BBC, 2009)



FIGURA 22 – Região da Renânia e suas cidades com maior concentração de judeus (FONTE: THEODORA, 2009)

Conforme MEEK (2003), nada restou das sinagogas medievais de Mainz, enquanto os fragmentos remanescentes das de Speyer estão mantidos em museus. Porém a cidade de Worms possuía sua sinagoga completa até 1938, quando ocorreu o episódio conhecido como Kristallnacht, ou Noite dos Cristais, onde ocorreram atos de violência em diversos locais da Alemanha e da Áustria, então sob o domínio nazista, com pogroms, destruição de sinagogas, lojas, habitações e de agressões contra as pessoas identificadas como judias. Um governo arrependido cuidadosamente a reconstruiu em 1961, reutilizando fragmentos restantes, porém a maioria das sinagogas foi perdida por outros massacres predecessores como nos anos 1096, 1146, 1196 e 1349.

A sinagoga de Worms foi construída em 1175 para abrigar apenas homens. Em 1213 as mulheres também passaram a frequentar quando foi adicionada uma sala confinada contra a parede norte, como uma asa. A interconexão se dava apenas através de cinco pequenas aberturas e uma porta. O salão de rezas era retangular, medindo 15 X 9,5m, e possuía um sistema de abóbadas que eram sustentadas no meio por duas colunas românicas ao longo do maior eixo. Esta articulação gerou polêmica na classificação de historiadores, alguns chamando de nave dupla, outros de naves paralelas e uns de corredores paralelos. A arca ficava no meio da parede leste, enquanto a *bimá* (plataforma onde o condutor do serviço religioso fica) localizava-se entre as duas colunas no centro da sala. Este posicionamento implica em uma coluna tapar a vista da *bimá* para a arca.

Para MEEK (2003), o repertório arquitetônico da sinagoga está em sintonia com seu tempo e espaço. A porta principal, na parede norte do salão masculino, possui folhas esculpidas em uma decoração geométrica. O capitel das colunas possui dois desenhos diferentes, parecidos com os encontrados na catedral de Worms. A planta da sinagoga não se assemelha a de uma igreja, mas sim a de uma casa. Na sala das mulheres pode-se perceber a transição do romântico para o gótico, onde o formato das janelas a leste é romântico e o das janelas a oeste já é gótico.

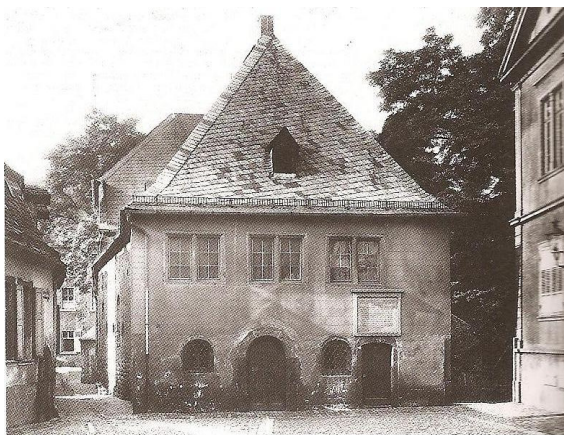


FIGURA 23 – Fachada da sinagoga de Worms (FONTE: MEEK, 2003, p.85)



FIGURA 24 – Salão de rezas da sinagoga de Worms (FONTE: MEEK, 2003, p.85)

A primeira sinagoga gótica foi construída em 1275 em Praga. Ela também é retangular e possui duas colunas no eixo mais longo. Contudo, todos os detalhes são góticos: o formato das abóbadas cruzadas, os arcos que começam nos pilares e cobrem a sala em seis compartimentos, o entalhe de folhas que adornam a base dos arcos e etc.

Assim como na sinagoga de Worms, a *bimá* datada do final do século XV ficava entre as duas colunas centrais. É uma plataforma de pedra, encimada por uma gaiola de ferro que suspende lâmpadas e lustres. Sobre a arca há um frontão gótico apoiado em colunas de pedra com entalhe de folhas de uva. O nível mais alto de janelas que iluminam a nave está espalhado no interior. Mulheres e meninas ficavam em uma sala separada no lado oeste, com duas fendas dando para a sala principal. Como esta sala se mostrou inadequada, foi construído um anexo para o público feminino no lado norte em 1731, e o contato com o salão principal foi garantido por quatro fendas. Esta sinagoga permanece intacta, tendo sobrevivido à ocupação alemã entre 1939 e 1945.

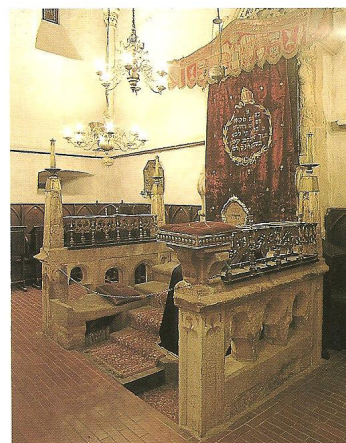


FIGURA 25 – Arca da sinagoga Altneuschul (FONTE: MEEK, 2003, p.93)



FIGURA 26 – Fachada da Sinagoga Altneuschul
(FONTE: SCRAPBOOKPAGES, 2009)



FIGURA 27 – Interior da Sinagoga Altneuschul
(FONTE: MEEK, 2003, p.89)

A antiga sinagoga de Kazimierz, Cracóvia, do século XV é do mesmo estilo de duas naves da de Praga, porém maior. Na realidade, é a maior conhecida, medindo 17,7m por 12,4m. Ela também possui duas colunas no meio e a *bimá* localizada entre elas, poligonal, com uma gaiola de ferro que forma uma copa cônica. O salão principal é muito bem iluminado e arejado, impressão que é reforçada pelo reboco que suas paredes de tijolo receberam na restauração de 1959. Como em Praga, as mulheres eram acomodadas em anexos construídos em períodos posteriores.



FIGURA 28 – Antiga sinagoga de Kazimierz
(FONTE: KRAKOW, 2009)

Embora as sinagogas medievais fossem mais do que simples casas de oração, elas nunca serviram de mercados internos como as igrejas no mesmo período serviam. Era um costume antigo o bedel anunciar no *shabat* o resultado de processos legais, ou informar à congregação a venda de propriedades. De acordo com ABRAHAMS (1993), os judeus não excluía sua vida diária da esfera religiosa, e sentiam que seus negócios eram santificados por sua associação com a sinagoga, e não que a sinagoga seria degradada pela invasão das preocupações mundanas.

No final do século XIII, qualquer judeu italiano que estivesse prestes a deixar sua cidade, tinha que declarar o fato na sinagoga e solicitar que qualquer um com uma queixa contra ele que a externasse. Em muitas comunidades medievais, a venda de terras era anunciada na sinagoga e aberta a reivindicações por um período. Os cargos oficiais das comunidades medievais eram eleitos por voto. Havia um presidente, ou *parnas*, um tesoureiro, ou *gabay*, um conselho geralmente formado por sete homens além do rabino e de dois juízes, ou *dayanim*. Após o século XIII o rabino e os juízes se tornaram assalariados. Outros cargos pagos eram o *shochet*, que abatia o gado da maneira correta, o *chazan* ou cantor, o professor e o *shammash*, ou bedel.

Este era o cenário ashkenazi. Porém tradições paralelas foram desenvolvidas ao mesmo tempo em outros países da diáspora: Sefarad.

3.3.2 Sefarad



FIGURA 29 – Mapa da Europa com a Península Ibérica destacada
(FONTE: a autora, 2009)

Segundo MEEK (2003), nenhuma sinagoga do período da dominação muçulmana na Espanha sobreviveu, embora centenas existiram. Da época da reconquista, há três ou quatro sinagogas, sendo duas delas em Toledo, antiga capital da Espanha, onde na idade Média viveram 15.000 judeus.

Das três ou quatro sinagogas que sobreviveram, a mais antiga está em Toledo com sua fundação datando aproximadamente do ano 1200. Seu presente nome, Santa Maria la Blanca, antecipa o seu destino.

Externamente, possui uma discreta fachada de tijolos aparentes, internamente, quatro filas de grandes colunas octogonais estão dispostas, sustentando quatro arcadas em formato de ferradura. Com seus cinco corredores ela se parece com a grande mesquita de Córdoba, embora esta possua dezenove

corredores no total. Seu estilo é *mudejár*, ou seja, estilo islâmico construído num regime não-islâmico, neste caso cristão, evidenciado pelo formato dos arcos e pela ornamentação. Os capitéis das colunas, construídos em gesso, caracterizam pinhas, algumas de pé, algumas caídas, amarradas com folhas de palmeira, cobertas com desenhos de arabesco que se torce em volutas nos ângulos.

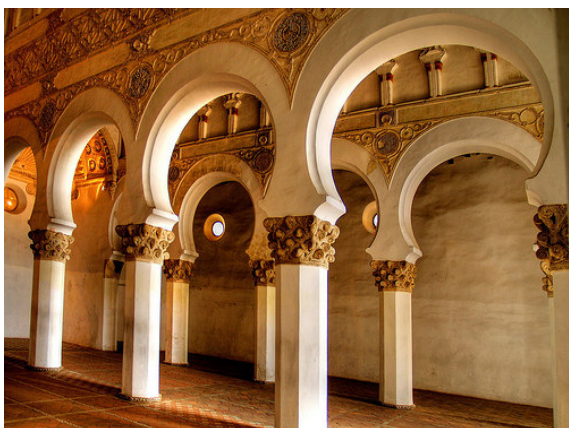


FIGURA 30 – Sinagoga Santa Maria La Blanca
(FONTE: SPAINTURISM, 2009)

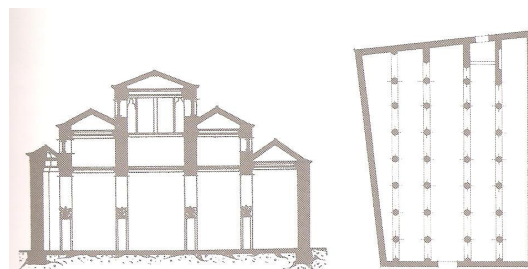


FIGURA 31 – Planta e corte da sinagoga Santa Maria La Blanca
(FONTE: MEEK, 2003, p.105)

A outra sinagoga sobrevivente de Toledo chama-se Ermitã Del Tránsito de Nuestra Señora. É uma câmara retangular completamente desobstruída. Em seu interior, tudo remete a uma casa de culto judaico. A parede do fundo, incrustada com painéis de arabesco e estuque, possui uma arcada tripla inserida em colunas delgadas. Ali era onde a *Torá* era mantida, provavelmente atrás de portas de madeira. No nível mais alto desta parede, acima da arca e embaixo do teto trabalhado em madeira, há um par de janelas que marcam a posição das tábuas da lei. No primeiro andar, na parede sul, uma larga abertura dá a galeria das mulheres. O topo das paredes possui um elaborado friso de estuque, e embaixo há uma série de arcos mouriscos, alguns cegos, alguns emoldurados, cada um ligado a duas colunas com detalhes e cores diferentes. Quando a construção serviu de igreja, um altar foi levantado em frente à arca vazia, e um túmulo foi inserido.

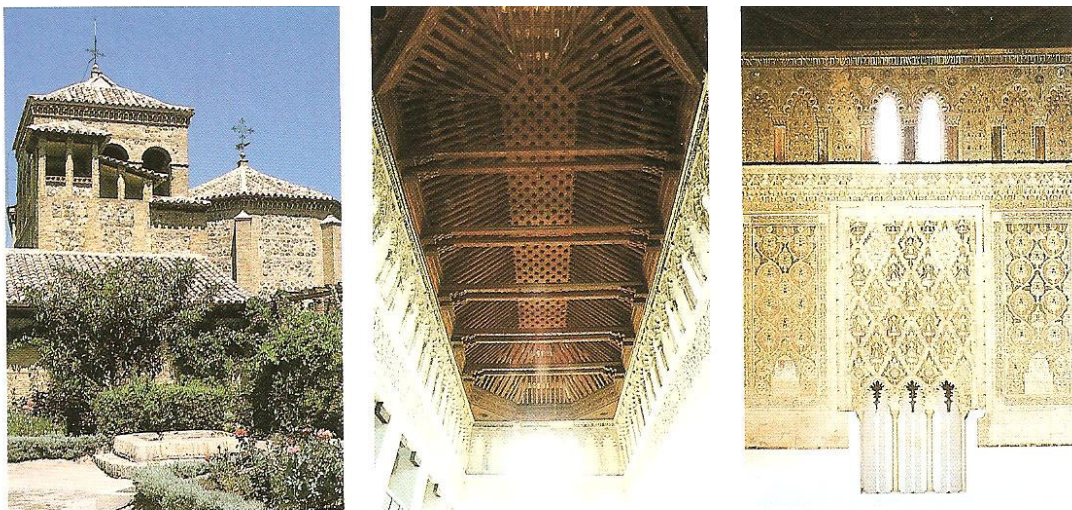


FIGURA 32 – Sinagoga El Tránsito
(FONTE: MEEK, 2003, p.107)

A pequena sinagoga de Córdoba, entretanto, está livre desta mácula. Possui um pequeno salão de 7m X 7m. Nem a arca nem a *bimá* sobreviveram aos séculos de expulsão judaica, quando a pequena sinagoga serviu primeiramente de hospital, e depois, em 1588, como igreja de sapateiros. Situada na rua judaica, sua entrada está localizada na parede sul, e sua *mezuzá* (pequeno rolo de pergaminho afixado no umbral da porta) foi colocada em 1985. Passada a porta há um amplo vestíbulo com uma escada de madeira a direita que leva à galeria feminina. O salão de rezas é quase quadrado. As paredes até 2,5m de altura são de tijolo aparente, em cima são cobertas por um padrão complexo de estuque cortado em arabesco mudéjar. A parede sul possui três largas aberturas no primeiro andar, que leva à galeria das mulheres. Um rebaixo na parede leste marca a posição da arca, e em frente, na parede oeste, um raso nicho provavelmente indicando o posicionamento da *bimá*. Ao longo das quatro paredes há inscrições em hebraico recortadas em estuque, a maioria trechos dos Salmos.



FIGURA 33 – Sinagoga de Córdoba
(FONTE: KALIPEDIA, 2009)



FIGURA 34 – Sinagoga de Córdoba
(FONTE: PANORAMIO, 2009)

Como continua MEEK (2003), a época das sinagogas espanholas chegou num final abrupto. Dois meses após a queda do último reino mourisco em 1492, os monarcas católicos Ferdinando e Isabella assinaram um édito expulsando todos os judeus da Espanha. A maior comunidade judaica do mundo fora liquidada, e 100.000 pessoas mandadas para o exílio. Sendo expulsos da Espanha, e seguidamente de Portugal, os judeus buscaram refúgio em outros países islâmicos, e foram bem recebidos pelos turcos otomanos.

No mundo árabe, as sinagogas foram construídas tendo que se adaptar às convenções arquitetônicas das mesquitas. O exemplo mais notável deste gênero está em Aleppo, na Síria, onde a congregação sentava-se num pátio. No meio, havia a *bimá*, sob seu próprio telhado e a arca estava localizada num nicho.

3.3.3 Itália

“Em certas cidades da Itália, onde desembarcam exilados provenientes dos quatro cantos da Diáspora surgem sinagogas distintas, segundo os costumes de uns e de outros. Em Roma, sete delas – entre as treze com as quais conta então a cidade – são reservadas a judeus vindos de certas regiões do Império.”

(ATTALI, 2003, p.100.)

Nenhuma antiga sinagoga sobreviveu na Itália. Havia uma em Palermo, na Sicília, construída em 1467 e destruída com a invasão hispânica e a expulsão dos judeus em 1492.

O apelo estético da renascença, que começou na Itália, se tornou irresistível aos judeus italianos, onde algumas comunidades são antiquíssimas.

“No século XIV, a comunidade judaica italiana recebe os judeus ashkenazitas, oriundos da Alemanha, e os judeus franceses. Mais tarde, entre o fim do século XV e por todo o século XVI, é a vez dos judeus sefaraditas, bem como o retorno dos marranos de origem espanhola ao judaísmo, além daqueles oriundos dos países muçulmanos que, a partir da metade do século XVI, foram atraídos pelas atividades do porto de Livorno. As diferentes origens refletiram-se nos rituais preservados pelas três distintas sinagogas que podiam ser encontradas na maioria das cidades italianas: La scuola italiana, La scuola tedesca e La scuola spagnola, sendo que em Roma ainda podia-se encontrar a scuola catalano-aragonense.” (ZEVI, 2002)

De acordo com MEEK (2003), quando a expulsão aos judeus chegou a Veneza em 1527 e em 1571, a comunidade não teve que fugir para a fronteira: eles barganharam com o senado. A situação era diferente em Veneza. Quem mandava era a aristocracia mercantil, e não o clero. Os judeus estavam protegidos da interferência dos bispos e papas antissemitas, que eram um perigo no resto da Itália. No entanto, os judeus não escaparam completamente. O Senado, em 1576, confinou todos os judeus num distrito específico de Veneza, o ghetto nuovo. Os judeus estavam restritos ao gueto apenas no ponto de vista da moradia. Eles podiam ir a qualquer lugar durante o dia, porém à noite os portões eram trancados.

Dentro do gueto, cinco sinagogas barrocas e maneiristas foram construídas, e todas sobreviveram até os dias de hoje.

As sinagogas de Veneza são todas longas e estreitas, mas não possuem a arca e a *bimá* no meio. Ao contrário, elas estão localizadas uma em frente à outra nas paredes menores, e a congregação senta-se de frente um ao outro em bancos dispostos longitudinalmente. No meio há um espaço por onde o *chazan* ou cantor pode atravessar até a arca com a *Torá* em seus braços. Estas sinagogas foram empoleiradas nos andares superiores de edifícios existentes, já que os guetos para onde os judeus foram expedidos já estavam construídos.

A sinagoga sobrevivente mais antiga é a ashkenazi Scuola Grande Tedesca de 1528. Sua planta é assimétrica por causa das restrições, mas este fato não é muito percebido devido à elegante decoração interior. Sua fachada não anuncia sua função, e acompanha a estética das fachadas vizinhas de um típico bairro do sul da Europa. O terceiro andar possui uma fileira de cinco janelas, sendo cegas as duas do meio. Elas iluminam o salão de rezas que se localiza no segundo andar.



FIGURA 35 – Scuola Tedesca
(FONTE: MUSEOEBRAICO, 2009)

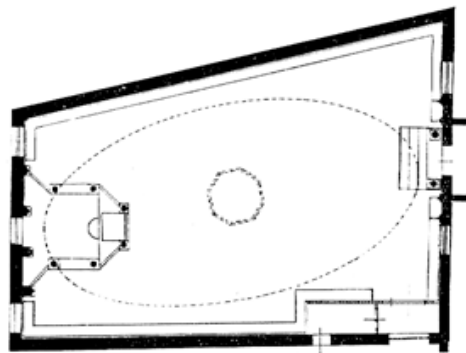


FIGURA 36 – Planta Scuola Tedesca
(FONTE: GUETTO, 2009)

Segundo MEEK (2003), o layout é típico veneziano e *sefaradi*, com a *bimá* e a arca nas paredes estreitas opostas. Porém esta é uma sinagoga *ashkenazi*. Acredita-se que inicialmente a *bimá* era posicionada no meio do salão, mas com o passar do tempo os *ashkenazim* sucumbiram à tendência da região e empurraram-na para o final. Porém, este fato não foi a única mudança percebida. A galeria das mulheres, que anteriormente era localizada numa sala separada, passou a ser incorporada no salão principal, provavelmente em 1666, em um mezanino oval. Porém não se pode chamar esta comunidade de progressista. No que se tratava de rezas, eles eram muito conservadores. Hoje em dia a Scola Tedesca não possui uma congregação.

A única sinagoga de gueto que possui uma congregação é a espanhola, a maior de Veneza, fundada em 1555. Como as outras, a Scola Spagnola está localizada num andar de um cortiço e é quase retangular. Possui várias janelas, seis em cada lado maior simbolizando as doze tribos de Israel, e mais nas extremidades menores. A arca e a *bimá* localizam-se opostas nas paredes estreitas e a congregação em longas filas entre elas. Em cima, a parte das mulheres é constituída por duas filas retas unidas por semicírculos no final. O acesso ao



FIGURA 37 – Scuola Spagnola
(FONTE: MEEK, 2003, p.121)

salão de rezas é dado por escadas que chegam aos dois lados da *bimá*, na parede oeste. A plataforma da *bimá* é coberta por um dossel enrolado em quatro colunas coríntias que a transformam em um baldaquino clássico, e servem para emoldurar um órgão doado em 1830. Esta enorme presença era estranha em uma sinagoga ortodoxa, e foi removida atualmente. Complexa e barroca, a arca possui quatro colunas de mármore preto sustentando um frontão triangular com as tabuas da lei

em seu ápice. Há um rico candelabro de muitos braços pendurado extremamente alto, que fora convertido em eletricidade.

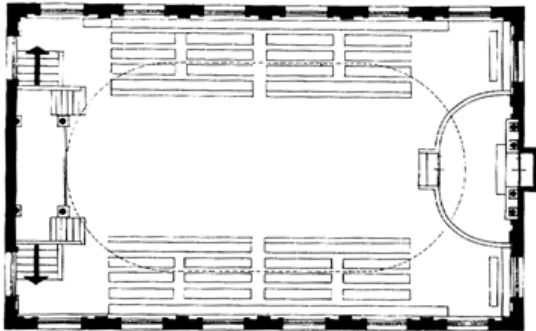


FIGURA 38 – Planta Sinagoga Spagnola
(FONTE: GUETTO, 2009)

“O desenvolvimento da arquitetura das sinagogas remete a um gráfico: uma linha representa a vida errante judaica, a outra representa a propagação de um estilo arquitetônico. O ponto onde elas se interceptam mostra onde uma sinagoga foi construída e explica o porquê de sua aparência.”
(MEEK, 2003)

O estilo arquitetônico do renascimento nasceu na Itália. Foi baseado num novo estímulo de se redescobrir as regras e o vocabulário clássicos e readaptá-los às necessidades de diferentes épocas e culturas. Com o seu desenvolvimento, foi propagado para outros países, onde o sutil sistema de proporções não foi aceito em princípio. A nova maneira de se construir da Itália foi inicialmente considerada como uma série de novos temas a serem aplicados em estruturas tradicionais.

3.4 As Sinagogas nos séculos XVI, XVII e XVIII

3.4.1 Holanda e Portugal

No começo do século XVI na Holanda, essencialmente estruturas góticas foram embelezadas com motivos decorativos italianos nos exteriores. No final do século XVII, entretanto, arquitetos holandeses sabiam todas as regras clássicas e estavam produzindo um sofisticado clássico na arquitetura que era claramente o feito no desenvolvimento da Europa pós-renascentista, enquanto também mantinham um caráter nacional distintivo. Este feito era o signo de uma burguesia triunfante, cujos cidadãos, tendo derrotado a administração típica espanhola, estavam usufruindo de um período de grande prosperidade comercial e cultural. A tolerância que fora negada pelos espanhóis foi agora estendida a todos, inclusive aos judeus da Espanha e Portugal que desde 1590 buscaram refúgio da Inquisição na Holanda. Para sobreviver na Península Ibérica, eles tiveram que aceitar as formas do Cristianismo. Na Holanda por outro lado, eles podiam praticar sua religião sem obstáculos.

Para MEEK (2003), a linha do gráfico da excelência arquitetônica holandesa e prosperidade espanhola cruzou em Amsterdã em 1671, quando foram lançadas as



bases para a Grande sinagoga Portuguesa. Demorou quatro anos para se construir a sinagoga de acordo com o desenho do contratante. Assim como um coro, havia uma orquestra, prova da aculturação. A fachada do enorme prédio de tijolos é articulada por uma ordem de pilares que atravessam todos os andares para suportar um fino entablamento debaixo de uma balaustrada que encobre o telhado.

FIGURA 39 – Maquete da Grande Sinagoga Portuguesa
(FONTE: BETH HATEFUTSOTH, 2009)

Finalmente os judeus conseguiram levantar um prédio mais alto do que os outros, de acordo com a regra do *Talmud* sobre a necessidade de a sinagoga se sobressair. O interior da sinagoga, que mede 38m X 26m acomoda 1227 homens e 440 mulheres. Quatro grandes colunas de pedra suportam um entablamento detalhado do qual brota uma abóbada central em madeira que percorre o comprimento do salão. Uma ordem menor de colunas sustenta a galeria das mulheres, sendo o primeiro exemplo de desenho integrado para este propósito, pelo menos da antiguidade. Há quatro grandes candelabros pendurados em linha no centro do salão, quatro menores em cada um dos dois lados do corredor e ainda sete embaixo de cada lado da galeria feminina, todos com velas. A Grande Sinagoga Portuguesa passou a ser considerada a mãe das sinagogas ocidentais *sefaradim*, juntamente com a Houndsditch em Londres.

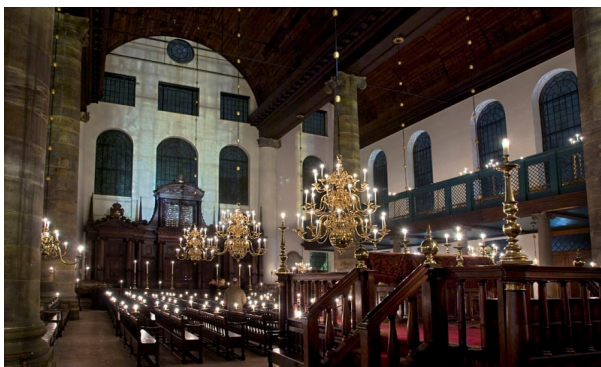


FIGURA 40 – Interior da Grande Sinagoga Portuguesa
(FONTE: ESMOGA, 2009)

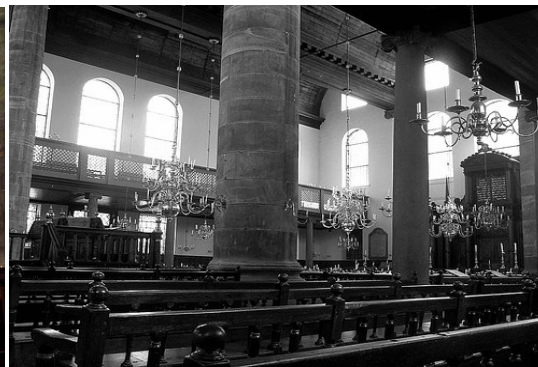


FIGURA 41 – Interior da Grande Sinagoga Portuguesa
(FONTE: ESMOGA, 2009)

A sinagoga Houndsditch foi construída por uma comunidade *sefaradi* menos de meio século depois de Oliver Cromwell readmitir os judeus na Inglaterra, daonde foram expulsos em 1290. Sua estrutura é retangular e de tijolos, iluminada por uma série de altas janelas arredondadas em cima. Possui uma galeria feminina com parapeito iniciado no entablamento sustentado por doze colunas toscanas de madeira. O teto é plano. Há candelabros pendurados, e o layout é típico sefaradi, com a *bimá* no extremo oeste. A arca possui disposição tripartida, com o nível mais alto contendo as tábuas da lei.



FIGURA 42 – Sinagoga Bevis Marks
(FONTE: PBASE, 2009)

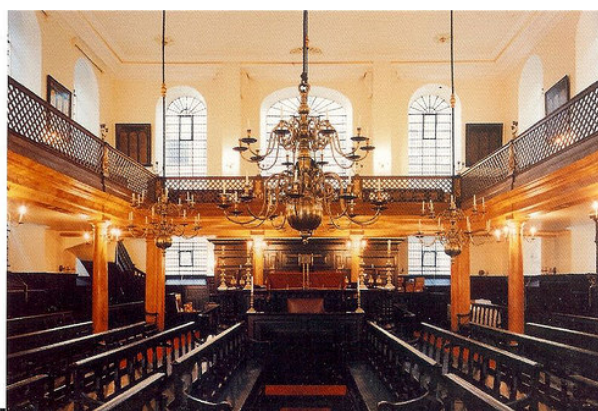


FIGURA 43 – Sinagoga Bevis Marks, Londres
(FONTE: FARM2, 2009)

A sinagoga Kahal Zur Israel, no Recife, foi a primeira sinagoga das Américas, construída em 1637 durante o domínio holandês do nordeste brasileiro colonial. Durante esse período, emigraram para o Recife vários judeus portugueses e holandeses. O edifício onde a sinagoga está localizada é constituído de duas casas, onde a comunicação entre elas se dá através de uma única porta. O acesso ao segundo andar era feito somente por uma das casas, através de uma escadaria de madeira. Com a expulsão dos holandeses, em 1654, a sinagoga deixou de ser usada como tal. No final da década de 1990 começou a ser restaurada, e em seu interior podem ser vistos os restos do piso e das paredes originais, assim como a *mikve*, utilizada para banho ritual.



FIGURA 44 - Fachada da sinagoga Kahal Zur Israel, Recife
(FONTE: PEREGRINACULTURAL, 2009)



FIGURA 45 – Interior da sinagoga Kahal Zul Israel, Recife.
(FONTE: PEREGRINACULTURAL, 2009)

A sinagoga Touro, construída em Rhode Island, colônia inglesa entre 1759 e 1763, é a mais antiga sinagoga sobrevivente da América do Norte. Os fundos para a sua construção foram arrecadados pela congregação de Curaçao, onde foi construída a sinagoga Mikve Israel em 1732 e que ainda existe, sendo a sinagoga mais antiga do Hemisfério Ocidental em contínuo funcionamento desde sua fundação. O prédio foi construído nos moldes da Grande Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, em proporções menores. Possui quatro andares no estilo colonial holandês, e uma cobertura de telhas. Internamente, há uma grande ordem de colunas que está no espaço entre a *bimá* e a arca, e uma ordem menor atrás, sustentando a galeria.

“Adornos com prata e cobre, o teto elevado é um dramático contraste com o chão, o qual é coberto por um espesso tapete de areia branca. A areia simboliza o deserto onde os israelitas acamparam em sua longa jornada para a liberdade e também representam o hábito adotado por judeus espanhóis e portugueses de rezar na areia, durante a Inquisição, evitando-se assim que fossem ouvidos nos templos, e para relembrar a promessa de D'us a Abraão: “...sejam seus descendentes incontáveis como a areia do mar”.

(RIO TOTAL, 2009)



FIGURA 46 – Fachada da Sinagoga Mikve Israel, Curaçao
(FONTE: JEWISH LIBRARY, 2009)



FIGURA 47 – Interior da Sinagoga Mikve Israel, Curaçao
(FONTE: JEWISH LIBRARY, 2009)

3.4.2 Polônia

Desde o início do século XVI os judeus foram expulsos de diversos países da Europa, sendo obrigados a abandonar os locais onde moravam. Parte significativa deles encontrou um abrigo na Polônia. Lá, gozavam de liberdade, preservando os seus próprios costumes e tradições durante os séculos XVI e XVII. Trabalhavam como operários, artesãos, comerciantes, e possuíam autonomia, fazendo com que a cultura judaica florescesse.

Segundo MEEK (2003), de 1580 a 1764 eles controlavam seus próprios assuntos no Conselho das quatro terras, que dava aos povos sem estado uma substituição da atividade política nacional. Este período de autonomia promoveu um florescimento da cultura judaica culminando com duas personalidades contemporâneas do século XVIII: o Gaon de Vilna, um grande sábio, e Baal Shem Tov, o carismático fundador do *chassidismo* (síntese de todo o pensamento místico judaico e de seus efeitos práticos na vida cotidiana). Porém, gradualmente as condições foram se deteriorando com o enfraquecimento do comércio Báltico e as sucessivas invasões de cossacos, suecos, turcos, tártaros e etc. Em 1772 houve a primeira divisão da Polônia e em 1795, após a terceira divisão, a Polônia desapareceu do mapa europeu. Em 1939 o território polonês possuía três milhões de judeus, a maior comunidade judaica do mundo até então.

Durante todos estes anos em que os judeus estiveram residentes nesta região, construíram sinagogas memoráveis basicamente em dois estilos: alvenaria de tijolos e pedras ou construções em madeira. As sinagogas de madeira foram todas queimadas pelos alemães. Muitas das de alvenaria sobreviveram, mas como a comunidade judaica polonesa foi praticamente extinta na segunda guerra mundial, as sinagogas hoje em dia servem para diversas funções: a de Biecz é um hotel, a de Checiny um cinema, Gorlice é uma padaria, a de Przemyśl uma garagem.

A maioria das sinagogas foi construída pelas comunidades judaicas para satisfazer à sua necessidade de crescimento. Às vezes, eram construídas para servir aos grandes estudiosos, como é o caso da sinagoga de Cracóvia, construída

em 1556. A sinagoga de Remo é creditada como a primeira sinagoga de alvenaria do estilo renascentista polonês, com um salão abobadado com a *bimá* no centro e sem colunas intermediárias, e com janelas altas e arredondadas em cima. Foi queimada pelos alemães em 1940 e reconstruída depois da guerra.

Várias sinagogas da Polônia foram construídas de acordo com um mesmo padrão: Quatro colunas ou pilares erguidos no meio do salão quadrado; grande espessura das paredes para ajudar na sustentação da cobertura abobadada. O

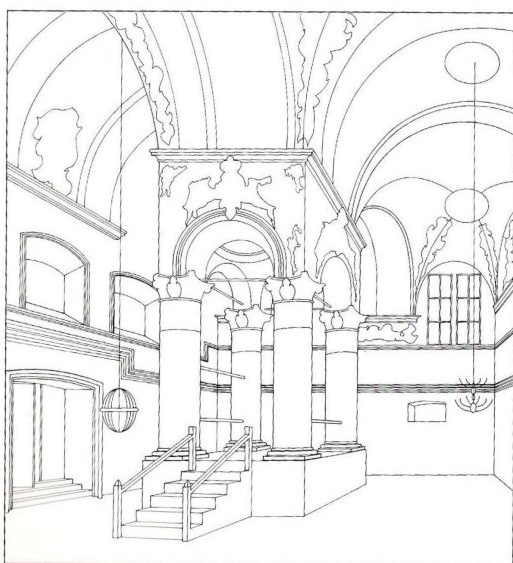


FIGURA 48 – Esquema da bima entre as colunas
(FONTE: MEEK, 2003, p.155)

espaço central definido pelas quatro colunas serve para acomodar a *bimá* e integrá-la à construção. Sinagogas deste tipo datam do século XVII e seu interior além de marcante não remete ao de uma igreja. A posição central da *bimá* era recomendada por Maimônides. Se levantar os olhos durante a leitura da *Torá*, pode ver diversos significados simbólicos na arquitetura, como por exemplo, a maneira como as abóbadas crescem e se espalham a partir das quatro colunas centrais remete à passagem bíblica: de Sião sairá a lei e a palavra do Senhor de Jerusalém.

A Grande sinagoga de Vilna possui enormes colunas toscanas que demarcam a *bimá* central. O telhado da *bimá* é sustentado por uma ordem menor de doze colunas. O subdimensionamento da figura humana para reforçar a escala do lugar é influência do visionário arquiteto italiano Piranesi, bem como a pintura interna.



FIGURA 49 – A grande sinagoga de Vilna. Aquarela J. Kamarauskas, 1899.
(FONTE: BETH HATEFUTSOTH, 2009)

Concomitantemente às sinagogas de alvenaria, sinagogas de madeira foram construídas. Elas eram exploradas ao máximo para produzir coberturas abobadadas em um formato que dificilmente poderiam ser igualadas às de pedra. Internamente, as paredes eram cobertas com afrescos brilhantes, de temática floral ou animal. No meio do salão, nos ângulos da *bimá* octogonal, colunas coríntias poderiam sustentar um entablamento do qual subiam suportes curvilíneos que seguravam um dossel chegando em cima onde trompas inclinam-se para frente das paredes, torcendo e contorcendo para segurar as galerias poligonais. A arca era uma exuberante confecção em painéis em relevo e com as tábuas da lei no alto. De distrito para distrito, mudava a maneira como a madeira do bloco principal era tratada estruturalmente, de toras horizontais para placas horizontais apoiadas em tábuas verticais.

A sinagoga de madeira mais antiga data de 1642 e ficava em Chodorów, Polônia que atualmente é Ucrânia. Possuía um telhado de duas águas em duas camadas e, internamente, uma decoração policromática. A temática central da pintura do teto eram os signos do zodíaco. Uma águia coroada com duas cabeças é vista no centro do teto, envolta por um círculo decorado com uma citação do Deuteronômio.



FIGURA 50 – Reprodução da pintura do teto da sinagoga de Chodorow, Polônia.
(FONTE: BETH HATEFUTSOTH, 2009)

No mesmo estilo “vintage” de Chodorów era a sinagoga de madeira de Gwózdziec. Ela também possuía um telhado de duas águas em duas camadas sobre uma planta quadrada. Posteriormente um anexo foi construído em dois lados, para abrigar uma escola e a seção feminina. O telhado a se inclinar sobre essas novas partes acrescentou uma camada ainda mais baixa para as duas acima. Originalmente uma abóbada de madeira cobria o salão de rezas, mas no início do século XVIII esta foi substituída por um elaborado teto de madeira que crescia como o interior de uma tenda, em duas superfícies côncavas e uma convexa. Para acomodar esta nova estrutura, algumas das treliças do telhado tiveram que ser cortadas, levando ao abaulamento do telhado. A *bimá* em formato octogonal estava posicionada no meio da sinagoga. Era encimada por um dossel tampado por uma lanterna apontada para cima, para as pregas onduladas do telhado, em que as orações da congregação eram canalizadas e passavam direto ao céu. As paredes da sinagoga eram cobertas por pinturas de plantas e animais, juntamente com inscrições em molduras ornamentadas.



FIGURA 51 – Sinagoga em Wolpa
(FONTE: MEEK, 2003, p.164)

A suprema realização no campo das sinagogas de madeira foi encontrada no shtetl de Wolpa, construída no início do século XVIII. Sua planta era quadrada, com três camadas de telhado. As duas mais baixas eram camadas em duas águas, enquanto a mais alta tinha empenas dos dois lados, exibindo o perfil de um sino. A elevação principal, oeste, tem sua fachada do alto salão de orações disfarçada por pavilhões, um em cada canto, que cercam um vestíbulo baixo entre eles. Quando vista centralmente, tem-se uma composição triangular.

Cada um dos pavilhões de canto possuía uma varanda no primeiro andar com balaústres, e colunas com um capitel exuberante que subia na balaustrada para suportar o telhado. Entre cada par de colunas, um capitel não sustentado pendia do beiral como elemento decorativo.



FIGURA 52 – Maquete da Sinagoga de Wolpa
(FONTE: ZCHOR, 2009)

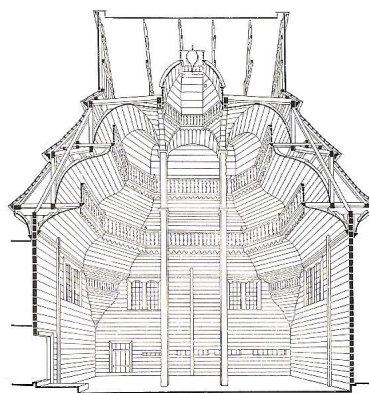


FIGURA 53 – Corte da estrutura de madeira
(FONTE: MEEK, 2003, p.165)

O interior da sinagoga de Wolpa era extraordinário. O salão de rezas era quadrado e de madeira, forrado por um madeiramento horizontal e mascarado abaixo pelos cursos pintados e marmoreio de falsa alvenaria. No centro, quatro pilares de madeira de seção quadrada cercam a bima, e sustentam o estágio mais alto de uma série de ascendente de vigas, que suportam as três camadas do talhado, enquanto fazem espaço internamente para uma sucessão de rins curvilíneos que aparentam cair como uma cascata de madeira, para apoiar aberturas octogonais cada vez maiores, emolduradas por balaustradas, até que finalmente descansam em pendentes elaborados nas quinas do salão. Outro centro das atenções era a arca, um elemento barroco com volutas e medalhões de videira que subiam pelos andares das colunas até chegar a uma inserção hexagonal com as tábuas da lei e em frente a uma arcada.

Ainda de acordo com MEEK (2003), as sinagogas assentadas da Europa Oriental eram utilizadas não apenas para orações, como também para estudo, que a tradição judaica estima tanto quanto as rezas. Às vezes o estudo ocorria no salão principal, e às vezes numa sala menor anexada ao cômodo principal. Esta devoção ao estudo, principalmente aos que estudavam o *Talmud*, era um fenômeno extraordinário. De acordo com Maurice Samuel, um escritor intelectual judeu do início do século XX, os judeus não eram mais uma nação de estudiosos do que uma nação de sacerdotes, mas entre nenhum outro povo havia um interesse universal pelos estudos, ou tanta familiaridade das massas com o jargão dos estudiosos.

A importância das sinagogas do Leste Europeu na vida de seus fiéis era frequentemente observada.

3.5 As Sinagogas no século XIX

3.5.1 Sinagogas Clássicas e Pós-Classicistas

No início do século XV renasce um fascínio pelos estilos arquitetônicos clássicos que continuaram a se desenvolver, dirigidos pelos próprios impulsos, por quatrocentos anos, e apenas começaram a encontrar competição em outras fontes no final do século XVIII. Esta competição veio com a revitalização de estilos medievais como inicialmente o Gótico e o Neoclássico, e posteriormente o Bizantino e o Celta.

Uma das últimas manifestações da tradição clássica foi a sinagoga de Seitenstettengasse, em Viena, construída em 1826. A sinagoga estava escondida em um pátio acessado por uma passagem entre dois edifícios, conforme exigia a lei pertinente a templos não católicos, para não afrontar a visão dos católicos. Era um bloco de apartamentos de cinco andares onde a sinagoga localizava-se na parte de trás do quarto andar em planta circular. Embora fosse destinada a uma congregação moderadamente reformista, as mulheres continuaram restritas a uma galeria que se estendia em dois níveis ao redor de um anel de doze colunas jônicas que apoiavam

o entablamento de um salão oval, coberto por uma abóbada pintada internamente de azul com estrelas douradas.

De acordo com MORASHA (2009), o fato de a sinagoga ficar escondida foi o que a salvou da destruição na Noite dos Cristais, em novembro de 1938, quando noventa e três sinagogas vienenses foram parcial ou totalmente destruídas. Atualmente é a principal sinagoga da comunidade judaica de Viena.



FIGURA 54 – Sinagoga
Seitenstettengasse, Viena
(FONTE: UPLOAD, 2009)

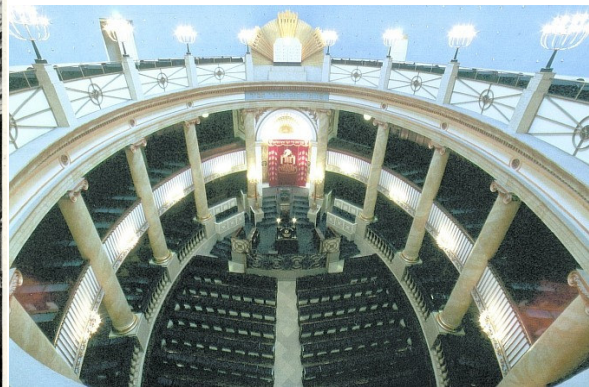


FIGURA 55 – Sinagoga Seitenstettengasse
(FONTE: BORGMISTELBACH, 2009)

O estilo gótico encontrou relutância entre arquitetos judeus, por ser tido pela maioria como um estilo típico cristão em suas formas e símbolos. Porém, algumas sinagogas foram construídas neste estilo. Na Austrália, o arco ogival reina na Grande Sinagoga de Sydney, construída em 1878. Porém, Sydney era uma amostra remota.

A primeira sinagoga pós classicista foi construída em Kassel, Alemanha, em 1839. Sua elevação frontal exibe o esquema típico de uma fachada de igreja românica alemã. A fachada oeste possuía três baías marcadas por pilastras e possuía arcos pendurados sob o beiral. Havia dois andares de janelas arredondadas encima e, no frontispício, um terceiro andar de janelas redondas. O interior era uma basílica abobadada com arcadas.



FIGURA 56 – Ilustração da sinagoga de Kassel, Alemanha
(FONTE: LEOLICENSING, 2009)

3.5.2 Sinagogas Reformistas

O movimento reformista iniciou na Alemanha na primeira década do século XIX. Era um produto da emancipação, uma aquisição gradual de direitos civis pelos judeus, que começou na América, mas alcançou ampla ressonância na Revolução Francesa. A emancipação possibilitou acesso fácil à educação regular, e, portanto, à aculturação. A partir de modestos começos, com sermões e rezas em língua local, o movimento reformista cresceu imensamente. Várias seitas atingiram o sucesso, cada uma se distanciando mais da ortodoxia: órgãos nas sinagogas, assentos mistos, cabeças descobertas, adesão opcional às regras de alimentação e rebaixamento da lei oral.

Como descreve EKERMAN (2007), “novas sinagogas testemunharam esse momento histórico, representando mudanças significativas no tema da arquitetura ligada ao judaísmo, reflexo das grandes transformações propostas pelo Reformismo.” A planta da sinagoga passou a receber a *bimá* e a arca sagrada no mesmo ponto e as construções que, anteriormente se escondiam em modestas sedes, agora se mostram monumentais.

De acordo com MEEK (2003), entre 1865 e 1875 houve um grande aumento na construção de sinagogas nos Estados Unidos, assim como pequenas



FIGURA 57 – Sinagoga Central de Nova Iorque
(FONTE: FMSP, 2009)

comunidades cresciam em paz. Em 1840 havia apenas 15.000 judeus na América, em 1860 havia 150.000. O judaísmo reformista fez grandes avanços nos Estados Unidos durante os anos 1870 e 1880. Suas sinagogas em Cincinnati e a Central Synagogue em Nova York eram reformistas, com lugares mistos, rezas em inglês e prevaleciam serviços reduzidos.

3.5.3 Sinagogas em estilo Mourisco

Para MEEK (2003), o ressurgimento do estilo egípcio teve pouco apelo por causa da época bíblica. O resgate do estilo Mourisco obteve mais sucesso entre os judeus, já que sob seu regime os judeus floresceram abundantemente.

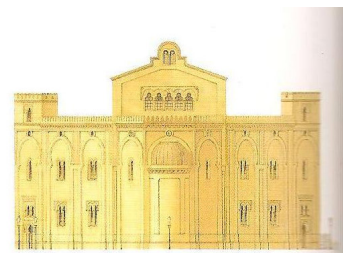
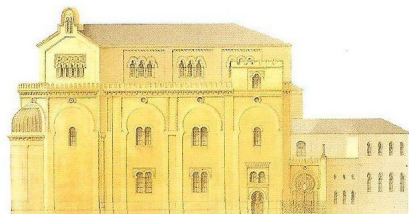
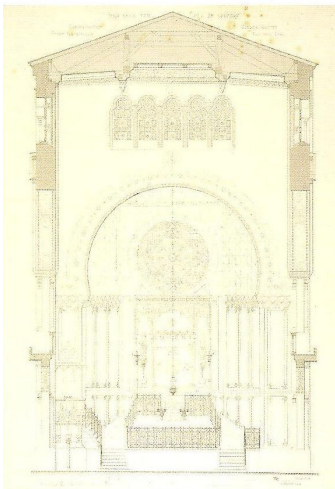


FIGURA 58 – Sinagoga Mourisca em Leipzig, 1855
(FONTE: MEEK, 2003, p.186)

A primeira aparição notável de detalhes mourisco foi numa sinagoga em Dresden, construída em 1840. Externamente, ela era românica, com traços da catedral de Aachen. Internamente, entretanto, foi empregada uma ordem de colunas com pesado bloco de coroamento, copiado da Alhambra em Granada, para sustentar a menor das duas fileiras de galerias. Entre as colunas havia arcos de madeira. Este prédio, que durou cem anos, foi queimado durante a Kristallnacht em 1938. Em 2001, a sinagoga foi reconstruída no mesmo local, aproveitando fragmentos remanescentes da sinagoga original nas paredes externas. As paredes exteriores da sinagoga são construídas um pouco fora do prumo para transmitir a sensação de que a comunidade judaica sempre esteve um pouco deslocada da cidade alemã.

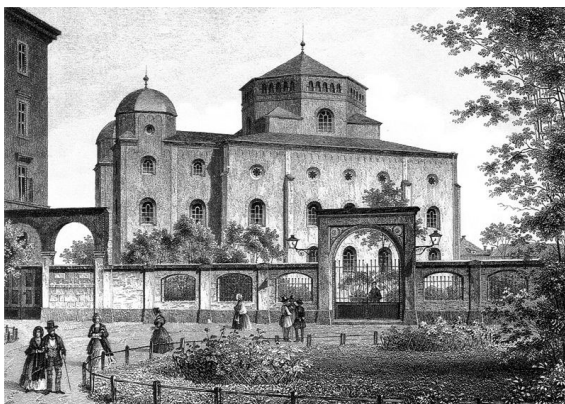


FIGURA 59 – Antiga Sinagoga em Dresden
(FONTE: ENG.ARCHINFORM, 2009)



FIGURA 60 – Nova sinagoga em Dresden
(FONTE: DRESDEN, 2009)

A sinagoga em Dohány, Budapeste, foi construída em 1859. Sua elevação frontal possui dois minaretes iguais, encimados por cúpulas. Internamente há finos arcos foliados, curvados sobre as galerias ou atravessados na nave, porém o grande arco na parede oeste era completamente aberto para revelar mais espaço. Era como um santuário de uma igreja ortodoxa, com o acesso negado por uma pequena capela com cúpula situada na entrada, onde estava a arca.



FIGURA 61 – Sinagoga em Dohany
(FONTE: CKTRAVEL, 2009)

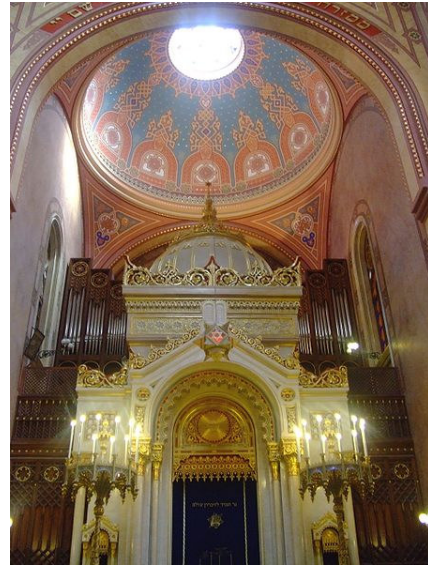


FIGURA 62 – Interior da sinagoga
em Dohany
(FONTE: EM.WIKIPEDIA, 2009)



FIGURA 63 – Sinagoga na
Oranienburgerstrasse
(FONTE: VITRUVIUS, 2009)

O estilo oriental foi novamente utilizado em uma das sinagogas mais imponentes já construídas, a Oranienburgerstrasse situada no antigo bairro judaico de Berlim e finalizada em 1866. Sua fachada não demonstra a profundidade e complexidade de sua planta. Depois do vestíbulo estava uma sala quadrada usada para reuniões do conselho. Atravessados esses dois ambientes, passava-se ainda pelo salão menor até chegar ao grande salão de rezas. Galerias de ferro eram apoiadas em colunas de ferro fino e exuberantes arcos mouros eram visíveis acima. Da mesma largura da nave havia uma abside no final, com colunas até o nível das galerias, que abrangia o domo com

a arca e fazia lugar para o órgão e um coro. Lâmpadas a gás foram instaladas entre as placas dos vidros duplos, ficando claro fora e colorindo o interior. Dutos de ventilação foram incorporados para transportar calor e fumaça. Esta sinagoga também fora queimada pelos alemães na Kristallnacht, permanecendo em ruínas.

Em 1882, a comunidade de Florença construiu uma sinagoga que reconcilia as tradições da Itália e do Islã, o Tempio Maggiore. A planta é uma cruz grega com uma cúpula no centro. A maçonaria é ripada, com alternados cursos de mármore travertino e granito, e com um agressivo contraste entre listras marrons e avermelhadas. A elevação frontal é constituída por duas torres laterais que



FIGURA 64 – Tempio Maggiore
(FONTE: STATIC, 2009)

abranchem o edifício principal, coberto por uma grande cúpula semicircular. A entrada se dá através de uma arcada de três arcos em formato de ferradura, sobre os quais há três janelas duplas de estilo Mourisco. O salão de rezas é quase quadrado, com galerias em três lados sustentadas por arcos mouriscos. A *bima* fica no braço oriental da cruz grega, além da qual a arca é acomodada numa grande abside. Toda a superfície é coberta com desenhos coloridos em padrões abstratos islâmicos.

Para MEEK (2003), a pequena sinagoga sefaradi em Cheetham Hill Road, Manchester foi construída por Edward Salomons em 1874. A arcada em estilo mourisco no primeiro andar e a treliça de musharabi nas portas de entrada são convidativas a explorar o interior, onde a policromia de suas colunas que sustentam as galerias está sendo restaurada atualmente. Diferentemente das outras sinagogas

deste antigo bairro judeu que foram destruídas, esta pequena construção foi poupada para servir como museu judaico.



FIGURA 65 – Sinagoga em Cheetham
(FONTE: LOOKINGATBUILDINGS, 2009)

3.5.4 Sinagogas no estilo Eclético

Havia, ainda, um terceiro padrão na concepção arquitetônica historicista: uma harmonização entre leste e oeste, algo eclético.



FIGURA 66 – Sinagoga de Turin
(FONTE: MEEK, 2003, p.203)

Turin foi, na década de 1860, por quatro anos a capital da Itália. A comunidade, dotada de plenos direitos civis desde 1848, teve a intenção de fazer algo que expressasse sua profunda gratidão, orgulho civil e discernimento arquitetônico. Em 1865 iniciaram-se as obras da sinagoga. O projeto previa acomodação para 1.500 fiéis, salas de aula para ensino de hebraico, uma *mikve*, apartamento para o rabino, para o caseiro e uma galeria de visualização para curiosos, que poderiam assistir até um serviço religioso em andamento. Um terceiro

andar foi construído lentamente, e o skyline de Turin começou a ser rompido por um domo alongado e facetado, reforçado internamente com vigas de aço.



FIGURA 67 – Sinagoga de Princes Road
(FONTE: FARM4, 2009)

Na Inglaterra, uma sinagoga eclética se sobressai sobre todas as outras: a sinagoga Princes Road, em Liverpool. Foi construída em 1874. Enquanto o estilo mourisco era quase universalmente adotado nas sinagogas modernas, neste prédio ele é totalmente ausente. Os arquitetos declararam que as características da sinagoga foram selecionadas tanto das escolas de arte orientais quanto ocidentais, misturando o

suficiente de sentimento oriental para torná-la sugestiva e o suficiente de severidade ocidental para torná-la adequada a uma construção de rua em uma cidade Inglesa. A fachada de tijolos aparentes possui um antigo portal inglês, porém os arcos ogivais são alterados ao longo de suas quatro camadas de maneira sutil.

O interior é apresentado com uma basílica gótica, com os assentos de cada lado virados em direção ao centro. A arcada da nave se transpõe para o leste e, colunas octogonais pintadas de verde com seus capitéis folhados a ouro. A arca localiza-se na entrada de um santuário, cuja presença no final da nave é marcada por um enorme arco mourisco de ferradura no alto. A arca possui uma cúpula central sobre uma arcada, e uma miniatura em cada quina. As cúpulas são tingidas de azul com estrelas prateadas, e toda a estrutura é em mármore.



FIGURA 68 – Detalhe da cúpula da sinagoga
(FONTE: 2.BP. 2009)

A nave é coberta por uma abóbada de gesso, com arcos transversais. Abaixo da cobertura há janelas, e em cima da arca há uma rosácea de vidro colorido.



FIGURA 69 – Interior da sinagoga
(FONTE: MEEK, 2003, p.205)

3.6 Sinagogas no século XX

Do início do século XV ao início do XIX, o vocabulário arquitetônico que prevaleceu foi o clássico. O primeiro movimento pós-historicista na arquitetura foi o Art Nouveau. Sua duração foi curta, de 1890 a 1914, porém o fascínio pelo uso de formas naturais e linhas sinuosas derivadas de folhas e trepadeiras é observado em vários momentos posteriores. Um dos profissionais mais notáveis do art nouveau foi Hector Guimard. Como conta MEEK (2003), ele foi comissionado para desenhar uma sinagoga num estreito terreno na Rua Pavée, no bairro judaico de Paris. O prédio foi construído entre 1911 e 1913, e possui uma fachada articulada por uma

ligeira sucessão de longas colunas delgadas, entre as quais um número equivalente de altas e estreitas janelas é espremido em cada um dos três andares superiores. O interior da sinagoga é comprido e estreito, com o espaço do corredor necessário aos assentos embaixo dos dois níveis de galeria, e a área da nave. As costas dos assentos são flexionadas num formato de onda, e padrões art nouveau de decoração são destaque na galeria frontal, na *bimá* e no teto.



FIGURA 70 – Sinagoga Art Nouveau, Paris
(FONTE: MEEK, 2003, p.213)



FIGURA 71 – Interior da Sinagoga de Hector Guimard
(FONTE: BP, 2009)

Um pioneiro do modernismo alemão foi Peter Behrens, que desenhou uma sinagoga em Zilina, na Eslováquia em 1928 para uma congregação reformista. É uma caixa retangular de concreto com a proeminência dos parapeitos, dos quais estrelas de David extremamente discretas são exibidas nas hastes finas. Em contraste com as superfícies lisas e a coloração do concreto há, no nível do solo, paredes de pedra. Uma cúpula folheada em cobre coroa a estrutura, com uma estrela de David no topo. Esta cúpula assenta-se sobre um disco aberto apoiado em vigas de concreto armado que são sustentadas por pilares de concreto. As paredes foram listradas com tinta terracota, e o interior da cúpula foi decorado com uma estrela de David curvilínea em linhas douradas.

De acordo com EKERMAN (2007), o edifício incorpora em seu volume externo, diferentes tratamentos de textura e materiais, procurando mostrar e marcar a posição de elementos sagrados internos, como a arca.

Aqueles 450 homens e 300 mulheres da congregação de Zilina que não conseguiram fugir da Eslováquia foram mortos pelos nazistas. Apenas a sinagoga sobreviveu. Ela foi restaurada e, exceto sua estrela de David no topo, atualmente serve como sala de reuniões de uma Universidade.



FIGURA 72 – Sinagoga de Zilina, Eslováquia
(FONTE: VITRUVIUS, 2009)

Uma utilização mais humana do movimento moderno foi feita por Felix Ascher e Robert Friedmann em sua sinagoga em Hamburgo, construída para uma congregação reformista em 1930. Ela é definida em três blocos: um salão de rezas predominante na parte posterior, e dois blocos menores na frente, abrigando um pequeno salão de rezas e uma sala de leitura respectivamente. Entre esses dois blocos há uma escadaria por onde se dá o acesso.



FIGURA 73 – Sinagoga modernista em Hamburgo, 1930
(FONTE: WIKIMEDIA, 2009)

A luta para romper a linearidade pura foi vencida em Londres, na sinagoga de Dollis Hill, construída em 1937. As paredes foram dobradas como pregas de acordeão, permitindo à galeria das mulheres, percorrer a extensão do salão sem que fossem necessárias obstruções com colunas. As pregas de acordeão não permitiam linhas curvas, sendo até mesmo as janelas hexagonais.



FIGURA 74 – Sinagoga Dollis Hill, Londres (FONTE: MEEK, 2003, p.215)

As primeiras sinagogas modernistas, em relação à renovação Reformista, trazem uma “capacidade de retirar da simples decoração a responsabilidade pela procura de uma identidade judaica dentro da sinagoga. Em contrapartida, estes edifícios estiveram mais ligados à tentativa de imbuir o espaço construído do espírito religioso hebraico, conformando-se em experiências pioneiras na manipulação dos materiais, da luz e do volume no intuito de reforço da liturgia e caracterização do ritual judaico dentro da sinagoga.”

EKERMAN (2007)

Conforme MEEK (2003), enquanto vagarosos experimentos arquitetônicos estavam sendo realizados na Europa Ocidental, grandes mudanças estavam em curso no mundo judaico. O balanço da população judaica gradualmente se equilibrou, até que os Estados Unidos ultrapassaram a Rússia como país de maior concentração de judeus. Pogroms, discriminação e pressões econômicas, agravados pelo crescimento populacional, conspiraram para um êxodo em massa. Entre 1880 e 1925, 2.378.000 judeus entraram nos Estados Unidos. Nova Iorque recebeu 350.000 judeus só no ano de 1915. Como judeus americanos, se estabeleceram no comércio, nas profissões liberais, nas artes e construíram para si belas sinagogas em cada subúrbio. Mas quão autêntico era o judaísmo destas casas de oração? E por que os judeus estavam abandonando a religião num crescente número de casamentos mistos? Os drásticos efeitos do Holocausto de alguma maneira desempenharam um papel neste fenômeno. Seis milhões de judeus foram assassinados pelos nazistas. A religião poderia sobreviver a esse desastre?

Frente a essas questões, alguns rabinos propuseram que a sinagoga se tornasse um centro judaico que abrangesse também atividades sociais e culturais. Tentativas foram feitas para explorar o espaço da sinagoga para outros propósitos que não somente rezas. Quando a comunidade B'nai Amoona de Saint Louis, Missouri, contratou o grande arquiteto alemão Erich Mendelsohn para construir sua sinagoga em 1945, ele nunca havia projetado uma estrutura religiosa. Mendelsohn retornou ao expressionismo romântico de sua antiga arquitetura, temperando seu projeto com a linha limpa e econômica que aperfeiçoou na Palestina durante a Segunda Guerra Mundial, sendo a sinagoga concluída em 1946.

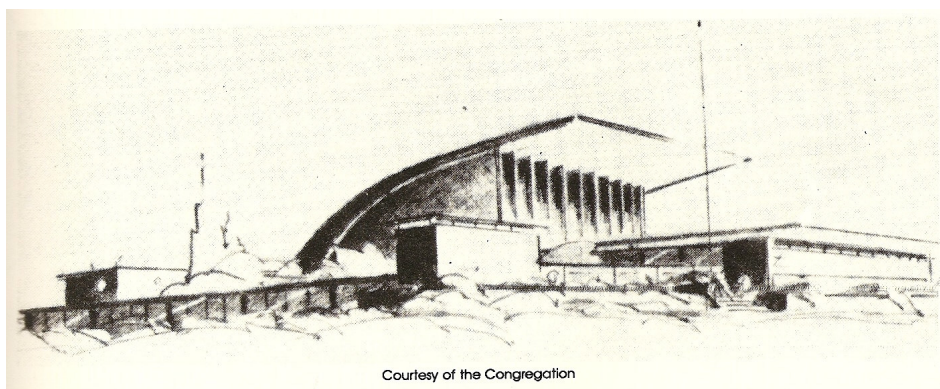


FIGURA 75 – Sinagoga B'nai Amoona, de Erich Mendelsohn
(FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p.127)

Segundo ISRAELOWITZ (1992), o resultado foi um aumento significativo da pequena arca, dramaticamente iluminada por longas fileiras de janelas e pelo clerestório oposto. Mendelsohn empregou um sistema de paredes móveis, que podiam abrir a sala de orações de 600 lugares para abrigar 1500 fieis ligando o salão de orações, o foyer e o auditório em dias de grandes comemorações, e da mesma maneira reduzir o salão de rezas, jogando o espaço para o foyer de entrada.

Além do grande santuário, a construção abrigava uma pequena capela, salas de aula, escritório, sala de reunião, biblioteca e uma cozinha. Mendelsohn concebeu uma cobertura curva em balanço sobre o santuário. Desprovido de decoração, o exterior traz a estrela de David como lembrete da função sagrada em seu interior.



FIGURA 76 – Sinagoga B´nai Amoona, de Erich Mendelsohn
(FONTE: BLUFFTON, 2009)

Outros efeitos derivados da manipulação de espaços foram explorados por muitos arquitetos para elevar o caráter religioso das construções, como a utilização de esculturas e obras de arte. O exemplo mais famoso do uso da arte nas sinagogas do século XX é encontrado em Israel. Doze vitrais, cada um medindo 3 x 2,5m e colocados em conjuntos de três ao lado de uma lanterna central, iluminam a sinagoga do Hospital Hadassah em Jerusalém. Datadas de 1960, estes vitrais são obra de Marc Chagall, e retratam com suas cores as doze tribos de Israel.

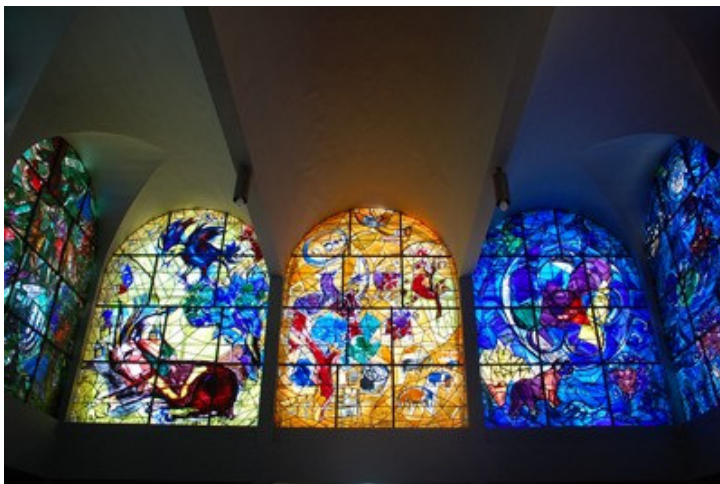


FIGURA 77 – Vitrais de Marc Chagall na sinagoga do Hospital Hadassa, Jerusalém
(FONTE: JEWISHPRESS, 2009)

Para MEEK (2003), alguns dos grandes arquitetos do século XX, além dos já mencionados Behrens e Mendelsohn, foram recrutados para projetar sinagogas, como Louis Kahn, Walter Gropius, Philip Johnson e Frank Lloyd Wright. A sinagoga “Mikve Israel” na Filadélfia foi construída em 1962 por Kahn. Sua fachada é marcada por torres com a função de filtrar a luz do sol.

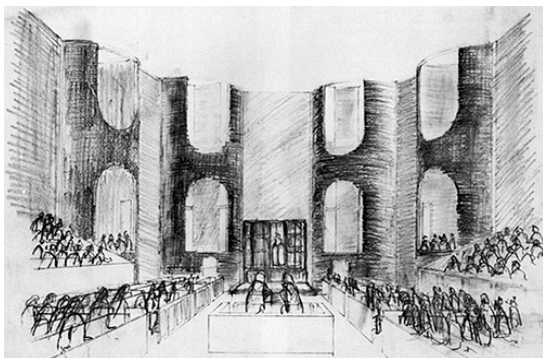


FIGURA 78 – Sinagoga Mikve Israel, 1962
(FONTE: DESIGN, 2009)



FIGURA 79 – Sinagoga Mikve Israel, 1962
(FONTE: MOMA, 2009)

Funcionalidade semelhante é encontrada na sinagoga de Walter Gropius em Baltimore. A sinagoga construída em 1960 possui uma série de compartimentos arredondados nas elevações laterais sugerindo o formato das tábuas da lei.



FIGURA 80 – Sinagoga de Walter Gropius, Baltimore, 1960
(FONTE: WEBLOGS, 2009)

Philip Johnson foi contratado para desenhar a sinagoga de Port Chester, em Nova Iorque, em 1954. O bloco principal possui cinco trechos de laje de pedras, colocadas com vínculos escalonados com intervalos entre vidros verticais.



FIGURA 81 – Sinagoga de Philip Johnson, Nova Iorque (FONTE: SCRAN, 2009)



FIGURA 82 – Interior da sinagoga de Port Chester, 1954 (FONTE: MEEK, 2003, p.221)



FIGURA 83 – Interior da sinagoga de Port Chester (FONTE: MEEK, 2003, p.221)

O último projeto executado de Frank Lloyd Wright foi uma sinagoga, em 1956. O rabino de Beth Shalom convidou Wright para projetar um “Monte Sinai viajante”. O resultado foi uma construção triangular que se ergue em uma montanha translúcida sobre a arca. Vista do exterior, a sinagoga assemelha-se a uma montanha baixa com um topo plano. Esta impressão é transmitida pela forma geométrica dominante: um triângulo, que permite um uso extensivo do vidro (posteriormente substituído por plástico) na cobertura e nas paredes, e permite a criação de uma alta cobertura sem a necessidade de pilares de sustentação no interior. A luz refletida na cobertura enfatiza a semelhança com o Monte Sinai, de acordo com descrições em textos bíblicos. Há muitos símbolos judaicos empregados na construção, tanto no exterior como no interior. A fonte localizada na frente da sinagoga simboliza a antiga bacia feita para a lavagem das mãos antes das rezas e dos sacrifícios. No lado leste do térreo, separado por uma porta de vidro, está uma pequena sala de rezas com capacidade para 220 pessoas. A arca fica a leste, feita de madeira e contém sete rolos de *Torá*. A *bimá* é rodeada por duas *menorot* de alumínio. A chama eterna fica sobre a arca.



FIGURA 84– Sinagoga Beth Sholom de Frank Lloyd Wright
(FONTE: VITRUVIUS, 2009)

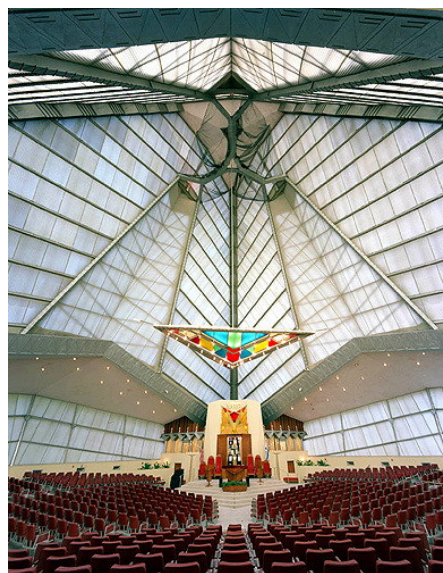


FIGURA 85 – Interior da sinagoga Beth Sholom
(FONTE: IMAGES, 2009)

Uma das pequenas sinagogas mais sofisticadas do Reino Unido fica em Belfast, Irlanda do Norte, e foi construída em 1964. O salão de rezas circular, em tijolos acinzentados, era anexado a um bloco de vestiários retangular por um vestíbulo de vidro, e era acessado por uma escadaria. O layout da sala de orações era tradicional, com uma *bimá* central. Porém, ao invés de galeria feminina, as mulheres se sentavam em uma área ligeiramente elevada no perímetro do círculo, separadas dos homens por uma discreta *mechitzá*. A arca, com portas metálicas, era fixada numa parede de pedras folheadas, e decorada com uma *menorah* de bronze. As paredes eram articuladas por seis pilares de concreto armado, que sustentavam pesadas vigas de concreto que atravessavam o salão sem suportes intermediários, para criar uma rede estrutural em formato de uma estrela de David. No hexágono central formava-se uma outra estrela de David, em madeira dobrada, que permitia a entrada de luz através de janelas triangulares.



FIGURA 86 – Interior da Sinagoga Belfast, 1964
(FONTE: MEEK, 2003, p.225)

Conforme ISRAELOWITZ (1992), a sinagoga Monte Sinai, em El Paso, Texas, foi projetado por Sidney Eisenshtat em 1962. Está situada no topo das montanhas Franklin. A fachada oeste do santuário tem vista para a fronteira do Texas com o México. O arquiteto seguiu as características naturais do terreno, fixando o edifício em sua encosta, e, em seguida, misturando ao aspecto horizontal uma torre de perfil parabólico, principal característica da sinagoga.



FIGURA 87 – Sinagoga em El Paso, Texas.
(FONTE: MEEK, 2003, p.229)

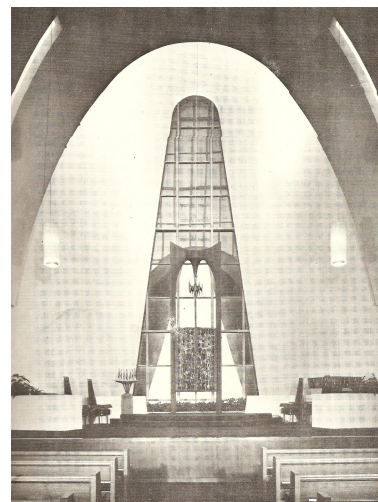


FIGURA 88 – Interior da Sinagoga Monte Sinai
(FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p.149)

Segundo PERMAN (2006), o Templo Bat Yahm, em Newport Beach, Califórnia, incorpora princípios modernos de arquitetura verde. Localizada a uma milha do oceano Pacífico, esta sinagoga é um templo de eco-design. Os arquitetos transformaram o prédio existente sem janelas em uma coleção de espaços envidraçados quase inteiramente iluminados pelo sol. A sinagoga também possui ventilação natural e sistemas de gestão da água. Superfícies permeáveis permitem que a água da chuva seja coletada em aquíferos subterrâneos, ajudando a repor o abastecimento de água e a apoiar as plantações nativas no local. E ao contrário da maioria dos edifícios de suas dimensões no sul da Califórnia, o templo não está rodeado por espaços para estacionamento. Há uma grande quantidade de asfalto para os visitantes regulares, mas os carros estão estacionados a dois níveis de profundidade, maximizando o espaço. Além disso, o gramado é suportado por uma



matriz de plástico que ajuda a lidar com as demandas de estacionamento provocadas por feriados judaicos ou ritos de passagem.

FIGURA 89 – Sinagoga Bat Yam, Califórnia
(FONTE: BUSINESS WEEK, 2009)

De acordo com CORINALDI (2009), o arquiteto italiano Mario Botta foi contratado para projetar a sinagoga no campus da Universidade de Tel Aviv em 1996. A localização da obra era numa praça verde no centro do bairro de habitação coletiva instalada no campus. O programa requeria o equilíbrio entre a vida religiosa e a laica. Para isso, o arquiteto concebeu dois espaços absolutamente simétricos e equivalentes em seu tratamento arquitetônico: um espaço para orações (freqüentado pelos estudantes religiosos praticantes), e um espaço para reuniões e conferências onde os aspectos ético-espirituais do judaísmo seriam abordados e discutidos de um ponto de vista de cultura leiga e universal. A arquitetura do edifício resultou em dois ambientes de planta quadrada idêntica, servidos por um átrio comum, que desenvolvem-se em altura assumindo gradativamente a forma cilíndrica, que admite a entrada da luz para o interior, fazendo-a jogar com ricos efeitos sobre o muro de pedra rosada nos diferentes ângulos e horas do dia.

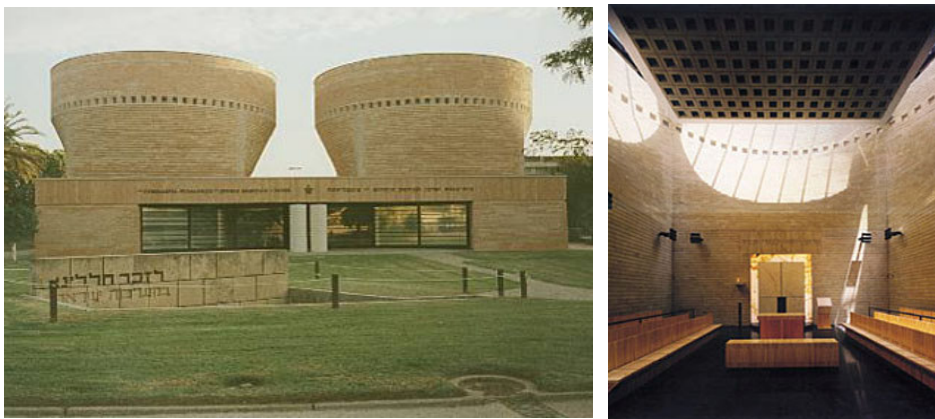


FIGURA 90 – Sinagoga em Tel Aviv de Mario Botta
(FONTE: FLOORNATURE, 2009)

3.7 As Sinagogas Brasileiras

“A comunidade judaica brasileira, ao longo de seus mais de cinco séculos de história, oferece evidências repetidas de sua vitalidade. Levanta escolas, edifica hospitais, organiza clubes esportivos, monta redes de proteção social. Também constrói sinagogas, marco fundamental da vida comunitária, elo fortalecedor da tradição religiosa, centro irradiador de cultura e pólo de ação assistencial.”
(SPITZCOVSKY, J. 2004, p.111)

Para SPITZCOVSKY (2004, p.117) as sinagogas de Belém do Pará possuem sua arquitetura influenciada pela preocupação em combater o calor, além de receberem influências de judeus de origem marroquina. Algumas sinagogas no interior do Rio Grande do Sul mantêm estruturas de madeira, reminiscência da Europa Oriental, berço de seus imigrantes. A cidade de São Paulo concentra quase a metade das sinagogas do Brasil. A arquiteta Clarice Mester classifica de “quatro momentos de imagens” dos templos na maior cidade brasileira. O primeiro momento seria europeu. “Os prédios são construídos em pequenos lotes e a edificação, de conotação quase singela, é facilmente identificável do exterior; instalados prioritariamente em bairros de ocupação judaica mais antiga, como Bom Retiro, Pinheiros, Lapa...” Clarice Mester prossegue na descrição: “Um segundo momento, no qual algumas dessas primeiras sinagogas são reformadas, quando do auge do Movimento Modernista em São Paulo...” O terceiro momento é o das sinagogas em Higienópolis. Para ela, o último e quarto momento é o contemporâneo, e se caracteriza pela construção de sinagogas com maior relevância arquitetônica. Tanto em São Paulo como em outros pontos de concentração de população judaica, verifica-se o pluralismo religioso. “Há sinagogas de vertentes ortodoxas, congregações definidas como tradicionais e conservadoras, e também templos de orientação reformista. Algumas sinagogas seguem o rito ashkenazita; outras, o sefaradita.”
(SPITZCOVSKY, J. 2004, p.128)

4. ESTUDOS DE CASO

Nas páginas seguintes serão estudados quatro exemplos de sinagogas que, de maneiras distintas, contribuem para a leitura e compreensão do espaço religioso através da relação com o entorno e do próprio espaço arquitetônico, com a incorporação tridimensional de elementos capazes de estreitar a relação entre a função religiosa, a congregação, a identidade judaica e a temporalidade do passado e do presente.

Para esta análise aprofundada, foram eleitas sinagogas concluídas entre 2004 e 2009, para que o contexto atual fosse incorporado e pudesse ser percebido nas respostas encontradas nos projetos. Apenas a sinagoga Beth Sholom de Frank Lloyd Wright é mais antiga, datada de 1959, e foi escolhida por sua atual importância na utilização de metáforas bíblicas na conformação do espaço arquitetônico, configurando o estudo de caso número um.

O segundo estudo trata de um espaço nacional, a sinagoga BAIT, em São Paulo, do arquiteto Michel Gorski, inaugurada em 2005. O projeto está inserido num lote urbano, e apresenta a inserção de ricas simbologias em sua concepção, resultando num espaço simples, porém poético.

Em seguida trata-se da sinagoga Beth Sholom, na Califórnia, de finalizada em 2008. Um exemplo da utilização da luz natural na criação do espaço sagrado.

O último estudo é sobre a sinagoga argentina Amijai, projetada pelo escritório Urgell-Penedo-Urgell e estreada em 2004. Possui uma relação com o entorno interessante, com sua implantação num miolo de quadra.

4.1 Sinagoga Beth Sholom, Pensilvânia, 1956

“... a mensagem judaica atinge seu ápice na obra do gênio máximo da história arquitetônica, o não judeu: Frank Lloyd Wright.” (ZEVI, 2002, p.21)

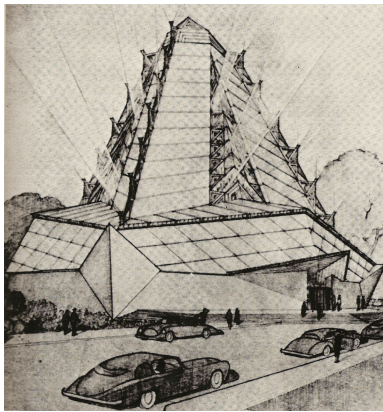


FIGURA 91 – Croqui da Sinagoga Beth Sholom (FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p.133)

ISRAELOWITZ (1992) aponta que a congregação Beth Sholom da Pensilvânia contratou Frank Lloyd Wright para projetar a sua nova sinagoga. Wright era o filho de um ministro unitarista e possuía um profundo conhecimento sobre a Bíblia. No final de 1953 o arquiteto aceitou a proposta e no início do ano seguinte apresentou um projeto para o Conselho de Administração da Congregação. Wright foi orientado pelo rabino Mortimer Cohen, que procurou “através do gênio de Wright, incorporar valores significativos dos judeus ao novo edifício.” (BETHSHOLOM, 2009)

Segundo ISRAELOWITZ (1992), a arquitetura do edifício é derivada das sinagogas polonesas dos séculos XVII e XVIII. A característica central é um telhado de vidro ondulado, que mais tarde foi substituído por plástico devido às fortes vibrações de aviões de baixa altitude. Este telhado é apoiado por um tripé metálico, que, por sua vez, repousa sobre contrafortes de concreto ancorados ao solo.



FIGURA 92 – Vista frontal e dos fundos da sinagoga Beth Sholom (FONTE: ARCHINFORM, 2009)

Esta estrutura permite que o andar superior não possua qualquer suporte interno. As paredes do santuário são compostas por camadas translúcidas de vidro com espaço de ar entre elas para o isolamento.



FIGURA 93 – Aresta decorada com menorah
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)

Há muitos símbolos judaicos empregados na construção, tanto no exterior como no interior. As três arestas da cobertura foram decoradas com *menorot* que podem ser vistas de todas as direções.

Como muitos dos edifícios de Wright, Beth Sholom possui um dispositivo de unificação geométrica, neste caso, uma pirâmide. Da maçaneta ao lustre e à *bimá*, o motivo piramidal é mantido para produzir um efeito não muito distante daquele de Art Deco.

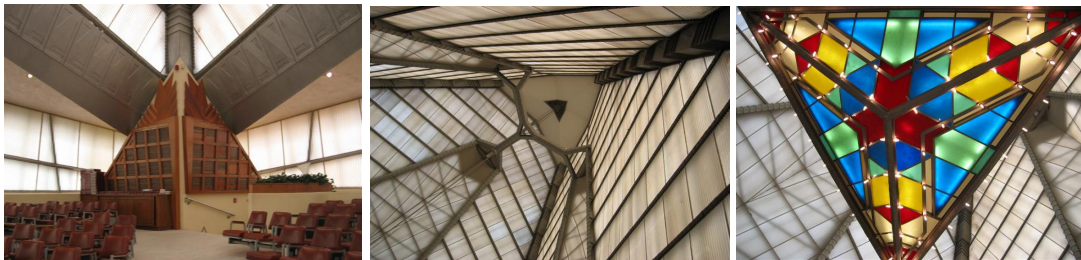


FIGURA 94 – Interior da sinagoga Beth Sholom
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)

De acordo com ISRAELOWITZ (1992), Frank Lloyd Wright pretendia sugerir tanto o Monte Sinai quanto as tendas do tabernáculo dos antigos hebreus com o telhado tripé. O edifício tem sido descrito como um monte Sinai em materiais modernos, feito em concreto, aço, alumínio e vidro.

O Monte Sinai foi o local que D'us escolheu para revelar a Sua *Torá* a Moisés, a Israel e à humanidade. É, portanto, um símbolo natural de comunhão entre D'us e a humanidade. Wright utilizou esta imagem da montanha como a forma básica da Sinagoga. (BETH SHOLOM, 2009)



FIGURA 95 – Vista Noturna da fachada
(BETH SHOLOM, 2009)

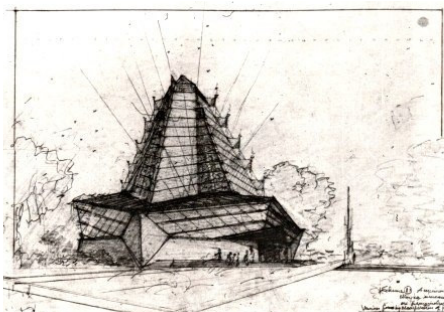


FIGURA 96 – Esboço de Frank Lloyd Wright para a sinagoga.
(FONTE: BLOGSPOT, 2009)

Como o Monte Sinai no momento da entrega das Tábuas da Lei estava inflamado de luz, o material escolhido para a cobertura foi o vidro, que permite a noite que a luz interior do Santuário brilhe. Ao longo dos séculos, os judeus viajaram e obtiveram no Monte Sinai um símbolo de sustentação da fé e da coragem, um símbolo de inspiração.

Respondendo a alguns desenhos preliminares de Wright, em 1954, o Rabino Mortimer Cohen disse: "Você pegou o momento supremo da história judaica - a revelação de D'us a Israel através de Moisés no Monte Sinai - e traduziu esse momento com tudo o que significa em um projeto de beleza e reverência. Em uma palavra, a sua construção é o Monte Sinai."

A sinagoga relaciona-se com a natureza de maneiras distintas, como pelo uso de tons de amarelo, bege e cinza, fato que também possui explicação simbólica, sugerindo a peregrinação dos judeus no deserto por quarenta anos, com suas dunas de areia, representadas pelo piso amarelado. Outro aspecto é a característica da criação. O espaço do teto, que detém o principal santuário suspenso por três vigas metálicas de cerca de 160 toneladas, e o espaço do piso superior, acima da capela, estão livres de qualquer suporte interno.

As obras de Frank Lloyd Wright representam "a vitória do tempo sobre o espaço, isto é, a encarnação arquitetônica do pensamento judaico". Sua arquitetura baseia-se na contradição, "ela é multidimensional, celebra o espaço demolindo seu fetiche e seus tabus, isto é, fluidificando-o, articulando-o segundo os percursos humanos, tecendo um contínuo entre edifício e paisagem." (ZEVI, 2002, p.22.)

Antes dos grandes portões de entrada da sinagoga Beth Sholom, Wright configurou uma fonte com águas correntes como símbolo da antiga bacia feita para a lavagem das mãos antes das rezas e dos sacrifícios. Logo após, encontra-se a entrada principal, que lembra um gesto feito pelos *cohanim* abençoando os israelitas quando entravam no Tabernáculo



FIGURA 97 – Fonte e entrada principal da sinagoga Beth Sholom (FONTE: PRAIRIEMOD, 2009)

O interior do edifício é dividido em dois andares. O primeiro andar inclui a área da pequena sinagoga e um hall central que leva a dois lounges simétricos, localizados nos lados norte e sul. Um lounge possui espaço para mais de 100 pessoas, e o outro, equipado com uma cozinha, funciona como local de eventos como *bar-mitzva* e outras festividades. Do centro do lobby vê-se uma porta de vidro que conduz à pequena sinagoga. No piso superior encontra-se a sinagoga principal, com capacidade para 1.020 pessoas.

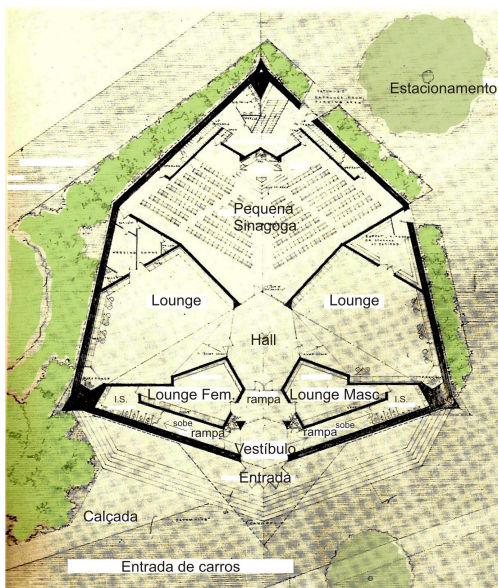


FIGURA 98 – Planta Pavimento Térreo (FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p.135)

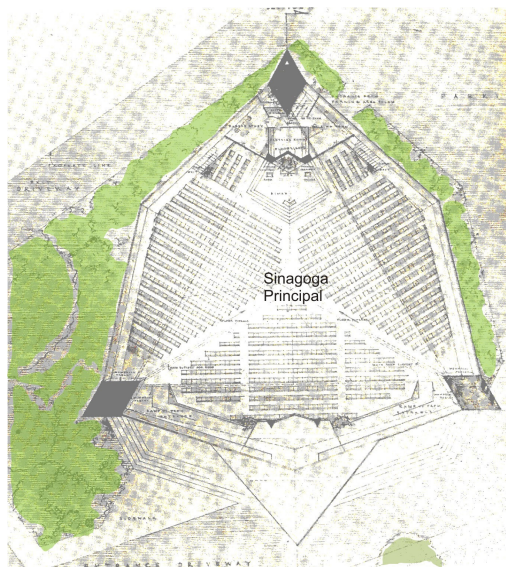


FIGURA 99 – Planta Primeiro Pavimento (FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p.136)

A pequena sala de rezas, no térreo, possui capacidade para 220 pessoas. A arca fica no centro da parede leste, feita de madeira escura e contém sete rolos da *Torá*. A *bimá* é rodeada por duas *menorot* de alumínio. A chama eterna fica sobre a arca. (BETH SHOLOM, 2009)

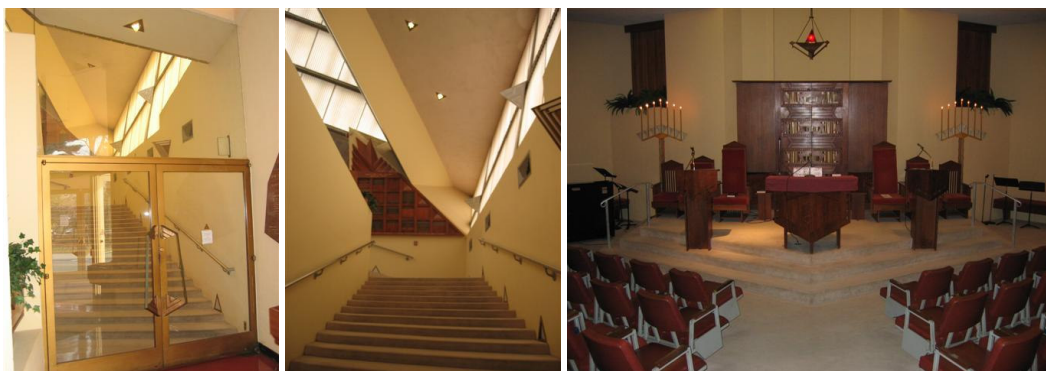


FIGURA 100 – Escada e pequena sinagoga
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)

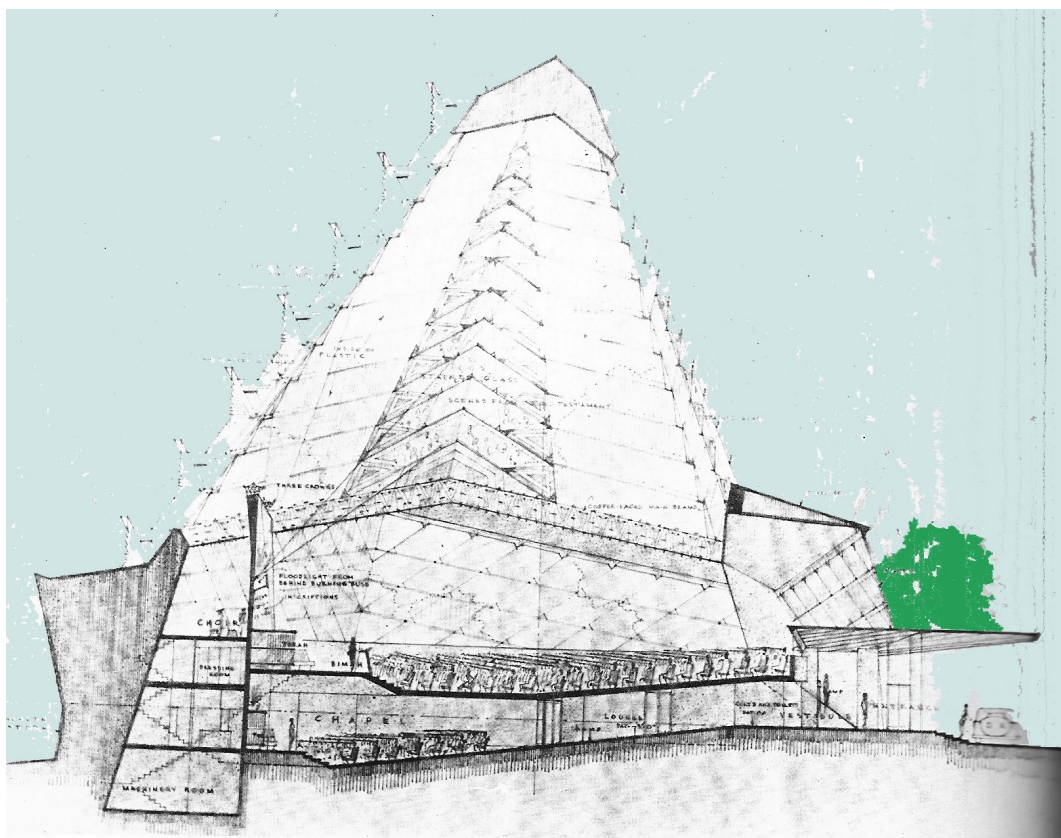


FIGURA 101 – Corte Esquemático
(FONTE: ISRAELOWITZ, 1992, p. 134)

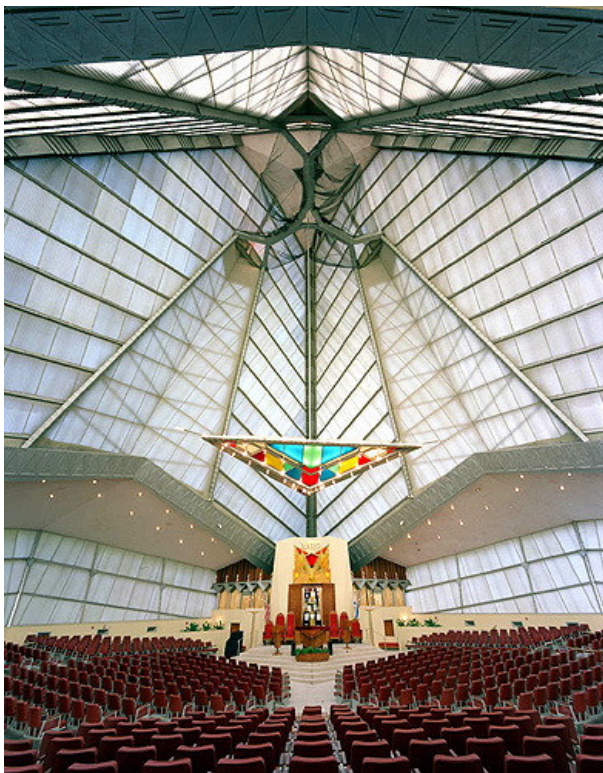


FIGURA 102 – Interior da sinagoga Beth Shalom
(FONTE: IMAGES, 2009)

No piso superior, localiza-se a sinagoga principal, com seus 1.020 assentos não colocados em um arranjo uniforme, geralmente encontrado em sinagogas e igrejas. Os bancos foram enrolados ao redor da *bimá* e da arca, salientes, para que as pessoas de um lado da sinagoga pudessem ver aqueles do outro lado. Trata-se de uma Congregação onde homens e mulheres participam do ato sagrado de culto.

Em primeiro plano encontra-se a Arca, feita de madeira escura, com portas com lâminas de vidro, para que a luz não entre na arca, e sim emane dela. Dez rolos da *Torá* localizam-se no interior, fazendo alusão aos dez mandamentos.



FIGURA 103 – Arca e bima da sinagoga principal
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)



FIGURA 104 – Ornamento sobre a arca
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)

Sobre a Arca há um enorme adorno de alumínio e vidro. O ornamento é uma dramatização da descrição do profeta Isaías sobre sua visão da presença de Deus, simbolizada pela luz, cercada por querubins e serafins.

Dentro das asas brilha a chama eterna, feita de vidro vermelho. Deste modo, o monolito, localizado a cerca de quinze metros de altura e representando as duas Tábuas da Lei, procura transmitir a grande mensagem do judaísmo: a religião busca santificar a vida. A santidade da vida encontra a sua expressão na conduta ética e moral dos homens e das nações cujas raízes estão plantadas nos Dez Mandamentos dados por D'us a Moisés no Monte Sinai. (BETH SHOLOM, 2009)

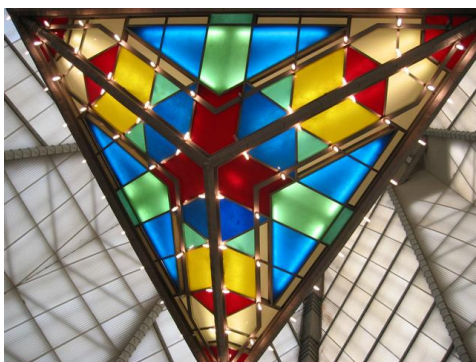


FIGURA 105 – Candelabro
(FONTE: BETH SHOLOM, 2009)

Os cabalistas, grandes místicos judeus, ensinaram que D'us pode ser simbolizado pela pura luz branca a qual nenhum homem pode olhar diretamente. Apenas por uma série de emanções representadas por cores diferentes, D'us se revela aos homens. Assim, os cabalistas dizem que o azul representa a sabedoria, o verde representa a percepção e a compreensão; o amarelo ou ouro a beleza; o

vermelho a força, coragem e justiça, e o creme a misericórdia e bondade. As cores do candelabro são refletidas no manto de veludo dos rolos da *Torá* na Arca. A *Torá* une o calor do misticismo judaico com a razão da mente judaica e Lei Judaica. Juntos, eles procuram santificar toda a vida do homem. (BETH SHOLOM, 2009).

4.2 Sinagoga Do Centro Bait



FIGURA 106 – Vista aérea da sinagoga Bait
(FONTE: GORSKI, 2009)

Localizado em São Paulo, no bairro Higienópolis, o Centro Judaico *Bait* conta com uma área de mais de dois mil metros quadrados, e seis pavimentos, onde sua sinagoga está localizada no térreo. É um espaço destinado à reaproximação do judaísmo e ao resgate da tradição e da espiritualidade judaicas através do estudo, do lazer e de atividades culturais e sociais.

A palavra *bait* em hebraico quer dizer casa, e essa função acolhedora é a que o local pretende assumir, alcançando judeus não engajados em instituições judaicas.

De acordo com VALPORTO LEAL (2009), o projeto exigiu a criatividade do arquiteto Michel Gorski, que buscou elementos significativos aos judeus, aliando-os a obras de arte cuidadosamente selecionadas e integrando espaços sociais e religiosos. Tudo isso em um terreno relativamente pequeno e com conformação irregular. “Queremos criar uma nova referência arquitetônica para a cidade, que não seja uma réplica de algo existente, porém com formas associadas ao imaginário dos frequentadores, para que estes se sintam bem acolhidos no Centro”, declara Michel.

Conforme GORSKI (2009), a idéia inicial da criação de um centro judaico partiu do rabino Isaac Michaan, que objetivava a atração de judeus ao centro, que reuniria atividades religiosas, culturais e de lazer. O local destinado à obra era a junção de dois terrenos originalmente ocupados por duas casas. Os terrenos não possuíam a mesma dimensão, sendo um mais longo que o outro, e mesmo unidos, ainda assim conformavam um lote estreito e comprido.



FIGURA 107 – Implantação da sinagoga Bait
(FONTE: a autora, 2009)

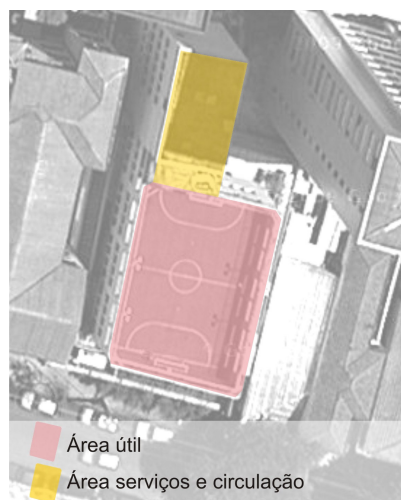


FIGURA 108 – Setorização
(FONTE: a autora, 2009)

Diante tal situação, a solução encontrada foi setorizar o terreno em área útil na porção frontal, e área de serviço e circulação na parte dos fundos. A ponta remanescente nos fundos de um dos terrenos serviu para abrigar caixa d'água e gerador.

O programa de necessidades foi formulado pelo rabino e moldado pelo arquiteto Michel Gorski ao longo dos seis pavimentos. Uma preocupação com a usabilidade dos espaços foi considerada, sendo posicionada uma pia em cada andar voltada a atender o ritual de lavar as mãos, preceito judaico que representa uma purificação essencial para quem frequenta a sinagoga. A quadra localizada no último pavimento é descoberta para o lazer e para o posicionamento da *suká*, cabana coberta de plantas que permitem a passagem de chuva e a vista das estrelas, dentro da qual se faz as refeições durante os sete dias de duração da festa de *sukot*.

Todos os ambientes possuem farta iluminação natural, inclusive os corredores. Essa foi uma das principais preocupações do arquiteto. Os forros são de lambri de madeira, e há um fino trabalho de marcenaria no acabamento interno dos cômodos.

A distribuição do programa ao longo do prédio ficou definida da seguinte maneira: O térreo abriga o piso principal da sinagoga, e é reservado aos homens. O mezanino é destinado às mulheres, espaço que se tornou privilegiado pela ampla visibilidade proporcionada por seu formato curvo e sua organização em arquibancada. O vazio deste piso tem pé direito de seis metros e sua área é desprovida de apoios internos, sendo a estrutura executada em concreto protendido.



FIGURA 109 – Pequena Sinagoga
(FONTE: GORSKI, 2009)

O segundo pavimento é ocupado por uma pequena sinagoga, nos mesmos moldes da principal, porém com dimensões reduzidas, possui sua entrada pela quina da sala, uma divisória em nível entre homens e mulheres, e um vitral em tons de azul atrás do Aron hakodesh.

Conforme VALPORTO LEAL (2009), o terceiro andar recebe a administração e o quarto, a videoteca, biblioteca e atelier. A cobertura abriga uma quadra de esportes e uma área equipada para festas ao ar livre e o subsolo possui um auditório, café, jardim e uma sala de espera.

No trecho onde o terreno fica mais estreito estão os sanitários e o núcleo vertical de escadas e elevadores. Nos fundos do terreno estão os reservatórios de água e três mikvot, banheiras para purificação. Uma para homens, outra para mulheres e a terceira para utensílios de cozinha. São pequenas piscinas que devem ser preenchidas com água da chuva. Para tal, desenvolveu-se um sistema em que

“a água da chuva cai em uma laje de concreto inclinada, sendo conduzida até um reservatório do mesmo material com camada interna de 12 cm de isolamento, espessura necessária para impedir a interferência do concreto na água. Os condutores de granito foram feitos especialmente para a obra e as banheiras são de mármore e pastilha vitrificada, rejuntadas com cimento, uma vez que não é permitido o uso de cola, adesivo ou manta isolante.” (REVISTA AU, 2009)

O ritual de purificação deve ser realizado em ocasiões como antes do casamento, antes de todas as festas judaicas, durante a gravidez, após o parto, no término de cada ciclo menstrual e em casos de conversões.

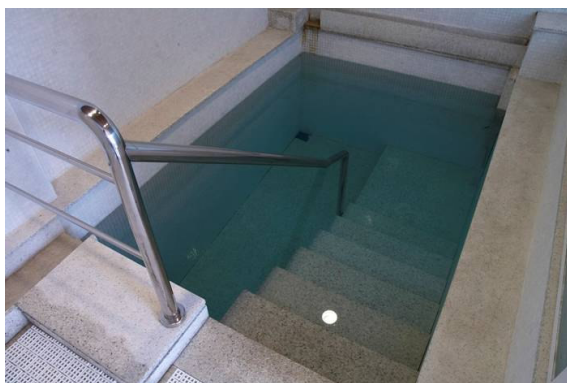


FIGURA 110 – Mikve feminina
(FONTE: GORSKI, 2009)

Para GORSKI (2009), a questão da descrição da *mikve* feminina foi resolvida através da criação de um andar feminino, onde se localiza o mezanino sobre o salão de rezas principal, sanitários feminino e o acesso à *mikve*. Seu acesso se dá através de uma escadaria no hall, ou pelo elevador.

Sob a mesma prumada da *mikve* feminina encontra-se a *mikve* masculina, no térreo, onde ambas recebem água de um reservatório que capta águas pluviais sem nenhum tipo de tratamento ou contato com metais, mantendo a pureza da mesma.

De acordo com EKERMAN (2007), o arquiteto buscou no modernismo a inspiração para preencher o santuário com simbologia, através da inserção de trabalhos artísticos.

O uso de vitrais nos salões de reza foi uma escolha do arquiteto, que contou com a ajuda de vários artistas plásticos. Como afirma GORSKI (2009), foi oferecida uma mesma quantia financeira a todos os artistas convidados, sem tema pré-estabelecido, onde cada um escolheu um tema e uma plástica para suas obras, havendo no final uma grande harmonia entre todos os desenhos. Grandes nomes da atualidade participaram. Os vitrais permitem a passagem da luz natural, porém sem haver exposição para a rua.



FIGURA 111 – Detalhe dos Vitrais de Sérgio Figermann
(FONTE: GORSKI, 2009)



FIGURA 112 – Vitrais de Sérgio Figermann
(FONTE: GORSKI, 2009)

Logo na entrada do prédio há o vitral “As doze tribos de Israel” da artista brasileira Renina Katz. Esta obra foi feita especialmente para o Centro judaico Bait, e chama a atenção pelas cores escolhidas.

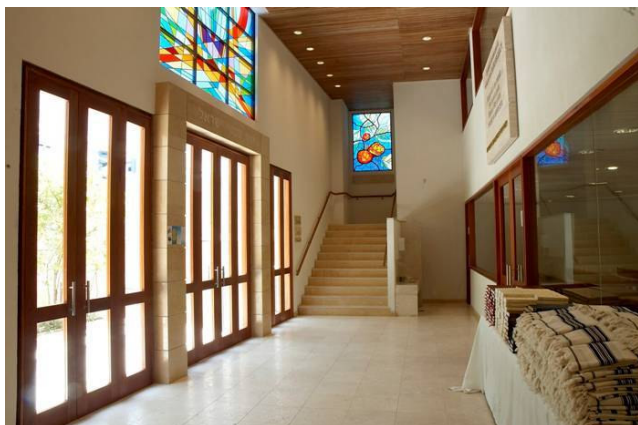


FIGURA 113 – Hall de entrada do pavimento Térreo
(FONTE: GORSKI, 2009)



FIGURA 114 – Vital de Renina Katz
(FONTE: GORSKI, 2009)

O interior da sinagoga recebeu o quadro Montanhas, do artista russo Lasar Segall, adaptado em um vitral de 3m X 2m, com o objetivo de apresentar a visão de um horizonte. Localizado sobre a arca sagrada que guarda a *Torá*, está sempre voltado para Jerusalém. Representa a constante mirada à Terra Santa e a simbologia do salmo 121: “Para os montes levanto os meus olhos; de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, Criador do céu e da terra”.



FIGURA 115 – “montanhas” de Lasar Segall
(FONTE: GORSKI, 2009)

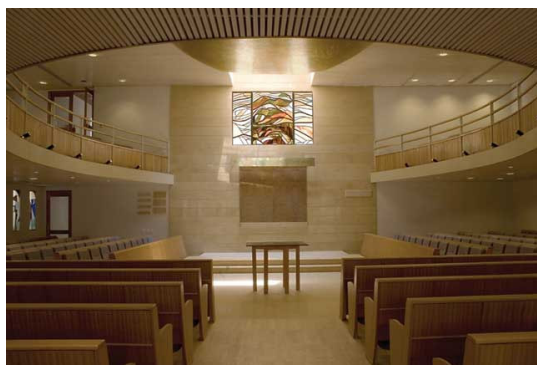


FIGURA 116 – Interior da Sinagoga Bait
(FONTE: REVISTA AU, 2009)



FIGURA 117 – Fachada da sinagoga
(FONTE: BAIT, 2009)

Outro artista brasileiro Abraham Palatnik também marcou presença na fachada do BAIT com um mural urbano de 123 m² formado por doze placas de resina, elaboradas especialmente para enfrentar as variações climáticas. São figuras abstratas em relevo que, para o espectador, mudam de forma à medida que a luz – primeira criação divina – incide sobre a obra.

Para EKERMAN (2007), Michel Gorski também dedicou especial atenção ao trabalho com a luz dentro da sinagoga, reforçando a liturgia por meio do domínio desta ferramenta. Embora esta seja uma tendência da arquitetura religiosa num contexto mais geral, é um instrumento só mais recentemente utilizado dentro das sinagogas para o destaque de pontos importantes durante o serviço.

Além do vitral sobre a arca sagrada, Gorski cria um domo dourado invertido que, ao lado das propriedades acústicas inicialmente buscadas, também resulta em um interessante efeito plástico, ressaltado pela pintura em folha de ouro, que projeta sobre a *bimá* central uma luminosidade diferenciada.

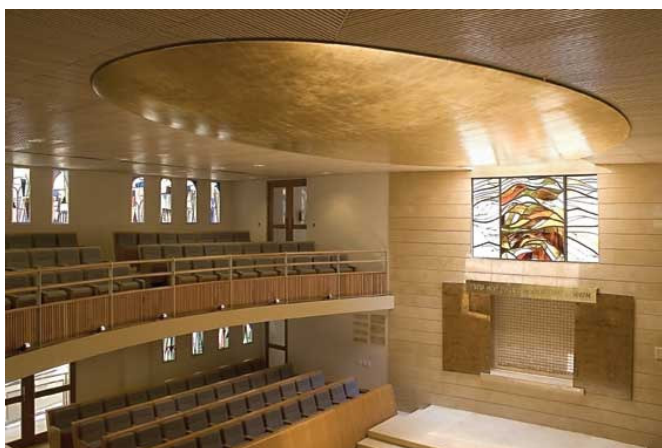


FIGURA 118 – Detalhe da cúpula dourada invertida
(FONTE: REVISTA AU, 2009)

A parede que contém a arca sagrada é revestida de pedra trazida de Jerusalém.



FIGURA 119 – Interior da sinagoga Bait
(FONTE: GORSKI, 2009)

Exatamente no ponto onde são celebrados os casamentos há uma abertura retrátil no teto para que a luz da lua possa incidir diretamente nos noivos, conforme manda a tradição judaica.

GORSKI (2009) afirma que, inicialmente, sua intenção era de entrar pelo subsolo, onde haveria um café, uma área de estar, e de lá subir para o salão de rezas. Porém, como a linha da sinagoga é ortodoxa, esse ambiente não ia de encontro com as práticas realizadas pelos idealizadores.

O arquiteto pensou também em fazer uma garagem no subsolo, idéia que foi vetada pela equipe de segurança.

A própria relação com a rua não fora projetada desde o início. Gorski previa uma entrada mais aberta, sem haver o muro cego com guarita.



FIGURA 120 – Croqui inicial
(FONTE: GORSKI, 2009)

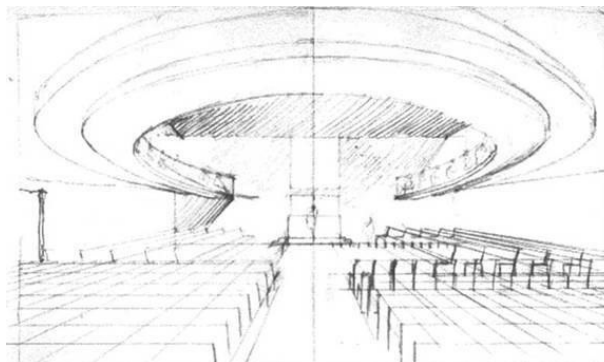


FIGURA 121 – Perspectiva do arquiteto Michel Gorski
(FONTE: GORSKI, 2009)

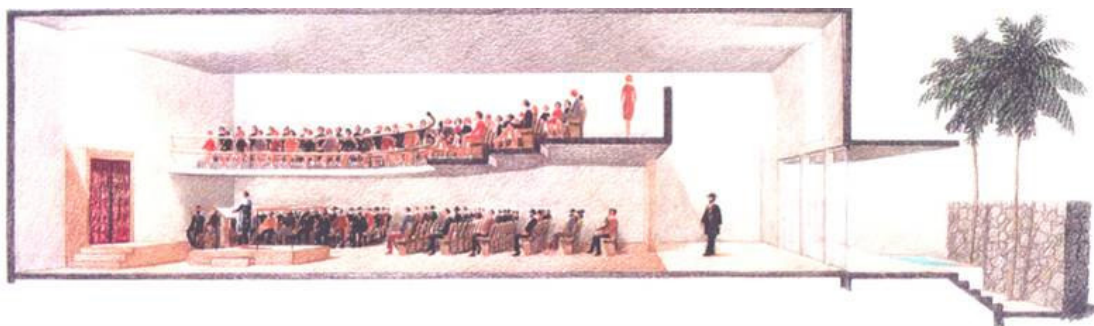


FIGURA 122 – Corte inicial
(FONTE: GORSKI, 2009)

Porém, novamente por questões de segurança essa entrada foi repensada, e teve que abrigar o alto muro de pedra. Para quebrar a aridez, foram plantadas oliveiras do lado de fora, e romãzeiras do lado interno. Essa parede verde pode ser vista de dentro da sinagoga, o que confere um visual muito bonito. Todas as espécies vegetais utilizadas no projeto paisagístico estão mencionadas na *Torá*, conferindo um caráter simbólico para o paisagismo. Na entrada há uma fonte com peixes e um jogo com letras de cobre que formam as palavras céu, água e mar.



FIGURA 123 – Fonte na entrada
(FONTE: GORSKI, 2009)



FIGURA 124 – Espécies Vegetais
(FONTE: GORSKI, 2009)

De acordo com GORSKI (2009), para conseguir atrair novos freqüentadores para este centro, logo que as obras iniciaram foi realizado um evento para que cada pessoa colocasse uma pedra no primeiro buraco feito no solo, a pedra fundamental, simbolizando a participação de todos. O evento foi um sucesso, e esse ritual foi repetido quando a obra já estava concluída, na colocação de pedras no fundo do *Aron hakodesh*.



FIGURA 125 – Colocação de pedras pela comunidade no fundo da arca sagrada
(FONTE: GORSKI, 2009)

4.3 Sinagoga Beth Sholom, Califórnia, 2008



FIGURA 126 – Fachada da sinagoga Beth Sholom
(FONTE: ARCHDAILY, 2009)

Localizada em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos, esta sinagoga foi projetada pelo escritório Stanley Saitowitz e Natoma Architects em 2008. Possui uma área construída de 2.694 m² e seu orçamento foi de US \$11.933.000.

Ao longo da avenida onde se encontra a sinagoga Beth Sholom foi elaborado um plano que estabeleceu a presença de dois marcos religiosos: a Igreja Cristã neoclássica, e a sinagoga Beth Sholom.



FIGURA 127 – Foto aérea da sinagoga Beth Sholom
(FONTE: GOOGLEMAPS, 2009)



FIGURA 128 – Implantação
(FONTE: GOOGLEMAPS, 2009)



FIGURA 129 – Perspectiva da sinagoga
(FONTE: GOOGLEMAPS, 2009)

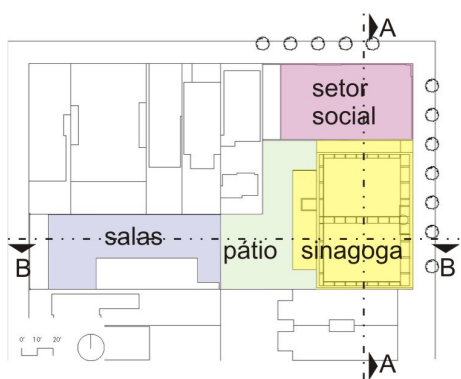


FIGURA 130 – Setorização
(FONTE: a autora, 2009)

Um embasamento no nível da rua foi estabelecido, contendo a sinagoga diária, espaço de meditação, biblioteca, gabinetes e salas de reunião. Subindo um pavimento, duas construções foram posicionadas conformando um pátio. Uma delas é o santuário de alvenaria, um navio flutuando no ar, e a outra é um cubo que abriga o salão social.

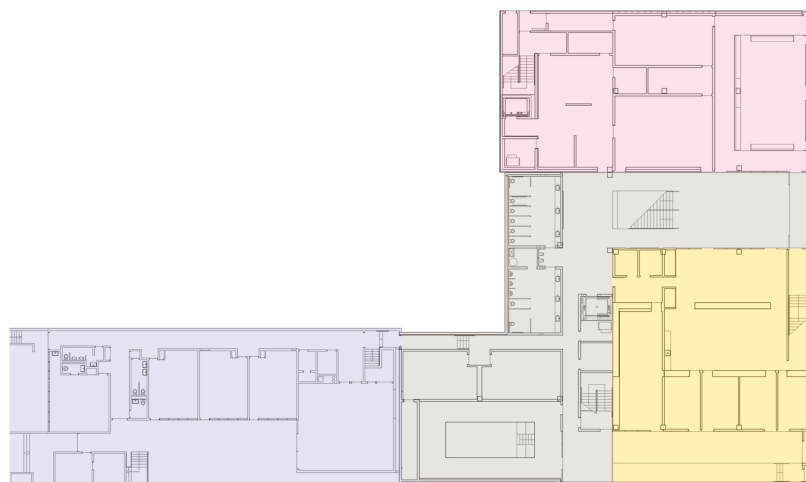


FIGURA 131 – Planta do nível da rua
(FONTE: a autora, 2009)

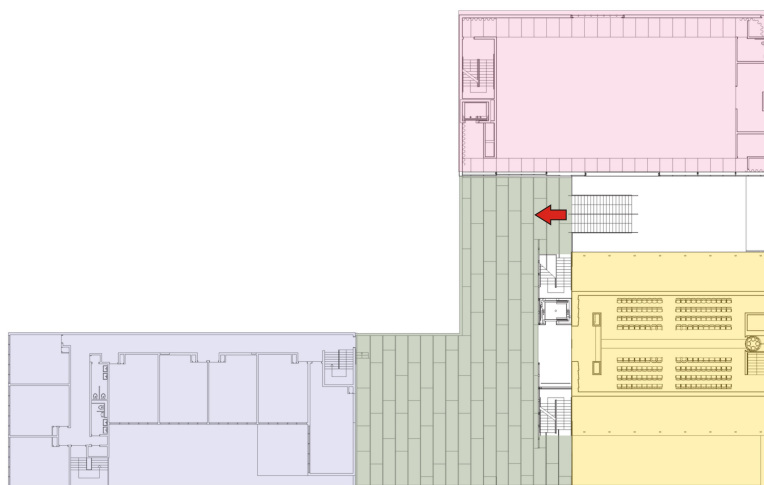


FIGURA 132 – Planta do nível do pátio
(FONTE: a autora, 2009)



FIGURA 133 – Planta do nível do balcão
(FONTE: a autora, 2009)

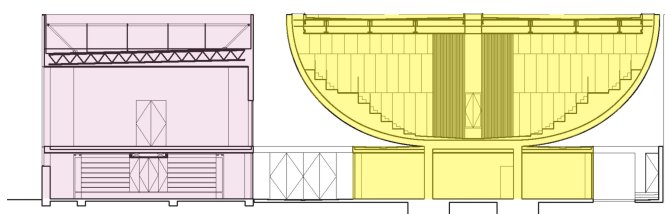


FIGURA 134 – Corte A
(FONTE: a autora, 2009)

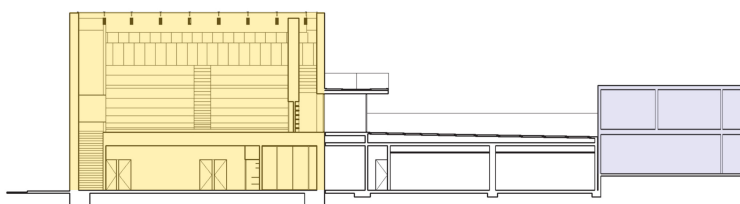


FIGURA 135 – Corte B
(FONTE: a autora, 2009)

A seqüência da entrada estabelece a distinção de um lugar sagrado através da passagem. É um percurso circular de curvas e subidas. O ponto de chegada é o pátio, a partir do qual todos os elementos do complexo são acessados.



FIGURA 136 – Pátio da sinagoga Beth Sholom
(FONTE: ARCHDAILY, 2009)



O projeto para o santuário começa a partir do interior com a criação de um espaço sagrado, um espaço arredondado, focado na *bimá* central, de onde os serviços são conduzidos. Uma fatia de céu no teto se transforma na chama eterna acima da Arca na parede oriental. Uma *menorá* de sombra enfeita a parede traçando o movimento do sol durante o dia e sendo iluminada à noite.



FIGURA 137 – Entrada Sinagoga Beth Sholom
(FONTE: FLICKR, 2009)



FIGURA 138 – Pátio da sinagoga
(FONTE: SAITOWITZ, 2009)

Toda a luz entra no salão por cima com vista para o céu, criando uma sensação de santidade e afasta o barulho e a agitação da cidade. As paredes e o teto fluindo em cima estão conectados com a luz.



FIGURA 139 – Interior da Sinagoga Beth Sholom
(FONTE: ARCHDAILY, 2009)

O aspecto essencial do judaísmo conservador é que as mulheres e homens participem igualmente na liturgia. A tradição ortodoxa judaica de mulheres separadas em um mezanino ou por uma cortina é eliminada. O salão é um navio de adoradores centrado em uma única comunidade focada na *Bimá*.

A expressão do interior é o exterior do edifício. O exterior também lembra o Muro das Lamentações de Jerusalém, usando a cor e a forma das pedras do antigo templo.

O segundo edifício, revestido de zinco, contém o salão social, que se abre para o pátio. Ele marca a esquina com uma fina faixa envidraçada. Este edifício, em contraste com o santuário de alvenaria, é reflexivo e leve.



FIGURA 140 – Fachada da sinagoga
(FONTE: ARCHDAILY, 2009)



FIGURA 141 – Pequena sinagoga, no embasamento
(FONTE: ARCHDAILY, 2009)

4.4 Sede Social e Sinagoga para a Comunidade Amijai



FIGURA 142 – Fachada da Sinagoga Amijai
(FONTE: URGELL, 2009)

A sinagoga para a comunidade Amijai, em Buenos Aires, Argentina, foi projetada pelo escritório de arquitetura Urgell-Penedo-Urgell em 2002, tendo sua obra concluída em 2004. Cerca de cento e cinquenta famílias são participantes ativos na congregação.



FIGURA 143 – Implantação da sinagoga Amijai
(FONTE: a autora, 2009)

A sinagoga possui espaço para assentar 850 pessoas, e trabalha para desenvolver projetos com outras organizações judaicas, afim de que mais judeus possam tirar proveito de seu espaço. Das oitenta sinagogas que existem em toda a Argentina, o bairro Belgrado em Buenos Aires – onde Amijai está localizada - já oferecia quatorze opções religiosas para os judeus. O enorme local ocupado pela Amijai está no coração de uma área de três quarteirões conhecida como Chinatown local.

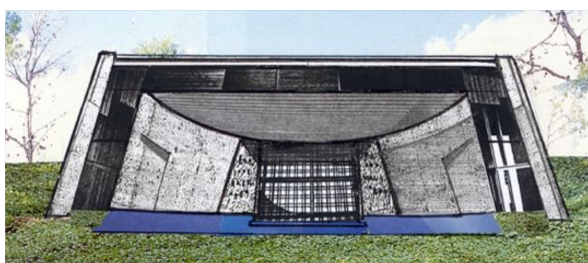


FIGURA 144 – Cortes da sinagoga Amijai
(FONTE: URGELL, 2009)

De acordo com URGELL (2009), os arquitetos envolvidos no projeto limitaram-se a “experimentar uma forma que, quase instintivamente, cobrisse, protegesse e reunisse.” Buscaram quais formas ancestrais, quais objetivos difusos e eternos, se encontravam nas raízes da história e da memória.

Incentivados a transformar o concreto, refugiado no calor da madeira, tentaram criar espaços internos e externos que multiplicassem as experiências visuais e dessem forma adequada à ligação com o divino.



FIGURA 145 – Croquis da sinagoga Amijai
(FONTE: URGELL, 2009)

Segundo PERI (2009), o corpo central é caracterizado por paredes curvas que se cruzam em concreto aparente, feitas com 15° de inclinação no eixo vertical.



FIGURA 146 – Construção da sinagoga Amijai
(FONTE: PERI, 2009)

Um dos principais desafios na implementação foi a necessidade de refletir com absoluta precisão as formas desenhadas através de moldes, destacando os detalhes arquitetônicos, com juntas e pontos de ancoragem ordenados.

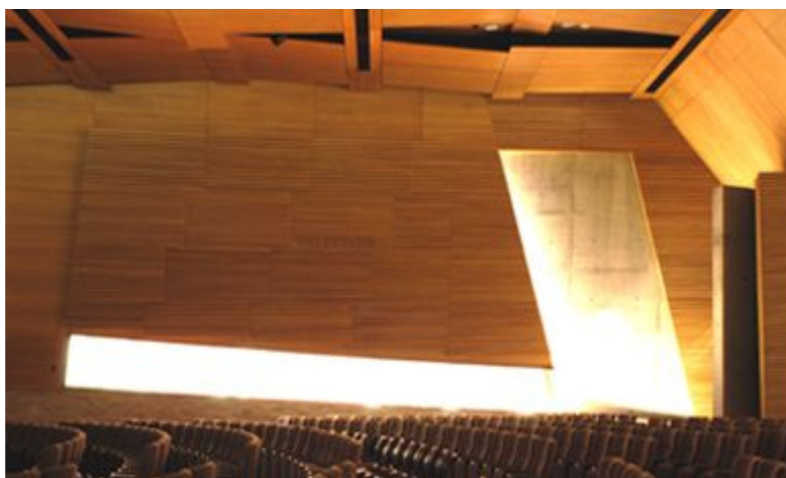


FIGURA 147 – Interior da sinagoga Amijai
(FONTE: URGELL, 2009)

4.5 Quadro Comparativo das Obras Correlatas

	BETH SHOLOM Frank Lloyd Wright	BAIT Michel Gorski	BETH SHOLOM Stanley Saitowitz	AMIJAI Urgell Penedo Urgell
				
CAPACIDADE	1.020 pessoas	400 pessoas	340 pessoas	850 pessoas
ÁREA CONSTRUÍDA	3600 m²	2000 m²	2694 m²	2260 m²
PROGRAMA DE NECESSIDADES BÁSICO	salão para eventos pequena sinagoga sinagoga principal	salão para eventos salas de estudo quadra esportiva administração biblioteca pequena sinagoga sinagoga principal	sede social salas de estudo salas de reunião administração biblioteca pequena sinagoga sinagoga principal	sede social sinagoga principal
IMPLANTAÇÃO	área ampla	união de dois lotes urbanos Alto muro na fachada	lote urbano Empena cega para a rua	miolo de quadra
SIMBOLOGIAS	Forma do telhado Transparência do telhado Cor da construção Objetos internos	Vitrais com temas bíblicos Luz natural Vegetação bíblica	Formato do salão de rezas Luz natural	Formato da sinagoga Luz natural

Analisadas as obras correlatas, pôde-se perceber a intrínseca relação entre a forma e o aspecto simbólico. Como a incorporação de simbologias judaicas se faz presente no próprio formato dos salões de reza. Outro ponto central das sinagogas contemporâneas consideradas é em relação à segurança. O contato com a rua fica comprometido e suprimido a uma barreira física e visual.

5. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

A fim de adaptar os conhecimentos adquiridos no decorrer do trabalho ao cenário atual, neste capítulo serão apresentados dois panoramas referentes ao município de Curitiba: um sobre a comunidade judaica e outro sobre locais de culto, em especial os instalados no centro da cidade.

O primeiro cenário trata do histórico da comunidade, sua formação, seu desenvolvimento e seu estado atual, com seus membros, seus espaços e suas questões.

O segundo subcapítulo apresenta locais de culto relevantes, do ponto de vista da diversidade e da convivência, no centro da cidade. O aprofundamento acontece sobre o eixo ecumênico que se forma em torno desses equipamentos religiosos, formando um ciclo simbólico para a cidade de Curitiba, que se tem o interesse de manter e reforçar com a implantação da nova sinagoga.

5.1 A Comunidade Judaica de Curitiba

De acordo com FALBEL (2008, p.712-713), o primeiro judeu que apareceu em Curitiba foi José Flaks, que veio em 1889, em companhia da esposa, Roni, e seus dois filhos, seguido por Max Rosemann e um irmão seu. Vieram da Galícia austríaca com a leva emigratória que o estado do Paraná então demandava, já que o governo queria colonizar terras incultas nas adjacências da metrópole. Instalaram-se na colônia agrícola Tomás Coelho (hoje Barigui), onde abriram, em sociedade, um negócio de secos e molhados e compra de gêneros do país. Eram facilmente identificados como judeus por seus trajes tradicionais, longas barbas e cachos laterais.

Aos poucos surgiram outros israelitas, a princípio sozinhos, porém que posteriormente trouxeram seus parentes. Os imigrantes judeus trouxeram da Europa uma bagagem cultural específica de sua etnia. A cultura judaica enraizada na Europa Oriental tinha características bem definidas: era escrita e falada em língua

ídiche, originário de Ashkenaz (Alemanha medieval), de onde migraram os judeus poloneses durante a Baixa Idade média.

Por volta de 1913, já se encontrava na capital paranaense cerca de doze famílias e umas duas dúzias de solteiros. Amadureceu o projeto de uma organização. A criação deste órgão, entretanto, não era tão simples, visto que era necessário haver entendimento entre as partes religiosas e mundanas da comunidade. Este acordo ocorreu em julho deste ano, quando foi decidida a criação da organização “União Israelita do Paraná”, com a finalidade de cuidar dos aspectos religiosos e culturais da coletividade.

“Com a fundação da União Israelita, inicia-se uma vida judaica organizada. Estando-se nas vésperas dos Dias Solenes, tratou-se, antes de mais nada, da instalação de uma sinagoga. Alugaram uma casa, mandaram vir de São Paulo um *Sefer-Torá*, e outros utensílios do ritual...” (FALBEL, 2008)

A União Israelita organizou, também, uma biblioteca, e então se começou uma intensa atividade cultural e social. A organização mudou-se para duas salas na Rua Cruz Machado, em pleno centro da cidade.

Segundo FALBEL (2008, p.714), a imigração foi interrompida por motivo da primeira Guerra Mundial, e em virtude de uma crise econômica local, muitos associados foram buscar os meios de vida em outras partes. Em 1915 a jovem entidade se viu obrigada a desistir de sua sede social, e mudar-se para uma pequena sala na casa de um de seus membros, numa rua afastada.

“A vida social está paralisada, a biblioteca é raramente freqüentada e as realizações culturais, cada vez mais escassas.” (FALBEL, 2008. p. 714)

Em 1916 instituiu-se um Comitê de Socorro às vítimas da guerra, que renovou a vida social. No ano seguinte, criou-se um Comitê beneficente feminino para prestar assistência aos necessitados. Ainda em 1917 foi fundada a primeira organização sionista de Curitiba.

O ano de 1920 representou um marco na evolução da coletividade judaica paranaense. Terminada a primeira guerra, a população judaica passou a crescer. Realizou-se então a fusão das três instituições existentes até então: União Israelita do Paraná, a organização sionista e a sociedade beneficente feminina, em uma única entidade geral, denominada Centro Israelita do Paraná. O Centro era constituído de vários departamentos que “abrange todas as atividades nacionais, religiosas, culturais, sociais e beneficentes da coletividade.” (FALBEL, 2008. p. 715)

Entre 1920 e 1937 foram construídos todos os edifícios de propriedade coletiva existentes: o Centro, a Escola e o Cemitério Israelita.

De acordo com EIBSG (2009), em 1927 houve a fundação da Escola Israelita Brasileira de Curitiba, funcionando numa casa alugada na Rua André de Barros, 63. Oficializada pelo governo estadual, a escola contava com um professor nomeado para lecionar o programa exigido pela Secretaria de Estado de Educação. O currículo contava com disciplinas de português, ídiche, hebraico, história judaica e escrituras sagradas.

Conforme SCHULMANN (2009), em 1928 foi inaugurada a sede própria do Centro Israelita do Paraná, com terreno comprado através da contribuição de todos os associados da coletividade judaica da cidade. Todas as atividades aconteciam neste local: bailes, esportes, festividades religiosas, casamentos e bar-mitzvás. Tudo ocorria num único salão da Rua Cruz Machado, ao lado da Praça Santos Dumont, com acesso também pela Rua Saldanha Marinho.



FIGURA 148 – Foto aérea do centro de Curitiba de 1928
(FONTE: IPPUC, 2008)



Este quadro pintado em 1945 pelo pintor Pedro Macedo, transeunte da Rua Saldanha Marinho, contempla a sinagoga, então uma casa de madeira, ao lado da Praça Santos Dumont, com quatro judeus trajados segundo a ortodoxia, reforçando o caráter atemporal do judaísmo que sensibilizou o pintor.

FIGURA 149 – Retrato de 1945 da antiga sinagoga
(FONTE: KULISCH, 2009)

Em 1935, já com cento e nove crianças, a Escola viu-se obrigada a ampliar as suas instalações. Salomão Guelmann construiu e doou um prédio especialmente para o funcionamento da Escola. A nova sede, na Rua Lourenço Pinto, foi inaugurada em 29 de junho de 1935 e funcionou por trinta e cinco anos. Em homenagem a essa grande conquista, a escola passou a se chamar Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann.

A comunidade prosseguia ativamente no auxílio a casos locais de necessidades, ajudando a instalar os recém-chegados, a empregar os desempregados e a prover os menos abastados. Também reagia com prontidão e firmeza a manifestações antissemitas que ocorriam na imprensa.

Os anos de 1938 a 1945 marcaram mudanças decisivas na realidade local. De um lado, nota-se uma considerável prosperidade econômica, de outro, presencia-se uma franca decadência social e cultural.

“... em virtude das leis de nacionalização do novo regime do país, o Centro é obrigado a modificar os estatutos, dos quais fica eliminada toda e qualquer alusão a atividades sionistas ou culturo-nacionais; o nome oficial do Centro Israelita é substituído pela denominação de Centro Mosaico, a fim de salientar o caráter exclusivamente religioso da instituição.” (FALBEL, 2008. p. 717)

Após 1945 a situação volta a melhorar. O país retorna ao regime constitucional e amplia as liberdades dos grupos étnicos. Em 1948 é estabelecido o Estado de Israel pela Organização das Nações Unidas, mesmo ano em que se estabeleceu em Curitiba o Movimento Sionista Socialista Habonim Dror, que educava e preparava jovens judeus para morar em *kibutzim* em Israel, contribuindo para a construção, fortalecimento, criação e desenvolvimento do Estado Judeu.

A localização da sinagoga era no Centro da cidade para permitir fácil acesso a todos, já que não se utiliza carro no shabat e em dias de festividade, e que na época havia muitos religiosos na comunidade. Inicialmente de madeira, a sinagoga passou por uma reconstrução na década de 1950, graças a doação do empresário Francisco Frishmann, e permanece até os dias atuais.

Segundo KEHILA (2009), no início do ano de 1959 iniciou-se a construção da Sede Social do Centro. Mesmo com as atenções voltadas à construção da nova sede, as atividades culturais não cessavam, e ao final de sua construção, o clube era frequentado e estava cada vez mais completo. Com esta nova sede na Rua Nilo Peçanha, a comunidade esboçava um interesse em mudar o prédio da Escola para o terreno anexo ao novo clube. Ao mesmo tempo, foi se concretizando a idéia de dar continuidade ao ensino primário com a criação de um ginásio judaico.

O governo autorizou o funcionamento do ginásio, e, em 1970, com trinta e cinco alunos, começou a primeira série ginásial. Nesse ano, contando com duzentos e cinquenta alunos no total, a Escola iniciou as obras da sua atual sede. Com o prédio moderno, localizado na Rua Nilo Peçanha, projetado pelos ex-alunos Leo Grossmann e Jaime Lerner, a trajetória da Escola foi crescendo cada vez mais.

Atualmente a comunidade judaica de Curitiba conta com aproximadamente oitocentas famílias totalizando mais de três mil pessoas. Conta com três cemitérios judaicos e possui três localidades próprias: o Clube que contém a escola na Rua Nilo Peçanha, a sinagoga ortodoxa situada da Rua Ângelo Sampaio e a sinagoga tradicional Francisco Frischmann, na Rua Cruz Machado, constituída por um foyer, uma pequena sinagoga, uma cozinha e o salão da sinagoga principal com

capacidade para quinhentas pessoas. Ela encontra-se fechada desde o final do ano 2005 por questões estruturais e de segurança.

Há, portanto, por parte da comunidade uma demanda por uma nova sinagoga, que abrigue um maior número de membros, um programa de necessidades mais extenso e mais flexível e que responda às questões de segurança hoje em dia tão em voga, visando à proteção contra a violência urbana e contra atentados terroristas.

De acordo com CÓRDOVA (2009) a sinagoga atual não se encontra em conformidade com as normas de segurança. Possui muitos acessos e nenhuma saída de emergência, localiza-se muito rente às calçadas, é dotada de vidro nas fachadas e não possui estrutura reforçada.



FIGURA 150 – Implantação da sinagoga Francisco Frischmann
(FONTE: a autora, 2009)

5.2 Locais de Culto no Centro de Curitiba

“A arquitetura apresenta sua importância não pela sua imagem, mas por conta de seu uso. Um espaço não utilizado pela comunidade, como encontramos nos templos egípcios e na cela do templo grego, é inconcebível para os judeus.”

(ZEVI, 2002, p.21.)

O local onde se encontra a sinagoga Francisco Frischmann faz parte da história da comunidade judaica em Curitiba, e integra o círculo ecumênico formado no centro da cidade, simbolizando a vitória da coexistência e do diálogo.



FIGURA 151 – Croqui indicando a monumentalidade da igreja, ao fundo
(FONTE: CULLEN, 1996, p.96)

A presença de locais de culto na cidade, principalmente igrejas, marca a paisagem física e simbolicamente, serve como ponto de referência e como ponto focal para os olhares de quem trafega pela região. Estas construções trazem a escala monumental à cidade, que contrasta com as demais edificações conferindo dinamismo e surpresa aos transeuntes. Segundo CULLEN (1996), mexem com as dimensões física, temporal e psicológica da própria cidade.

“A construção de um santuário, de um templo no local “revelado” tem esse sentido de ato de criação fundamental da existência religiosa. Eis o porquê da importância destas construções como concretização de marcos referenciais primordiais de qualquer assentamento humano.” (OBA, 1998. p.96.)

A maior concentração de equipamentos religiosos em Curitiba encontra-se na regional da Matriz por seu caráter histórico e sua centralidade e facilidade de acesso a todos.

“... em cada época, em cada lugar, as diversas culturas, com base em suas concepções próprias de universo, de Deus e do homem, empreenderam a produção de seus templos.” (OBA, 1998. p.97.)

O bairro Centro concentra uma série desses equipamentos religiosos. Porém, em sua intersecção com o bairro São Francisco, reúnem-se marcos de linhas religiosas diferentes, que enriquecem o espaço com sua diversidade e coexistência.

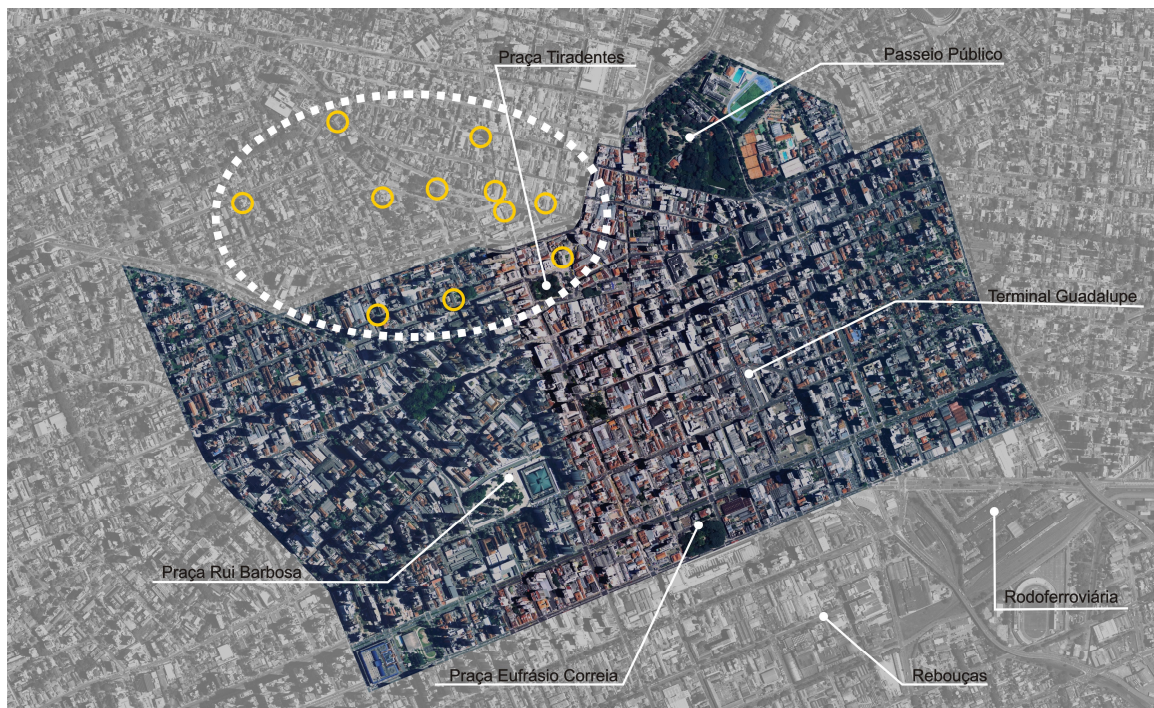
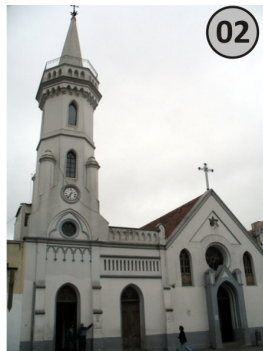


FIGURA 152 – Mapa com equipamentos religiosos diversos, Curitiba (FONTE: a autora, 2009)

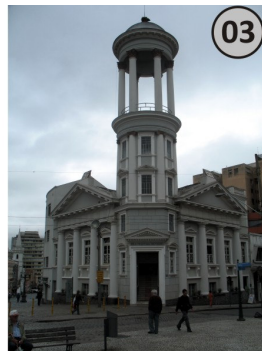
“A região entre a Catedral Metropolitana e as ruínas de São Francisco já é conhecida pelas diversas igrejas de diferentes religiões ali existentes. O que é peculiar é que as próprias ruínas tombadas pelo patrimônio histórico são de uma igreja datada de 1811. Ali também está a Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Curitiba. A inauguração do Cenário Arquidiocesano do Santíssimo Sacramento de Curitiba, ao lado da Igreja da Ordem, veio reforçar o aspecto da religiosidade na região. Num raio de aproximadamente 500 metros, temos uma mesquita, uma sinagoga, ortodoxos, luteranos, presbiterianos e espíritas. O que nos dá a dimensão da abertura, da convivência e da paz existente e da espiritualidade que este local representa.” (IPPUC, 2005)



Catedral Basílica de Curitiba



Igreja da Ordem



Igreja Presbiteriana



Igreja do Rosário



Igreja Luterana



Igreja São Vicente de Paulo



Mesquita Al Imam Ali Ibn Abi Taleb



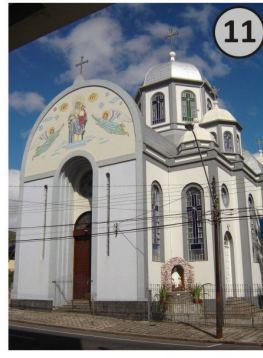
Ruínas de São Francisco



Sinagoga Francisco Frischmann



Federação Espírita do Paraná



Igreja Ortodoxa Ucraniana

FIGURA 154 – Equipamentos religiosos diversos
(FONTE: PANORAMIO, 2009)

Tendo em vista a atual situação do imóvel, fechado desde o ano de 2005, propõe-se a substituição deste por uma nova sinagoga.



FIGURA 155 – Fachada da Sinagoga Francisco Frischmann da Rua Cruz Machado (FONTE: a autora, 2009)



FIGURA 156 – Fachada da Sinagoga Francisco Frischmann da Rua Saldanha Marinho (FONTE: a autora, 2009)

6. DIRETRIZES DE PROJETO PARA A SINAGOGA

Com os estudos realizados previamente, torna-se possível o desenvolvimento das diretrizes para a elaboração do projeto de uma sinagoga.

Dos estudos sobre o surgimento da sinagoga e sua evolução como tipologia arquitetônica, pôde-se extrair a intrínseca relação com o tempo e o espaço onde estavam posicionadas estas sinagogas, sendo sua forma, seu porte e sua relação com o entorno, reflexos de uma conjuntura política e econômica.

Também os estudos de caso nacional e internacionais colaboraram com a abrangência do tema, a amplitude do programa de necessidades, a abordagem do sagrado no meio urbano e seu diálogo com o entorno.

Porém, só a partir da análise e interpretação da realidade que se pôde adaptar tais conhecimentos ao cenário real e atual em que se pretende inserir a proposta.

Como já visto anteriormente, a comunidade judaica de Curitiba carece de uma sinagoga. A que se encontra hoje na Rua Cruz Machado está fechado por questões estruturais e de segurança, e as rezas têm sido realizadas provisoriamente em um cômodo do Clube Israelita do Paraná. Mais do que um local de orações, a sinagoga simboliza a união de um povo, a presença do povo judeu e sua relação com a cidade.

Como resposta à necessidade de um local de culto para a religião judaica, este trabalho propõe uma abordagem mais ampla da sinagoga: não apenas como local de oração e de encontro entre judeus, mas também como forma de apresentar a religião e a cultura judaica para a cidade, seus preceitos, sua história, suas origens no Brasil e sua luta para a manutenção de um povo. Com a abertura da sinagoga para a cidade, convida-se a todos a entrar e conhecer o que a cultura judaica tem a oferecer, fortalecendo os laços entre a comunidade judaica e a grande sociedade brasileira.

Com a proposta da sinagoga busca-se também a superação de um grande desafio: o medo de atentados terroristas que leva a comunidade judaica a se fechar e se isolar da cidade. Propõe-se a criação de um espaço em comum para todos os cidadãos de Curitiba, onde se faz necessário haver um controle de segurança na entrada, porém que permita a relação dos habitantes das mais diversas crenças religiosas, para que a coexistência seja possível e a convivência pacífica seja gerada. Acredita-se que esta abertura seja benéfica a todos, pois é através da informação e do conhecimento que se combaterá o preconceito e a discriminação.

Conceituadas as intenções de projeto, delimita-se um objeto para o qual, nos próximos capítulos, serão listadas condicionantes. O primeiro subcapítulo caracteriza o sítio locacional do projeto, uma leitura dos elementos naturais e construídos desde uma escala geral até uma mais objetiva e aproximada. O subcapítulo seguinte destrincha o programa a ser compreendido no projeto. Finalmente, o último subcapítulo trata da linguagem estética que se pretende atingir com o projeto.

6.1 Caracterização Locacional

Administrativamente, a cidade de Curitiba é dividida em nove regionais. O bairro Centro, assim como outros dezessete bairros, localiza-se na Regional Matriz, região que possui o maior número de templos religiosos de Curitiba.

“Além dos 36 mil habitantes do Bairro Centro, a região recebe pelas plataformas de transporte coletivo instaladas em praças e ruas mais de 430 mil pessoas/dia (12 vezes a população do bairro Centro), que correspondem a aproximadamente 30% dos usuários do sistema.” (IPPUC, 2008)



FIGURA 157 – Nove regionais de Curitiba
(FONTE: IMAP, 2009)

O bairro Centro é repleto de marcos edificados, como o prédio histórico da Universidade Federal, o Teatro Guaíra, a biblioteca pública e a catedral basílica, e também possui inúmeros espaços livres, como os calçadões e as diversas praças que o interligam.

“Os Marcos Referenciais Urbanos são produtos sociais e culturais vinculados ao processo de construção da cidade e da sua identidade. São produzidos ou podem surgir espontaneamente como materialização dos anseios e necessidades sociais. Sofrem transformações e podem desaparecer ou permanecer adquirindo novos significados.” (OBA, 1998. p.3.)

A sinagoga Francisco Frischmann localiza-se na porção norte do bairro Centro, fator que a aproxima mais do bairro São Francisco, estabelecendo uma forte relação. Em seu entorno há muita atividade comercial, edifícios de serviços e estacionamentos, além da Praça Santos Dumont. Seu acesso se dá através da Rua Cruz Machado, via que corta o Centro da cidade, e pela Rua Saldanha Marinho.

“A diversidade dos aspectos topográficos e em particular da região central de Curitiba, possibilita a identificação de um desenho viário que desapareceu como referencia de caminho de passagem. Neste contexto, a Rua Saldanha Marinho se insere como um exemplo relevante. A rua tem seu início no Sítio Tiradentes, nos fundos da Catedral Metropolitana, núcleo central da cidade e se dirige para a região oeste integrando o eixo composto pelas Ruas José Nicolau Abage e Cândido Hartmann em sua maior extensão. A tipologia das edificações nas quadras centrais, entre a Praça Tiradentes e a Rua Visconde de Nacar, guarda uma escala predominantemente horizontal, com prédios antigos construídos em sua maioria há mais de cinquenta anos, em rua com pavimentação em paralelepípedos, o que confere à paisagem um aspecto histórico, mesmo sem a presença de um patrimônio edificado significativo, à exceção da Casa Andrade Muricy, que além de caracterizar marco referencial de paisagem, constitui uma unidade monumento.” (IPPUC, 2008)



FIGURA 158 – Rua Saldanha Marinho na área central
(FONTE: IPPUC, 2008)

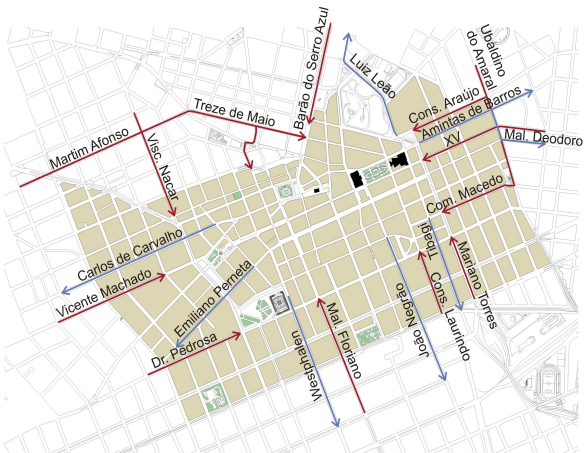
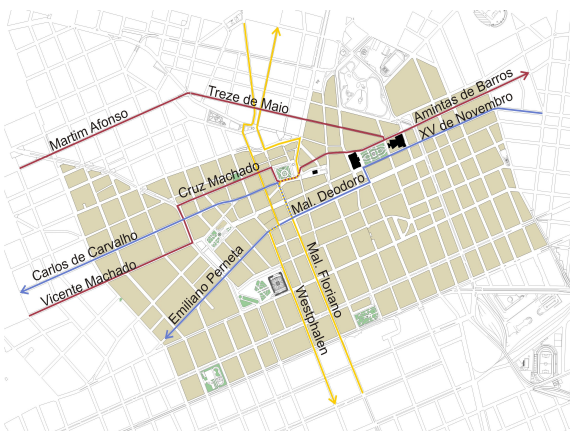
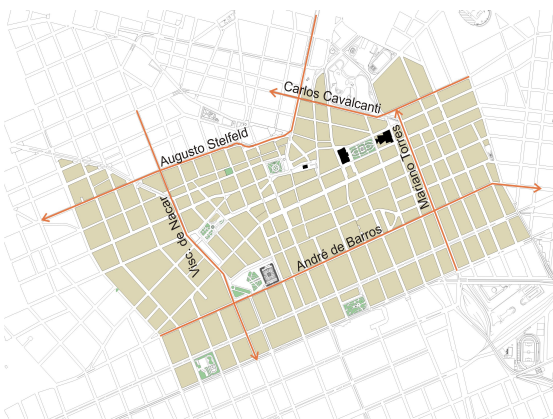


FIGURA 159 – Vias que tangenciam o centro

FIGURA 160 – Vias que cruzam o centro

FIGURA 161 – Vias que chegam e saem do centro
(FONTE: IPPUC, 2008)

“... a malha viária urbana possui um eficiente sistema de vias que permitem fluxo contínuo e em grande escala ao centro. As Vias Rápidas dos Setores Estruturais, as Vias Setoriais e os Sistemas Binários de Circulação, respondem juntamente com outros grandes corredores de escoamento viário, pelas principais demandas de tráfego urbano que favorecem o acesso dos veículos de bairros periféricos e da região metropolitana à região central...” (IPPUC, 2008)

Tendo em vista a facilidade de acesso ao Centro da cidade, e o posicionamento da sinagoga em uma localização que já é simbólica para os cidadãos de Curitiba e histórica para a comunidade judaica, pretende-se estabelecer a nova sinagoga no mesmo sítio da antiga, porém ampliada, e respeitando as regras de segurança. Analisados os imóveis vizinhos, constatou-se que não apresentam valor arquitetônico ou histórico, e podem ter suas áreas incorporadas ao novo estabelecimento religioso. Apenas o Hotel Caravelle que se situa na esquina das Ruas Cruz Machado com Des. Ermelino Leão é que permanecerá, por seu caráter referencial.



FIGURA 162 – Vista da Rua Saldanha Marinho
(FONTE: a autora, 2009)



FIGURA 163 – Vista da Rua Cruz Machado
(FONTE: a autora, 2009)

O vínculo com a cidade de Curitiba é de extrema importância para a coletividade judaica, que busca a convivência pacífica e legítima dentro da dinâmica da cidade.

O terreno da atual sinagoga possui 11 metros de frente e 35 metros de profundidade, totalizando 394,7 m² de área. Os lotes ao lado somam mais 513m², e há ainda o terreno de esquina das Ruas Saldanha Marinho com Des. Ermelino Leão que possui 505m² de área. Assim, a união de todas as áreas confere 1412m² para a construção da nova sinagoga.



FIGURA 164 – Planta da quadra da sinagoga com cotas e curvas de nível
(FONTE: a autora, 2009)

6.2 Programa Básico de necessidade e pré-dimensionamento

O público da sinagoga será composto por membros da comunidade judaica, num total aproximado de oitocentas pessoas, e visitantes.

O uso diário da sinagoga se dará pelas rezas matutinas e vespertinas que ocorrerão, pela presença de um foyer com constantes exposições sobre a cultura judaica aberto ao público, um café também aberto ao público e uma biblioteca com acervo destinado a assuntos judaicos. Outras questões também movimentarão a sinagoga, como aulas de bar-mitzvá, preparação para conversões e casamentos e etc. Durante as grandes festas do judaísmo, a sinagoga estará com sua capacidade máxima.

Para atender a esse público, o programa da sinagoga divide-se em cinco setores: administrativo, convivência, ensino, religioso e serviço. O primeiro é de uso restrito aos membros da diretoria e ao rabino. O segundo é de uso comum da congregação e do público em geral, abrangendo o foyer com exposições, o café e a biblioteca. Os setores religioso e de ensino são de uso da comunidade judaica, com salas de aula e salões de reza. O setor de serviços engloba a cozinha que deverá respeitar as normas da *kashrut* (conjunto de leis alimentares judaicas), os sanitários e as duas mikvot, que necessitam receber água canalizada da chuva.

SETOR	ESPAÇOS	Nº PESSOAS	ÁREA	OBSERVAÇÕES
ADMINISTRATIVO	Sala da segurança	3	10 m²	visão para a rua e para o interior
	Administração	2	6 m²	
	Sala do rabino	2	10 m²	
	Sanitário	4	9 m²	2 cabines
	Sala de reuniões	8	20 m²	
CONVIVÊNCIA	Foyer	800	800 m²	
	Local para exposições	800		podem estar no mesmo espaço
	Café	50	50 m²	
	Biblioteca	50	100 m²	
ENSINO	Sala de estudos	15	40 m²	
	Salão de rezas diárias	50	65 m²	
RELIGIOSO	Salão de rezas para festividades	800	1000 m²	pé direito duplo. Presença de mezanino para as mulheres. Área dividida em 2 níveis
SERVIÇO	Cozinha	4	40 m²	Haver duas cozinhas conectadas, uma para carne e outra para leite
	Sanitário masculino	400	25 m²	5 cabines
	Sanitário feminino	400	25 m²	5 cabines
	Mikve masculina	1	20 m²	receptora de água da chuva
	Mikve feminina	1	20 m²	receptora de água da chuva
total =			2240 m²	
área de circulação =			448 m²	
total geral =			2688 m²	
área do terreno =			1412 m²	

6.3 Partido arquitetônico

“Para a mentalidade grega importa o ser como conceito, mesmo que fixo e imóvel. Para a mentalidade israelita, um tal ser não é uma ‘não entidade’, pois um ser sem movimento não existe. Do mesmo modo, a casa ou o templo: para os gregos significa o objeto-casa ou o objeto-templo, o edifício; para os judeus significa o objeto fruído, o morar ou o lugar de reuniões. Como consequência, a arquitetura inspirada no pensamento helênico baseia-se nas ordens das colunas, nas proporções, nos entablamentos, em uma visão compositiva segundo a qual nada se pode acrescentar ou subtrair, definitiva; enquanto uma arquitetura baseada no pensamento judaico é exatamente o oposto, é uma arquitetura orgânica, viva, modulada segundo as necessidades dos usuários; capaz de crescer e se desenvolver, livre de qualquer tabu formal, da simetria, dos alinhamentos, das relações entre cheios e vazios, das regras perspectivas, enfim, uma arquitetura cuja única lei, cuja única ordem é aquela da transformação.” (ZEVI, 2002, p.21.)

A proposta da nova sinagoga vem embasada na necessidade de haver um espaço adequado aos rituais judaicos. Como o povo judeu possui um histórico de perseguições e fugas, é um povo em constante processo de readaptação a novas realidades. Pois uma readaptação está sendo requerida no imóvel da antiga sinagoga. Uma nova abordagem é necessária para conter as novas demandas da comunidade judaica, que certamente continuará a transformar-se ao longo do tempo. O espaço é relativo e momentâneo. O fator tempo prevalece sobre o espaço por que o homem é um ser desarraigado. Talvez por isso o termo ‘lugar’ [Há Makom], em hebraico, seja frequentemente atribuído a Deus.

“A Bíblia ressalta que o interesse de Deus é pela existência de cada dia, pelos hábitos da vida cotidiana. O desafio não se encontra na organização de grandes sistemas demonstrativos, mas no modo como utilizamos o espaço comum. Por isso, nosso santuário pode ser uma tenda sob a abóbada celeste, uma arca ‘móvel’ que segue nosso itinerário: é um templo que se chama scuola, pois ali se ensina a história, e que pode ser a escola

peripatética do nosso errar, enquanto a história se encontra no Livro que está entre nós.” (ZEVI, 2002, p.11.)

No cenário atual, percebem-se como condicionantes de projeto a relação entre as ruas e calçadas com a nova edificação e suas normas de segurança, a relação da praça como espaço público e, ao mesmo tempo, como plataforma de chegada e saída da congregação israelita. A proposta de haver um espaço público dentro da sinagoga também se configura como desafio pelas questões de permeabilidade e segurança.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAMAS, I. **Jewish Life in the Middle Ages**. Londres: Jewish Publications Society, 1993. 480p.

ATTALI, J. **Os Judeus, o dinheiro e o mundo**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2003. 646p.

CÓRDOVA, A. Gerente de segurança institucional. **Entrevista concedida à autora**. Curitiba, 26.out.2009.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996. 208p.

EKERMAN, S. K. **Judaísmo e identidade na arquitetura de sinagogas**. São Paulo: Revista 18, v.22, p.58-63, 2007.

FALBEL, N. **Judeus no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2008. 821p.

GORSKI, M. Arquiteto responsável pelo projeto do Centro Judaico Bait. **Entrevista concedida à autora**. São Paulo, 17.out.2009.

GROSSMAN, G. **Jewish Museums of the World**. Nova Iorque: Universe Publishing, 2003. 413p.

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.

Marco Zero. Curitiba, 2005.

_____. **Curitiba em dados.** Curitiba, 2000.

_____. **Plano Preliminar de Requalificação da Área Central.** Curitiba, 2008.

ISRAELOWITZ, O. **Synagogues of the United States.** Nova Iorque: Israelowitz Publishing, 1992. 199p.

MEEK, H. A. **The Synagogue.** Londres: Phaidon, 2003. 240p.

OBA, L. **Os marcos urbanos e a construção da Cidade: a identidade de Curitiba.** São Paulo: Tese de Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas, Universidade de São Paulo, 1998. 327p.

PERMAN, S. **Where Spirit Meets Stone.** Nova Iorque: BusinessWeek, 2006.

SCHULMANN, S. **120 anos da imigração judaica no Paraná [Curitiba].** Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman. c. 2009. 1 DVD (23min)

SELTZER, R. M. **ENCICLOPÉDIA JUDAICA: Povo Judeus, Pensamento Jucaico**. Rio de Janeiro: A. Koogan, v. I, 1990.

SPITZCOVSKY, J; UNIKEL-FASJA, M. **Sinagogas do Brasil**. São Paulo: Banco Safra, 2004. 200p.

ZEVI, B. **Arquitetura e Judaísmo: Mendelsohn**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 255p.

8. REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

ARCHDAILY. **Beth Sholom**. Disponível em:

< <http://www.archdaily.com/26634/beth-sholom-stanley-saitowitz-natoma-architects/>>

Acesso em: 12.ago.2009.

BAIT. **Centro Judaico Bait**. Disponível em:

< http://www.bait.org.br/m3.asp?cod_pagina=1208> Acesso em: 02.out.2009.

BETH HATEFUTSOTH. **Sinagogas**. Disponível em:

< <http://www.bh.org.il/exhibition-core.aspx>> Acesso em: 03.out.2009.

BETHSHOLOM. **Sinagoga Beth Sholom**. Disponível em:

< <http://www.bethsholomcongregation.org/synagogue/>> Acesso em: 21.out.2009.

BUSINESS WEEK. **Houses of Worship**. Disponível em:

http://www.businessweek.com/innovate/content/nov2006/id20061122_632270.htm

Acesso em: 04.out.2009.

CHABAD. **Sinagoga**. Disponível em:

< <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/sinagoga/home.html#top>>

Acesso em: 26.set.2009.

CORINALDI, V. **Siza e Botta em Israel**. Disponível em:

< http://www.vitruvius.com.br/drops/drops03_07.asp> Acesso em: 20.nov.2009.

EIBSG. **História Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann**. Disponível em:
< http://www.eibsg.com.br/escola_historia.asp> Acesso em: 26.set.2009.

HERANÇA JUDAICA. **O Tabernáculo**. Disponível em:
<http://herancajudaica.spaces.live.com/?_c11_BlogPart_BlogPart=blogview&_c=BlogPart&partqs=cat%3DMishk%25c3%25a1n%2520%2528Tabern%25c3%25a1culo%2529> Acesso em: 08.ago.2009.

INFOPÉDIA. **Mesquita de Jerusalém**. Disponível em:
< [http://www.infopedia.pt/\\$grande-mesquita-de-jerusalem](http://www.infopedia.pt/$grande-mesquita-de-jerusalem)> Acesso em: 19.ago.2009.

KEHILA. **Histórico Centro Israelita do Paraná**. Disponível em:
< <http://www.kehila.com.br/entidades/cip/historico.htm>> Acesso em: 25.set.2009.

MIDIA JUDAICA. **Centro Judaico Bait**. Disponível em:
< <http://fotolog.terra.com/midiajudaica:8>> Acesso em: 02.out.2009.

MORASHA. **Sinagoga**. Disponível em:
< http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.>
Acesso em: 02.out.2009.

PERI. **Sinagoga Amijai**. Disponível em:
<http://www.peri.com.mx/projects.cfm/fuseaction/showreference/reference_ID/469/referencecategory_ID/17.cfm> Acesso em: 13.out.2009.

RIO TOTAL. **Sinagoga Curacao**. Disponível em:
< <http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda6a2.htm>>
Acesso em: 26.set.2009.

SAITOWITZ. **Portfolio**. Disponível em:
< <http://www.saitowitz.com/portfolio.html>> Acesso em: 04.out.2009

URGELL. **Sinagoga Amijai**. Disponível em:
< <http://www.urgell-penedo-urgell.com/culto.htm>> Acesso em: 13.out.2009.

VALPORTO LEAL, L. **Simbologia das Formas**. São Paulo: REVISTA AU.
Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/144/artigo22114-1.asp>> Acesso em: 04.out.2009.

9. FONTES DE ILUSTRAÇÕES

AMIJAI. **Sinagoga Amijai**. Disponível em:

< <http://www.amijai.org/7.htm> > Acesso em: 13.out.2009.

ARCHDAILY. **Beth Sholom**. Disponível em:

<<http://www.archdaily.com/26634/beth-sholom-stanley-saitowitz-natoma-architects/>>

Acesso em: 12.ago.2009.

ARCHINFORM. **Synagogue Wright**. Disponível em:

< <http://eng.archinform.net/projekte/991.htm> > Acesso em: 03.out.2009.

ARTHISTORY. **Sinagoga em Maon**. Disponível em:

< <http://www.arthistory.upenn.edu/smr04/101910/Slide9.7.jpg> >

Acesso em: 16.nov.2009.

BACHILLER. **Arco de Tito**. Disponível em:

< <http://bachiller.sabuco.com/historia/HA1.ht84.jpg> > Acesso em: 27.set.2009.

BAIT. **Centro Judaico Bait**. Disponível em:

< http://www.bait.org.br/m3.asp?cod_pagina=1208 > Acesso em: 02.out.2009.

BBC. **Germany**. Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/scotland/education/bitesize/higher/img/history/roadwar/rhine/rhineland.gif>>. Acesso em: 29.ago.2009.

BETH HATEFUTSOTH. **Sinagogas**. Disponível em:
< <http://www.bh.org.il/exhibition-core.aspx>> Acesso em: 03.out.2009.

BIBLE. **Sinagoga Capernaum**. Disponível em:
< http://www.bible-topten.com/top_te3.jpg> Acesso em: 16.nov.2009.

BLOGSPOT. **Synagogue Frank Lloyd Wright**. Disponível em:
< <http://pc.blogspot.com/2009/05/beth-sholom-synagogue-frank-lloyd.html>>
Acesso em: 04.out.2009.

BLUFFTON. **Temple Mendelsohn**. Disponível em:
<<http://www.bluffton.edu/~sullivanm/missouri/stlouis/temple/mendelsohn.html>>.
Acesso em 22.set.2009

BORMISTELBACH. **Sinagoga Seitenstettengasse**. Disponível em:
< http://www.borgmistelbach.ac.at/uploads/pics/Synagoge_Seitenstettengasse.jpg>
Acesso em: 18.nov.2009.

BP. **Sinagoga de Hector Guimard**. Disponível em:
<http://1.bp.blogspot.com/_xOE-zK8Nm2w/R7Z_vTILtnI/AAAAAAAAACo/0U8_QiPH-Rs/s400/Rue+Pavee+int.jpg> Acesso em: 12.dez.2009.

BUSINESS WEEK. **Wonders of the World**. Disponível em:
< http://images.businessweek.com/ss/06/11/1121_wow_religion/index_01.htm>
Acesso em: 04.out.2009.

CEPE. **Federação Espírita do Paraná**. Disponível em:
< <http://cepe-pr.com.br/imagens/fep2.jpg>> Acesso em: 30.out.2009.

CKTRAVEL. **Sinagoga em Dohany**. Disponível em:
< http://cktravelservices.com/new_pictures/Dohany%20-%20Budapest-copy.jpg>
Acesso em: 18.nov 2009.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996. 208p.

DESIGN. **Mikve Israel, Louis Kahn**. Disponível em:
< <http://www.design.upenn.edu/archives/majorcollections/kahn/mikvehint.gif>> Acesso
em 22.set.2009.

DRESDEN. **Nova sinagoga de Dresden**. Disponível em:
< http://www.dresden.de/media/bilder/sehenswertes/gebaeude/336_synagoge1.jpg>
Acesso em: 18.nov.2009.

ENG.ARCHINFORM. **Sinagoga em Dresden**. Disponível em:
< <http://eng.archinform.net/projekte/9004.htm>> Acesso em: 18.nov.2009.

EN.WIKIPEDIA. **Sinagoga em Dohany**. Disponível em:
< <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Dohany2.jpg>> Acesso em: 18.nov.2009.

ESNOGA. **Sinagoga Portuguesa em Amsterdã**. Disponível em:
< http://www.esnoga.com/img/jpg%20klein/_N080977b.jpg> Acesso em: 03.nov.2009.

ESPAÇO DE VIDA. **Templo de Herodes**. Disponível em:

<http://bp3.blogger.com/_9F8yi_sRyJk/R78VDIYODel/AAAAAAAAAFc/2SIPycX4Qqo/s1600-h/Templo+de+herodes.jpg> Acesso em 27.set.2009.

FARM. **Sinagoga Francisco Frischmann**. Disponível em:

< http://farm3.static.flickr.com/2182/3533593702_e5a169f706.jpg?v=0>
Acesso em: 09.nov.2009.

FARM2. **Sinagoga Bevis Marks**. Disponível em:

< http://farm2.static.flickr.com/1301/1093267740_5e07b9e960.jpg>
Acesso em: 18.nov.2009.

FARM4. **Sinagoga Princes Road**. Disponível em:

< http://farm4.static.flickr.com/3305/3196367225_9237699072.jpg>
Acesso em: 19.nov.2009.

FLICKR. **Beth Sholom**. Disponível em:

< http://farm4.static.flickr.com/3180/3024744606_ca7d77b02f.jpg>
Acesso em: 25.out.2009.

FLOORNATURE. **Sinagoga de Mario Botta**. Disponível em:

< http://www.floornature.com/worldaround/img_magazine/gop4b_4_popup.jpg>
Acesso em: 20.nov.2009.

FMSP. **Sinagoga Central em Nova Iorque**. Disponível em:

< http://www.fmsp.com/images/PORTFOLIO/port_08_CentralSynagogue.jpg>
Acesso em: 18.nov.2009.

GUETTO. **Sinagogas Italianas**. Disponível em:

< <http://www.ghetto.it/ghetto/imgs/levantina2.gif>> Acesso em: 16.nov.2009.

GOOGLEMAPS. **Beth Sholom**. Disponível em:

< http://maps.google.com.br/maps?utm_campaign=pt_BR&utm_source=pt_BR-ha-latam-br-sk-gm&utm_medium=ha&utm_term=mapas> Acesso em: 25.out.2009.

GORSKI, M. Arquiteto responsável pelo projeto do Centro Judaico Bait.

Entrevista concedida à autora. São Paulo, 17.out.2009.

IMAGES. **Synagogue Beth Shalom**. Disponível em:

< http://images.businessweek.com/ss/06/11/1121_wow_religion/source/8.htm>

Acesso em: 04.out.2009

IMAP. **Nove Regionais de Curitiba**. Disponível em:

< http://www.imap.org.br/files/imap/img/mapa_divisao_regional.jpg>

Acesso em: 20.nov.2009.

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.

Plano Preliminar de Requalificação da Área Central. Curitiba, 2008.

ISRAELOWITZ, O. **Synagogues of the United States**. Nova Iorque: Israelowitz Publishing, 1992. 199p.

JEWISH LIBRARY. **Synagogue Caribbean**. Disponível em:

< <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Judaism/syncarib.html>> Acesso em 23.set.2009.

JEWISHPRESS. **Marc Chagall**. Disponível em:

<<http://www.jewishpress.com/UploadedImages/stdImage/450mcbee-071808-naphtali.jpg>> Acesso em 22.set.2009.

KALIPEDIA. **Sinagoga de Córdoba**. Disponível em:

<http://www.kalipedia.com/kalipediamedia/penrelcul/media/200707/18/relycult/20070718klpprcryc_456.les.SCO.jpg> Acesso em: 16.nov.2009.

KRAKOW. **Antiga Sinagoga em Cracóvia**. Disponível em:

< <http://www.krakow-info.com/synagog.htm>> Acesso em: 16.nov.2009.

KULISCH, N. **Retrato da antiga sinagoga**. Acervo próprio. Curitiba, 2009

LEOLICENSING. **Sinagoga em Kassel**. Disponível em:

< <http://www.leolicensing.com/Strongwater/Judaica/synagogue-kassel.jpg>>
Acesso em: 21.nov.2009.

LOOKINGATBUILDINGS. **Sinagoga em Cheetham**. Disponível em:

< http://www.lookingatbuildings.org.uk/typo3temp/pics/m_08bcf8db5f.jpg>
Acesso em: 18.nov.2009.

MEEK, H. A. **The Synagogue**. Londres: Phaidon, 2003. 240p.

MOMA. **The Collection, Lois Kahn**. Disponível em:

<https://moma.org/collection/browse_results.php?criteria=O%3AOD%3AE%3A493&page_number=1&template_id=1&sort_order=1&artistFilterInitial=W> Acesso em 22.set.2009.

MUSEOEBRAICO. **Scuola Tedesca**. Disponível em:
< <http://www.museoebraico.it/images/sinagoga1.jpg>> Acesso em: 16.nov.2009.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Western Wall**. Disponível em:
<<http://www.nationalgeographic.com/history/ancient/wallpaper/western-wall-herod.html>> Acesso em: 27.set.2009.

PANORAMIO. **Locais de Culto no centro de Curitiba**. Disponível em:
< <http://static.panoramio.com/photos/original/5893570.jpg> > Acesso em: 30.out.2009.

PANORAMIO. **Sinagoga de Córdoba**. Disponível em:
< <http://static.panoramio.com/photos/original/6542169.jpg>> Acesso em: 16.nov.2009.

PBASE. **Sinagoga Bevis Marks**. Disponível em:
<<http://k53.pbase.com/u37/mitchellm/large/23924004.BevisMarkssynagoguebuilt1701.jpg>> Acesso em: 18.nov.2009.

PEREGRINACULTURAL. **Sinagoga Kahal Zur Israel**. Disponível em:
< <http://peregrinacultural.wordpress.com/2008/08/10/sinagoga-kahal-zur-israel-recife-seculo-xvii/>> Acesso em 26.set.2009.

PERI. **Sinagoga Amijai**. Disponível em:
<http://www.peri.com.mx/projects.cfm/fuseaction/showreference/reference_ID/469/referencecategory_ID/17.cfm> Acesso em: 13.out.2009.

PRAIRIEMOD. **Beth Sholom**. Disponível em:

<<http://www.prairiemod.com/.a/6a00d8341bf72a53ef0120a5a12f17970b-300wi>>

Acesso em: 21.out.2009.

RELIGIOES. **A Cúpula do Rochedo**. Disponível em:

< http://miriamz.sites.uol.com.br/Religioes/Isla/ISL_ExpansaoIslamica.htm>

Acesso em: 27.set.2009.

REVISTA 18. **Interior sinagoga Bait**. Disponível em:

< <http://revista18.uol.com.br/visualizar.asp?id=889>> Acesso em: 02.out.2009.

SAITOWITZ. **Beth El**. Disponível em:

< <http://www.saitowitz.com/portfolio.html>> Acesso em: 04.out.2009.

SARAPANPAGI. **Tabernáculo**. Disponível em:

< <http://www.sarapanpagi.org/tabernakel-vt318.html>> Acesso em: 02.out.2009.

SCRAN. **Synagogue Philip Johnson**. Disponível em:

< <http://images.scran.ac.uk/RB/images/thumb/0954/09542107.jpg>> Acesso em 23.set.2009.

SCRAPBOOKPAGES. **Sinagoga Altneuschul**. Disponível em:

< <http://www.scrapbookpages.com/czechrepublic/JosefovPhotos/OldNew05.jpg>>

Acesso em: 16.nov.2009.

SPAINTURISM. **Sinagoga Santa Maria La Blanca**. Disponível em:

<<http://spainturism.files.wordpress.com/2009/05/interior-de-la-sinagoga-de-sta-maria-la-blanca.jpg>> Acesso em: 16.nov.2009.

STATIC. **Tempio Maggiore**. Disponível em:

< <http://static.panoramio.com/photos/original/21958195.jpg>>

Acesso em: 18.nov.2009.

TEOLOGIA. **Mapa das Doze Tribos**. Disponível em:

<<http://www.teologiabasica.com/geografia.html>> Acesso em 26.set.2009.

THEODORA. **Renânia**. Disponível em:

<http://www.theodora.com/maps/new9/rhineland_pfalz_map.gif>.

Acesso em: 29.agosto.2009

UPLOAD. **Sinagoga Seitenstettengasse**. Disponível em:

<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/de/thumb/0/06/GuentherZ_0001_Wien01_Synagoge_Seitenstettengasse_Inneres.jpg/180px-GuentherZ_0001_Wien01_Synagoge_Seitenstettengasse_Inneres.jpg>

Acesso em: 18.nov.2009.

URGELL. **Sinagoga Amijai**. Disponível em:

< <http://www.urgell-penedo-urgell.com/culto.htm>> Acesso em: 13.out.2003

VALPORTO LEAL, L. **Simbologia das Formas**. São Paulo: REVISTA AU.

Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/144/artigo22114-1.asp>> Acesso em: 04.out.2009.

VITRUVIUS. **Sinagogas**. Disponível em:

< http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_01.asp>

Acesso em: 14.out.2009.

WEBLOGS. **Synagogue Baltimore**. Disponível em:

< <http://weblogs.baltimoresun.com/news/opinion/synagogue.jpg>> Acesso em 23.set.2009

WIKIMEDIA. **Sinagoga em Hamburgo**. Disponível em:

< http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Synagoge_Oberstrasse_1.jpg>.

Acesso em: 22.set.2009.

ZCHOR. **Sinagoga em Wolpa**. Disponível em:

< <http://www.zchor.org/verbin/WOLPA.JPG>> Acesso em: 18.nov.2009.

2.BP. **Sinagoga Princes Road**. Disponível em:

<[http://2.bp.blogspot.com/_xOE-zK8Nm2w/R-Jy45M-p-](http://2.bp.blogspot.com/_xOE-zK8Nm2w/R-Jy45M-p-I/AAAAAAAAAOE/7wMt_x19JKk/s400/Liverpool_4.jpg)

[I/AAAAAAAAAOE/7wMt_x19JKk/s400/Liverpool_4.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_xOE-zK8Nm2w/R-Jy45M-p-I/AAAAAAAAAOE/7wMt_x19JKk/s400/Liverpool_4.jpg)> Acesso em: 19.nov.2009.